

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

PALAVRA E IMAGEM: SIGNOS DO PRESIDENTE LULA
NA MÍDIA IMPRESSA

CASCATEL – PR
2008

FRANCISMAR FORMENTÃO

PALAVRA E IMAGEM: SIGNOS DO PRESIDENTE LULA
NA MÍDIA IMPRESSA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, para a obtenção do título de Mestre em Letras – Linguagem e Sociedade, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Acir Dias da Silva

CASCADEL – PR
2008

Ficha catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FORMENTÃO, Francismar

Palavra e imagem: signos do presidente Lula na mídia impressa. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2008.

124p.

Dissertação (mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2008.

Orientador: Prof. Dr. Acir Dias da Silva

Bibliografia

1. Mídia impressa 2. Lula 3. Semiótica 4. Comunicação 5. Ideologia
6. Dialogismo 7. Bakhtin

CDD 400
070
302.2
320
320.532

PALAVRA E IMAGEM: SIGNOS DO PRESIDENTE LULA NA MÍDIA IMPRESSA

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras – Linguagem e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de mestrado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, em 12 de fevereiro de 2008.

Prof. Dr. Acir Dias da Silva (UNIOESTE)
Orientador

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos Professores:

Prof. Dr. Goiamérica Felício Carneiro dos Santos
Membro Efetivo (Convidado)

Profa. Dra. Eliane Cardoso Brenneisen
Membro Efetivo (da instituição)

Prof. Dr. Acir Dias da Silva (UNIOESTE)
Coordenador

Cascavel, 12 de fevereiro de 2008.

FORMENTÃO, Francismar. **Palavra e imagem: signos do presidente Lula na mídia impressa**. 2008. 124 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2008.

Resumo:

A presente pesquisa tem por objetivo o estudo semiótico de enunciados discursivos sobre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, enunciados existentes nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo em maio e junho de 2006. Com Mikhail Bakhtin, fundamenta-se o campo teórico e metodológico desta pesquisa com a análise e a interpretação de relações materializada em signos na sociedade. Bakhtin, por meio da filosofia da linguagem, especifica que a linguagem é produto material da criação ideológica, e o universo dos signos é o universo da ideologia, com correspondência mútua, refletindo e refratando a realidade material da sociedade. O signo ideológico, no entendimento de Bakhtin, permite demonstrar como palavra e imagem são articuladas compondo esferas ideológicas e campos sociais, observados nesta pesquisa em capas de jornais. Articulam-se os elementos que compõem visualmente o veículo de comunicação jornalística, com a correspondência da materialidade sógnica no dialogismo da comunicação. As diversas categorias/conceitos de Bakhtin compõem uma arquitetônica conceitual que, num eixo semiótico-dialético, permitem analisar o sentido da informação jornalística nas capas de jornais. Esta pesquisa demonstra o processo de alteridade do signo evidenciado na síntese reflexiva dos sentidos materializados na comunicação jornalística, presentes nas capas dos jornais e nas instituições imaginárias da sociedade, apresentando refrações objetivas de sentidos.

Palavras-chave: Semiótica. Comunicação. Ideologia. Dialogismo

FORMENTÃO, Francismar. **Word and image: signs of president Lula in the media printed.** 2008. 124 pages. Dissertation (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2008.

Abstract:

This research aims at the semiotic study of the discursive headings about President Luiz Inacio Lula da Silva, present on the covers of the newspapers Folha de S.Paulo and O Estado de S. Paulo in May and June of 2006. With Mikhail Bakhtin, is based the theoretical and methodological field of this research through the analysis and interpretation of relationships embodied in signs in the society. Bakhtin, through the philosophy of language, specifies that the language is a material product from the ideological creation, and the signs universe is the universe of ideology, with mutual correspondence, reflecting and refracting the material reality of society. The ideological sign in Bakhtin's understanding, allows to demonstrate how word and image are articulated composing ideological spheres and social fields, seen in this research of newspaper covers. It is articulated the elements that compose visually the communication vehicle of journalism, with the correspondence of sign materiality in dialogism of communication. The various categories / concepts of Bakhtin compose a conceptual architectural that in a semiotic - dialectical axis allows to analyze the journalistic information existing in newspapers. This research demonstrates the alterity process of the sign evidenced in the reflexive synthesis the senses materialized in journalism communication, present on the covers of newspapers and in the imagined institutions of society by presenting objective refractions of the senses.

Keywords: Semiotic. Communication. Ideology. Dialogism

COMUNICAÇÃO EM MEMÓRIAS

comunicação em memória

Eu sempre imaginei que um grande artista, por mais que se acostumassem à glória, não seria insensível a um elogio sincero, quando esse elogio fosse como um brado de reconhecimento e, enfim, que esse brado pudesse ter um valor de um gênero *singular* quando proviesse de um francês, isto é, de um homem pouco afeito ao entusiasmo e nascido num país onde não mais se tem compreensão da poesia e da pintura, bem como da música. Antes de tudo, desejo dizer-lhe que ao senhor devo o *maior prazer musical que já experimentei*. Sou de uma época em que poucos se comprazem de escrever aos homens célebres, e eu teria hesitado muito tempo ainda em manifestar-lhe por carta minha admiração, se todos os dias não deitasse meus olhos sobre artigos indignos, ridículos, onde se fazem todos os esforços possíveis para difamar seu gênio. Não é o senhor o primeiro homem pelo qual tive de sofrer e enrubescer por causa de meu país. Enfim, a indignação me levou a lhe manifestar meu reconhecimento; eu disse a mim mesmo: quero me distinguir de todos esses imbecis.¹

Caro amigo,

Muito do que foi dito tem a ver com o que, tenho certeza, deve pensar. Baudelaire, antes de muitos que já existiram e de muitos que vão existir, viu na estrutura esteticamente acabada de Wagner a dinâmica e o movimento da vida e de um mundo em comunicação e devir. Lembro a você, como o próprio Baudelaire disse - todos os poetas tornam-se críticos - ver poesia no mundo significa estar constantemente insatisfeito, então, Delacroix, Balzac, Hoffmann, Poe, Rimbaud e até Nietzsche devem ser lidos por você. Eles sempre estão nos ensinando.

Sei de sua admiração pela plasticidade da estética de um ato de sensibilidade humana. Assim, estive lembrando de como se referiu outro dia a Carlos Drummond de Andrade, como o dialético Drummond e também como sempre me lembra, ao falar de comunicação, de Paulo Leminski: “A poesia é para os poetas”, “A arte é para os artistas”, dizendo que a comunicação só acontece quando existe um relacionamento, uma interação de sentido.

¹ BAUDELAIRE, Charles. **Richard Wagner e Tannhäuser em Paris**. Copyright e tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Scrinium, 1999. p. 15-16.

Aproveito a oportunidade para criticá-lo, pois existem muitas pessoas que exercem o jornalismo e não são jornalistas, e muitos que nada exercem, e são jornalistas. Um exemplo de jornalista, o imaginário romântico e real, minha grande admiração, Samuel Wainer², alguém que lutou pela imprensa no Brasil, sem pudores, foi sincero no mal e no bem, com o mundo e com a vida em seu tempo. Você deve saber sobre ele, pois se trata de um tempo em que o jornalismo podia ser inspirador.

É verdade, sempre parece muito fácil nos ancorarmos em imaginários, morrermos agarrados a eles como uma cruz em noite de demônios, mitos que nos vendam para não sentir a frieza rasgar, rachar os lábios, gelar os pés, fazer tremer o tempo todo. Sentir nosso rosto no espelho gritando nosso próprio nome numa loucura, como a que nos submetemos ao tentar explicar o infinito, que é real mas não compreendemos... Imaginários que fazem a humanidade existir e não existir ao mesmo tempo, numa “camelada” de Nietzsche.

Assim caminha a humanidade. Procuramos ainda novas crenças para acreditar, e tentamos superar coisas grandes e pequenas que nos atordoam. Tentamos nos aproximar de algum sentimento que vá às entranhas da alma e, lá no fundo, nos responda mostrando um belo que sacie provocando a vida. A arte pela cultura própria, ou não, a cada um em seu hábitat individual de visão, uma cultura livre, arrebentando as barreiras racistas e preconceituosas que hoje, ontem e amanhã dizem no mundo, como todos que já mandaram nele até o imperador atual, na maldita volúpia que põe atenção de todos em poucos que faz diferente os iguais e iguala os diferentes, numa soma de valores sem valor. Revolta! Não, a acepção não é revolucionária. Manifestar é a “auto-maléfica”. Não ser maldito, mas ser simplesmente o colete das balas, procurando ter a mesma visão do poeta Dante Alighieri, que, num átimo inefável, conduzido por S. Bernardo invocando a virgem, tem a visão da divindade, “um fulgor faiscante que a memória não pode fixar”, mas que aqui procuramos ver em cada expressão humana, dentro e fora da crosta imaginária que nos aprisiona.

A realidade da vida, que talvez ninguém saiba direito qual é, na verdade é com certeza uma coisa: aquela que instiga para continuar, pois “a morte é que consola e que nos faz viver, é o alvo desta vida e a única esperança que, como um elixir, nos dá fé e confiança, forças para andar até anoitecer”, como deixou para nós, Baudelaire.

Posso estar dando dicas e conselhos. Isso não é a intenção. Sei de muitas coisas de que você também gosta, coisas de que não lembra agora, coisas de que prefere não falar. Eu sei que muito do que disse, você, meu caro amigo, deve não concordar, mas, mesmo assim, conversamos.

² Ver WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Nunca teremos certeza se existem verdades universais nas quais podemos confiar. Nosso tempo tem várias verdades, sabemos que elas podem ruir a qualquer momento. Transitamos entre tendências, teorias, modas e tudo mais que o mercado nos oferece. Mundo multifacetado e polifônico. Vozes, olhares, expressões e interpretações denunciam uma época nova e diferente. Não inovadora, no sentido do nunca feito antes, simplesmente nova, recém-feita.³

“Antes de olhar o céu, já sabia que ele estava negro num lado, cor de sangue no outro, e ia tornar-se profundamente azul.”⁴

[...] as filosofias dos filósofos, as sínteses dos sintetizadores, as teorias dos teóricos só revelam seu sentido (desde que o tenham) se encararem como tentativas de ordenar o desordenado, simplificar o complexo, destemporalizar o temporário - sendo o ordenado, o simples, o extratemporal, e sendo o desordenado, o complexo, o ligado à história a “experiência” em que eles como habitantes de seu tempo e lugar, estão imersos. As teorias tendem a ser recipientes claros e bem talhados feitos para receber os conteúdos limosos e lamacentos da experiência. Mas, para conservá-los aí, suas paredes precisam ser duras, tendem também a ser opacas. É difícil ver os conteúdos das experiências através das paredes da teoria. Muitas vezes se tem de furar as paredes da teoria - destruí-las, decompô-las - para ver o que elas escondem.⁵

A arte, neste sentido, é nossa companheira! O cinema nos permite visualizar estas paredes, como resultado de toda vida no mundo, todo o tipo de filme, dos mais complexos aos mais simples. Outro dia ouvi alguém dizendo que se Marx fosse vivo seria como Michael Moore, um crítico árduo de seu mundo. Essa lógica tem muito sentido. Moore é um inconformado com as condições do mundo, ligado à dinâmica social e à velocidade da tecnologia. É um famoso documentarista⁶ dos Estados Unidos. Eu gosto dele.

Sei que o mundo é bem complicado. Poderíamos, nesta missiva, conversar sobre muitas coisas, mas a violência das pessoas e do mundo nos assusta. Este assunto pode ser interessante. Entre os muitos filmes que já vimos, “Pulp Fiction”⁷, de Quentin Tarantino, trata disso. Dirigido ao mercado cinematográfico, marca um estilo e um sentido de mundo eivado na violência. Outro exemplo de sentidos para onde o mundo caminha, é “Táxi Drive”, de Martin Scorsese, filme que impulsiona para uma nova visão da arte cinematográfica sobre a lógica psicológica a que estamos expostos diariamente em nossas relações. Numa abordagem mais estética, o ritmo alucinante do mundo (um ritmo, é claro, também marcado pela violência) é visto em “Sin City”⁸, que, das histórias em quadrinhos, mostra diferentes perspectivas para um fato, marcando também, uma dinâmica social incontestável.

³ KOPP, Rudinei. **Design gráfico cambiante**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p. 21.

⁴ RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record. p. 125.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 106.

⁶ Destaca-se, entre seus trabalhos, “Tiros em Columbine” (2002), que discute um massacre feito com armas de fogo por estudantes numa escola.

⁷ Nome do filme no Brasil: “Tempo de Violência” (1994).

⁸ “Sin City” (2005), direção de Robert Rodriguez, Quentin Tarantino e Frank Miller.

Meu amigo, volto-me ao passado, de nossas conversas infundáveis, de nossas discussões e até de nossas contradições. Volto-me ao passado, buscando tudo que li, para, então, novamente poder discutir com você.

Conforme afirma Jameson (1998), renegar a teoria seria desconsiderar o legado nietzschiano da “estremecedora descoberta da agressividade que fervilha por todos os antigos preceitos éticos”, ignorar a “desarticulação do sujeito consciente e sua racionalização”, empreendida por Freud, e esquecer a atitude de Marx de “arremessar todas as velhas categorias éticas individuais para um novo nível dialético e coletivo”. Porém, como decorrência de todos esses questionamentos, a teoria é hoje um pouco menos majestosa, um pouco mais pragmática, um pouco menos etnocêntrica, masculina e heterossexista, e um pouco menos inclinada aos sistemas abrangentes, recorrendo a uma pluralidade de paradigmas teóricos.⁹

Nem só de lixo vive a massa! Ainda lembro a primeira vez que vi “O pecado mora ao lado”¹⁰, com Marilyn Monroe. Ela estava linda. Falando em cinema novamente, como gosto de ver e rever “Dorival”¹¹ insistir por um banho, a força de uma presença, como em alguns minutos, tanta informação e emoção nos lembram do Brasil e da vida.

Meu amigo, não entenda que estou desabafando. Apenas falo de coisas de que estou lembrando agora, coisas de que você também deve gostar. Por exemplo, a contribuição de De Sica, de Rossellini, de Visconti, que assumiram o risco de mudar. A força da atitude de Enzo Staiola¹², dando apoio ao pai, mostrando uma nova dimensão do humano, um momento marcante na história da arte do cinema.

Como algumas belas passagens se tornaram coisa comum: “Encouraçado Potemkin”¹³, com sua Odessa, inspirou e inspira muita gente ainda hoje; “A Herança”, de Alfred Hitchcock; em qualquer filme temos estudos sobre este grande diretor; os enigmas de Lynch¹⁴, que brinca com o telespectador e com a própria indústria do cinema e da arte; o pioneirismo do eterno mestre George Orson Welles¹⁵, ou, então, como em “Muito Além do Jardim”¹⁶, em que pode se ver nossa mídia na atualidade, e como ela tem relações com os consumidores “passivos” da comunicação de massa.

⁹ STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 361-362.

¹⁰ Direção de Billy Wilder.

¹¹ Ver “O Dia em que Dorival Encarou a Guarda” (15 min, 1986). Direção de Jorge Furtado e José Pedro Goulart.

¹² Ver “Ladrões de Bicicletas”, 1948, de Vittorio De Sica. Cinema marcado como movimento social do Neo-Realismo.

¹³ Ver “Encouraçado Potemkin”, 1925, filme de Sergei Eisenstein.

¹⁴ Cito o filme “Mulholland Drive” (“Cidade dos Sonhos”), com roteiro e direção de David Lynch.

¹⁵ Autor de “Cidadão Kane” (1941), filme considerado pioneiro da linguagem tradicional do cinema moderno.

¹⁶ Being There (1979), com a direção de Hal Ashby, mostra um homem ingênuo que se comunica com o mundo apenas utilizando “chavões” que aprendeu na televisão.

Quem também brinca com os “mitos” que existem em nós, no cinema e na literatura universal, é a sequência de “Shrek”¹⁷, com o Ogro bondoso e a subversão dos contos de fadas. Claro! Ainda tem muita coisa de que gosto, poderia dizer muito mais das virtudes e dos defeitos do que das coisas de que não gosto. Closer¹⁸, “Perto Demais”, deixou-me sem fôlego, pois ainda, quando lembro, fico de boca seca. Em “Senhor dos Anéis”¹⁹ existe um êxtase de aventura, a dupla personalidade de *Gollum* ou *Sméagol*, um vida criada digitalmente é empolgante.

Outro dia encontrei, em meio a alguns papéis, um texto que você me deu. Como vemos e nos vemos idealizando a vida como o rapaz e seu jardim retratados em “Jibóia”²⁰, tudo o que ele queria era fazer um belo jardim, com rosas, samambaias, manjerição, dalias, amores-perfeitos e gramíneas japonesas, mas, julgado pela aparência e pelas condições daquele momento: magrela, descalço e sem camisa, é torturado e morto. Mais um indigente sem história, nem nome.

Como gostei de ouvir o fantástico Maestro Pletskaia²¹ se apresentar, ainda hoje escuto para amenizar minha revolta, e relaxar. A ironia só faz bem!. “O Nascimento de Vênus”²² me atrai, pela beleza, magia e encanto. Também me admira a força e a beleza de todas as Vênus, a Vênus de Willendorf²³, a mais antiga de que temos notícia – para mim, uma prova do papel central da mulher na humanidade. Como me assusta e me comove a “Abertura 1812”, de Piotr Ilhitch Tchaikovski! Como queria saber a verdadeira cor de “Os Girassóis”²⁴ de Vincent Willem van Gogh! Como as obras de Bosch²⁵ me inspiram a tentar compreender o

¹⁷ Produção da Dream Works SKG e Pacific Data Images, que retoma contos diversos e seus conteúdos num sentido crítico.

¹⁸ Closer (EUA), 2004, Direção de Mike Nichols, Direção de Mike Nichols.

¹⁹ Criado por J. R. R. Tolkien, “Senhor dos Anéis” teve direção de Peter Jackson.

²⁰ “JIBÓIA”, Texto de Clóvis de Carvalho. Revista “Caros Amigos”, abril de 2004. A Cultura da Periferia – Ato III. Literatura Marginal.

²¹ Protagonizado pelo fantástico Maestro Pletskaia, e pelo não menos insólito violinista Kraunus Sang. Estes dois senhores, oriundos de um país chamado Sbornia (Sbornia do Sul, para ser mais exato), executam obras de compositores brasileiros mundialmente esquecidos ou ignorados, como Vicente Celestino, Alvarenga & Ranchinho e Cláudio Levitan. Pérolas do cancionário brasileiro, tiradas da Recykla Gran Rechebuchyn (a “Grande Lixeira Cultural da Sbornia”), com as quais fizeram este caleidoscópico colar, o espetáculo “Tangos e Tragédias”. Um exemplo do genuíno Teatro Hiperbólico, estilo de representação muito difundido na Sbornia e característico da cultura daquele intrigante país. Kraunus e Pletskaia fugiram da Sbornia quando aquele errático país foi invadido pelo Rock’n’Roll e, aqui chegando, foram acolhidos por seu padrinho espiritual, Vicente Celestino. Sua influência motivou substancialmente o início da carreira de nossos artistas no Brasil. (<http://www.sbornia.com.br>).

²² Pintura de Alessandro di Mariano Filipepi (Sandro Botticelli / 1445-1510) - pintor italiano da Escola Florentina do começo do Renascimento.

²³ A Vênus de Willendorf é uma estatueta com 11,1 cm de altura representando estilisticamente uma mulher, descoberta no sítio arqueológico do paleolítico situado perto de Willendorf, na Áustria, em 1908, pelo arqueólogo Josef Szombathy. Em 1990, após uma revisão da análise estratigráfica deste sítio arqueológico, estimou-se que tivesse sido esculpida há 22000 ou 24000 anos.

²⁴ (Série de 7 quadros) (1888/1889).

²⁵ Hieronymus Bosch (1450 a 1516), seu verdadeiro nome: Jerónimo van Aken. É conhecido por sua originalidade e interpretado geralmente como precursor de Salvador Dalí. Suas pinturas mais conhecidas são: “As Tentações de Santo Antônio”; “A Nave dos Loucos”; “O Juízo Final”; “O Jardim das Delícias” e “O Carro de Feno”. Ele retrata plasticamente a vida campesina, aliando signos religiosos medievais com múltiplas significações: o cotidiano medieval (o trabalho, a alimentação, o lazer, a sexualidade), a presença onisciente da religião católica (a fraqueza do

mundo, suas vaidades e seus imaginários! Como eu ainda gosto de ouvir “Blister in the Sun”²⁶, interpretada pela banda Sex Pistols! Como ainda gosto de escutar Bacarisse²⁷ enquanto leio!

Oh! Que saudades que eu tenho dos “Meus Oito Anos”²⁸, quando você parecia mais perto. Hoje tudo ficou longe, tudo ficou complicado, nada é simples. E eu continuo fazendo plágio de mim mesmo o tempo todo. Gostaria de ser mais original, libertar-me da fonte de mim mesmo, mais vezes.

Continuaremos nos falando, mesmo porque ainda somos grandes amigos e, tanto para você como para mim, nossas conversas são inevitáveis. Como pensamento, nem sempre pensamos aquilo com o que concordamos. Apenas pensamos, para então avaliar e, é claro, tudo é inefável...

Até depois,

Seu amigo.

pecado, a fragilidade humana diante dos desígnios inescrutáveis de Deus) e o imaginário popular. Aparentemente sempre viveu em sua cidade natal, que atravessava um período de prosperidade econômica; seus temas surgem de modo recorrente em suas pinturas: o pecado, a salvação da alma, os castigos que sobrevêm para o pecador, o inferno, o juízo final e o paraíso terrestre.

²⁶ “Blister In The Sun” (1982) – Banda Violent Femmes.

²⁷ Rodrigo Bacarisse. Concerto de guitarra espanhola.

²⁸ Casimiro de Abreu - “Meus Oito Anos”.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações.....	15
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I	
Comunicação, palavra e imagem.....	26
CAPÍTULO II	
Enunciados discursivos nas folhas de jornais.....	51
CAPÍTULO III	
Refração da realidade e a produção de sentido.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	100

Lista de ilustrações

Figuras

Figura 01 - Folha de S.Paulo - 2.5.2006.....	53
Figura 02 - O Estado de S. Paulo - 2.5.2006.....	53
Figura 03 - Folha de S.Paulo - 5.5.2006.....	54
Figura 04 - O Estado de S. Paulo - 5.5.2006.....	54
Figura 05 - Folha de S.Paulo - 7.5.2006.....	57
Figura 06 - O Estado de S. Paulo - 6.5.2006.....	57
Figura 07 - Folha de S.Paulo - 13.5.2006.....	58
Figura 08 - O Estado de S. Paulo - 13.5.2006.....	58
Figura 09 - Folha de S.Paulo - 2.6.2006.....	60
Figura 10 - O Estado de S. Paulo - 2.6.2006.....	60
Figura 11 - Folha de S.Paulo - 18.6.2006.....	62
Figura 12 - O Estado de S. Paulo - 18.6.2006.....	62
Figura 13 - Folha de S.Paulo - 25.6.2006.....	64
Figura 14 - O Estado de S. Paulo - 22.6.2006.....	64
Figura 15 - Folha de S.Paulo - 30.6.2006.....	65
Figura 16 - O Estado de S. Paulo - 26.5.2006.....	65

Fotos

Foto 01 - Folha de S.Paulo - 5.5.2006.....	56
Foto 02 - O Estado de S. Paulo - 5.5.2006.....	56
Foto 03 - Folha de S.Paulo - 13.5.2006.....	59
Foto 04 - O Estado de S. Paulo - 13.5.2006.....	59
Foto 05 - Folha de S.Paulo - 2.6.2006.....	61
Foto 06 - O Estado de S. Paulo - 2.6.2006.....	61
Foto 07 - Folha de S.Paulo - 18.6.2006.....	63
Foto 08 - O Estado de S. Paulo - 18.6.2006.....	63
Foto 09 - Folha de S.Paulo - 18.6.2006 (2)	63
Foto 10 - O Estado de S. Paulo - 22.6.2006.....	65
Foto 11 - O Estado de S. Paulo - 26.5.2006.....	66

INTRODUÇÃO

A semiótica discursiva proposta pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, sua utilização (em dialogismo com outras categorias/conceitos deste autor) na análise de capas de jornais que apresentam a imagem de Luiz Inácio Lula da Silva durante o mês de maio e junho de 2006²⁹, período em que uma crise foi deflagrada pelo presidente da Bolívia com a nacionalização dos recursos naturais em seu país, prejudicando interesses e investimentos realizados por companhias brasileiras, são objetos desta pesquisa.

Por meio do entendimento da noção de signo ideológico apresentada por Bakhtin, é possível demonstrar como palavra e imagem são articuladas compondo esferas ideológicas e campos sociais em capas de jornais, além de articular os elementos que compõem visualmente o jornal, correspondendo à substância material dos signos num processo dialógico de comunicação. As diversas categorias e os diversos conceitos de Bakhtin compõem uma arquitetônica conceitual que, num eixo semiótico, permitem analisar a informação jornalística existente em jornais.

A comunicação, inserida na sociedade da informação, tem na linguagem um ponto comum para a análise e a interpretação de relações materiais da sociedade. Bakhtin (1995) especifica que a linguagem é produto material da criação ideológica, negando a interpretação da ideologia como falsa consciência, pois:

Um produto faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (BAKHTIN, 1995, p. 31).

O universo dos signos coincide com o da ideologia³⁰. Sua correspondência é mútua e o caráter desta correspondência “coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral” (BAKHTIN, 1995, p. 33). Seja em palavras ou imagens, os signos apresentam-se nas capas de jornais de forma dialética com um compromisso ideológico específico. Cada veículo de comunicação atua na sociedade da informação ou *sociedade midiaticizada*³¹, como tratam alguns autores (MORAES, 2006).

²⁹ As capas selecionadas para este estudo são aquelas que apresentam a imagem do presidente Lula. Ver ANEXO A (2 a 8) e ANEXO B (2 a 8).

³⁰ A questão da ideologia constitui ponto fundamental de estudo em Bakhtin. No decorrer desta pesquisa, a discussão sobre ideologia será retomada diversas vezes.

O ano de 2006 representou um marco histórico na política brasileira. Além de ser o último ano de mandato de um ex-operário na presidência do país, iniciavam-se disputas próprias de ano eleitoral³². Lula, que também é ex-sindicalista, depois de três derrotas como candidato a presidente, venceu como candidato de oposição³³, representando um partido do qual foi um de seus fundadores na década de 1980³⁴.

No campo do conhecimento surgem questionamentos sobre a relação existente entre a mídia e a sociedade que a institui como campo de disputa capitalista, pois, além de ser fundamental no processo de comunicação social, a imprensa é também um elemento importante de registro histórico. Os estudos históricos encontram-se de certa forma eivados pelo presentismo reivindicado por Benedetto Croce³⁵, que estabelece para o estudo da história a concepção de um passado inacabado em permanente reconstrução.

Sobre as idéias de Croce, Adam Schaff³⁶ esclarece que:

É esta visão radicalmente subjetivista da história que o presentismo subentende. Porque se tudo o que existe é um produto do espírito, os fatos históricos são-no igualmente. Não há passado objetivamente dado, há apenas fatos criados pelo espírito num presente extremamente variável. Toda história deve pois ser atual, visto que é o produto de um espírito cuja atividade se situa sempre no presente, e que cria a sua imagem histórica (fora da qual não existe história) sob a influência de interesses e de motivos atuais. (SCHAFF, 1986, p. 111).

Adam Schaff afirma que o conhecimento é um processo infinito de verdades parciais que a humanidade estabelece nas diversas fases de seu desenvolvimento histórico. (SCHAFF, 1986, p. 97).

A construção contínua do passado sempre se dá em um tempo presente para os historiadores e para os pesquisadores das diversas áreas do conhecimento: o sujeito que pesquisa os fatos ocorridos no passado e que estão todos submetidos a condicionantes históricas, está

³¹ MORAES, Dênis de (Org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

³² Lula foi candidato a reeleição, sendo novamente eleito no segundo turno.

³³ A respeito da esquerda, a configuração dos partidos políticos nacionais e das concepções existentes na atuação político partidária no Brasil, vide: CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. **Partidos políticos e educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

³⁴ PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

³⁵ Benedetto Croce (1855-1916), filósofo italiano de tendência hegeliana, entusiasmou-se pelo marxismo durante um breve período (1895-1896), mas ficou decepcionado em face de sua concepção instrumentalista. Publicou, em 1983, "História Simplificada sobre o Conceito Geral da Arte", onde consta dupla rejeição do idealismo hegeliano e do positivismo. Na obra "Estética" (1902), afirma, sobre a arte, opondo-se frontalmente ao positivismo. Destacam-se ainda as obras do autor: "A Lógica como Ciência do Conceito Puro" (1909) e "Filosofia Prática" (1909). (MASIP, 2001, p. 310).

³⁶ Adam Schaff (1913-) escreveu sobre filosofia política, teoria do conhecimento e história. Destacam-se suas obras: "Natureza e Formas da Simpatia" (1913), "O Formalismo em Ética Material dos Valores". "A Situação do Homem no Mundo" (1928). "O homem do ressentimento" (1919). "O Sentido do Sofrimento" (1936). "Problemas da Sociologia do Conhecimento" (1993). (MASIP, 2001, p. 375).

condicionado também, assim como ao conhecimento que a gerou. Trata-se do que Schaff preferiu chamar de “condicionamento social do conhecimento histórico”. Assim,

[...] evidencia-se como imprópria qualquer coincidência entre memória e História. A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psíquico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz. A memória fornece quadros de orientação, de assimilação do novo, códigos para classificação e para intercâmbio social. Nessa perspectiva, o estudo da memória ganharia muito se fosse conduzido no domínio das representações sociais. [...] A História não deve ser o duplo científico da memória; o historiador não pode abandonar sua função crítica; a memória precisa ser tratada como objeto da História. (MENESES, p. 11, 1999).

A imprensa brasileira figura como elemento de disputas políticas desde seu surgimento durante o império português ainda no Brasil Colônia (SODRÉ, 1999). Lembrar estes processos históricos em que surgem estes veículos de informação constitui necessidade para o entendimento de qualquer análise a ser executada em suas páginas.

A Folha de S. Paulo ao lado do jornal O Estado de S. Paulo ocupam papel de destaque como veículos impressos diários de grande circulação nacional e importância política do país. A história destes veículos constitui-se numa trajetória participativa de grandes eventos sociais da história do Brasil e tiveram também participação na ascensão política de Lula e de suas atividades presidenciais.

O Estado de S. Paulo é conhecido como o jornal mais antigo da cidade de São Paulo ainda em circulação. Em 4 de janeiro de 1875, durante o império, circulou pela primeira vez com o nome “A Província de S. Paulo”, mudando seu nome para o atual somente em 1890, com a alteração da nomenclatura das unidades da federação da República. Influenciados pelo ideal da república e com o propósito de combater a monarquia e a escravidão, Manuel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense fundaram o jornal juntamente com outros 16 membros, durante a Convenção Republicana de Itu.

Um marco na história do jornal foi a criação, em 25 de janeiro de 1934, pelo governador Armando de Salles Oliveira, através de decreto, a USP, uma idéia encampada pelo veículo desde 1927, por Júlio de Mesquita Filho. Em 1964, o jornal foi um dos veículos de comunicação que apoiaram o golpe militar que depôs o presidente João Goulart. Em 1966 o Grupo Estado aumentou seu envolvimento editorial com o lançamento do Jornal da Tarde, um veículo voltado à problemática urbana da cidade de São Paulo.

O *Estadão* (O Estado de S. Paulo) foi um jornal criado pelas elites e para as elites: era um jornal das “classes bem pensantes” do país, que se julgavam responsáveis pela educação do povo brasileiro. Em torno da sua Redação tomou forma o projeto de criação da Universidade de São Paulo, tendo como eixo a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cujo objetivo era formar os quadros para a administração do país do ponto de vista tanto político como cultural. (CAPELATO. In: FOLHA DE S.PAULO, 2003, p. 38).

Se o jornal O Estado de S. Paulo é um tradicional órgão da imprensa paulista que foi fundado no século 19, pertencendo desde então a uma mesma família, a Folha de S.Paulo tem uma história diferente: “[...] O jornal [Folha de S.Paulo] foi fundado em 1921 por iniciativa de um grupo de jornalistas que saiu do próprio Oesp [O Estado de S.Paulo]. Esse grupo havia tentado uma experiência que não deu certo: uma publicação chamada *Estadinho*, mais leve e que pretendia atender a um público mais amplo.” Depois do fracasso do *Estadinho*, o grupo de jornalistas buscou criar um jornal voltado para as camadas da população mais pobres, a população em geral. Tendo à frente Olival Costa e Pedro Cunha, é lançado o jornal *Folha da Noite*. (CAPELATO. In: FOLHA DE S.PAULO, 2003, p. 38).

A *Folha da Noite* fez tanto sucesso que já em 1925 foi lançada a *Folha da Manhã*. O enfoque trazia uma linguagem simples com facilidade de leitura e identificação com o povo, o boneco-símbolo (Juca Pato), fazia grande sucesso. [...] No final da década, a sociedade entre Olival Costa e Pedro Cunha se desfez. Olival Costa, o mais combativo, abandonou o jornal, e Pedro Cunha passou a apoiar o governo de Washington Luiz. Essa nova postura resultou no empastelamento do jornal após a Revolução de 1930³⁷. (CAPELATO. In: FOLHA DE S.PAULO, 2003, p. 39).

O jornal, que também passou a utilizar outro veículo, o *Folha da Tarde*, em 1945, teve vários diretores e proprietários. Em 1960 passou a ser um só jornal, a Folha de S.Paulo. Em 1962, novamente muda de mãos, sendo comprada por Octavio Frias e Carlos Caldeira. Em 1964 apoiou o golpe militar e passou a priorizar a modernização do jornal. Em 1977, Octavio Frias se retirou da direção do jornal quando um jornalista, Lourenço Diaféria, foi preso por matéria que desagradou o governo. A partir desta década, a Folha de S.Paulo já havia adquirido tamanho e repercussão nacional. Como a maioria da imprensa que foi a favor do golpe militar, passará agora

³⁷ Movimento de lideranças dos Estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul que culminou com a deposição do presidente paulista Washington Luís. Em 1929 lideranças do Estado de São Paulo romperam a aliança com os mineiros representada pela *política do café-com-leite* (alternância no poder entre representantes de Minas Gerais e São Paulo), indicando o nome de Júlio Prestes como candidato à presidência da República. O governo de Minas Gerais apoiou a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas. Com a vitória de Júlio Prestes, houve movimento armado que deu posse a um “governo provisório”, tendo Getúlio Vargas como presidente em 3 de novembro de 1930.

a ser a favor da abertura política e, em meados da década de 1980, a favor das eleições chamadas “diretas” para o preenchimento dos quadros políticos do país³⁸.

A história da imprensa brasileira demonstra como, nos últimos tempos, passou a ocupar papel importante na sociedade.

Nas últimas duas décadas, a mídia brasileira conquistou a maioria. Passou a se orientar pela busca abrangente de público, induzida principalmente pela criação de uma indústria de consumo poderosa e pelas agências de publicidade – que passam a se pautar por indicadores técnicos de audiência na hora de definição de suas verbas. (NASSIF, 2003, p. 289).

A imprensa diária nesta pesquisa é observada como processo em que se efetivam relações sociais de comunicação e a conseqüente produção de sentido. Por isso conhecer como a comunicação está inserida neste universo ideológico de sentidos é um caminho seguro para a análise e o entendimento destes jornais. Assim, as capas dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo foram escolhidas, pois “é na primeira página que os editores procuram colocar o que de melhor o jornal dispõe. A página inteira deve ter o mesmo tratamento gráfico; sua aparência influencia o leitor e determinará sobre sua preferência” (RIBEIRO, 1998, p. 433a).

Nesta pesquisa é realizado um estudo semiótico que discute os signos ideológicos em interação, seus campos sociais e suas esferas ideológicas. Discute-se também a compreensão imaginária que estas esferas ideológicas assumem na interação jornal-leitor.

Para a fundamentação na filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, assinala-se a existência de múltiplas formas de interpretação teórica e metodológica desse autor; os problemas relacionados a autoria e a traduções de seus textos; as suas raízes epistemológicas – entre outros aspectos – reiteradamente salientadas por inúmeros autores (Cristóvão Tezza, Katerina Clark, Michael Holquist, Irene Machado, Diana Luz Pessoa de Barros, Robert Stam, Beth Brait, Edward Lopes, por exemplo). A pertinência e a atualidade teórica e metodológica desse semiótico russo são demonstradas pelo acúmulo de pesquisas realizadas no Brasil nos últimos anos, assumindo esses aspectos salientados uma condição de enfrentamento necessário ao pesquisador e não um óbice.

De fato, a

[...] obra de Bakhtin e de seu Círculo deu origem a uma das correntes de pensamento mais influentes do século XX. Entre os aspectos responsáveis pela sua repercussão, está a formulação de uma complexa malha conceitual, construída nos interstícios de diversos domínios das Ciências Humanas (a Filologia, a Filosofia da Linguagem, a Lingüística, a Sociologia, a Estética, a História, a Antropologia) e, por isso mesmo, capaz de produzir questões, de orientar

³⁸ CAPELATO, Maria Helena Rolim. História da folha: as diferentes etapas. In: FOLHA DE SÃO PAULO. **Um país aberto: reflexões sobre a Folha de S.Paulo e o jornalismo contemporâneo**. São Paulo: Publifolha, 2003.

abordagens e de apontar caminhos de pesquisa que não se esgotam em uma única disciplina acadêmica. Essa natureza interdisciplinar pode explicar o fato de que a obra do Círculo tenha sido incorporada e articulada a diversos outros teóricos, das formas as mais variadas. (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p. 133).

Ressaltada essa multiplicidade, a produção temática, a riqueza de conteúdo e método, o uso refinado da dialética, permitem uma concentração temática fundada em Bakhtin, acompanhada de relevante fecundidade em diferentes áreas do conhecimento científico. A lógica dialética dos textos de Bakhtin e o encadeamento interativo de seus conceitos-chave são relevantes por sua coerência e alcance conceitual no estudo da comunicação. Os conceitos/categorias deste autor enfeixam dialeticamente as diretrizes nucleares existentes nas várias áreas científicas, possibilitando a detecção, o registro e a análise de sua diversidade, de seus fundamentos, de suas interconexões na interdisciplinaridade.

A concepção dialógica da criação verbal engloba a relação vida/cultura, o real concreto, a formação da consciência dos indivíduos e a materialidade sógnica de todas as produções humanas, dotadas de valor; descentraliza o sujeito e o reconduz à situação de agente ativo em interação constante e fluída, um sujeito responsivo e responsável. Nessa concepção, a mediação é integrante teórico-prático no plano volitivo-emocional e ético-cognitivo, unindo o mundo sensível e o mundo inteligível em conteúdo-forma-processo.

A originalidade da filosofia da linguagem não desconsidera a tecnologia contemporânea. Discurso, enunciado, enunciado concreto e alteridade, são elementos nucleares dessa concepção explicitados em sua materialidade histórica, social e cultural da interação comunicativa. As relações entre linguagem-sociedade-ideologia são examinadas por Bakhtin considerando-se o discurso em sua forma e conteúdo como objeto de significação na cultura social e histórica, que inclui a enunciação (contexto) em suas particularidades (enunciações anteriores e posteriores que são o fluxo de circulação de discursos) e conecta sujeitos interlocutores que se integram em um processo verbal e extraverbal.

O discurso (produção verbal e não verbal) é mediação para a apreensão do mundo e para a apreensão de si mesmo e do outro no mundo; nos discursos, texto e contexto se envolvem diallogicamente. O discurso:

[...] encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientando para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando

com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico (BAKHTIN, 1998, p. 86).

Determina-se, nesse processo, o horizonte social do enunciador e do enunciatário, o horizonte espacial, o conhecimento e a compreensão-avaliação que ambos têm de uma situação. Bakhtin apresenta a compreensão da importância sógnica, entendendo que o signo está presente em enunciados e enunciatários constituem-se signos e são resultado de uma relação com campo social e esfera ideológica definidos. Como Bakhtin também demonstra que o signo reflete e refrata a realidade, que lhe é exterior, no confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, que se enfrentam e se confrontam com atitudes de valor contraditório nesta arena (BAKHTIN, 1995, p. 46), desenvolve-se ideologicamente a oposição política do presidente da República, vinculando também várias produções imaginárias de sentido. “A única maneira de fazer com que o método sociológico marxista dê conta de todas as profundidades e de todas as sutilezas das estruturas ideológicas 'iminentes' consiste em partir da filosofia da linguagem concebida como *filosofia do signo ideológico* [...]” (BAKHTIN, 1995, p. 38).

O método de pesquisa centrado na semiótica bakhtiniana tem o signo ideológico como elo dinâmico na interação e na socialização do homem e fator fundamental da ação material que transforma o próprio homem e a natureza. Os signos assumem forma e conteúdo, conduzindo o sentido para a materialização dos processos de comunicação, em que um exemplo de signo que absorve uma interação onipresente é a palavra.

As características da palavra enquanto signo ideológico [...] fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. [...] a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, [...]. (BAKHTIN, 1995, p. 41).

Entre os vários discursos que um jornal apresenta, é interessante observar aqueles que permitem vários sentidos, pois estas possibilidades estão ligadas ao simbolismo e às potencialidades do imaginário dos produtores e dos consumidores do discurso em questão. Para Castoriadis, “o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é” (CASTORIADIS, 1991, p.154).

Percebe-se que Castoriadis estabelece um sistema de integração entre significantes e significados que se multiplicam, se combinam, que produzem sentidos, que estabelecem metáforas, instaurando uma operacionalidade no processo de significar (1991, p. 170-171). O autor divide a produção imaginária social entre radical (fundamental) e efetiva; esta última

fundamenta o existir do sujeito em sua singularidade, que nada mais é do que um produto de combinações imaginárias que ultrapassam a realidade do sujeito e sua história particular, tanto quanto, a realidade histórica e social em que o sujeito vive (1991, p. 172-173).

Castoriadis (1991) enfatiza as significações vinculadas pelos signos e o sistema de significados (representações, ordens, injunções, incitações, etc.), detendo-se nas necessidades históricas que existem em sociedades distintas e em instituir determinados sistemas de signos e significados – e não outros – que permitem uma operacionalização de representações que não são reais e que na prática organizam os comportamentos e a consciência humana nas relações sociais. O autor afirma que o imaginário social é um reflexo e uma refração ideológica “das condições reais e da atividade social dos homens” (CASTORIADIS, 1991, p. 177). A existência humana é definida nas relações entre a superestrutura e a infra-estrutura em termos histórico-sociais. As sociedades não se organizam em estruturas ou princípios exclusivamente racionais; ao contrário, elas se orientam para atividades instituídas por complexas redes imaginárias em que a forma histórica muda e seu conteúdo é dominado pelo imaginário. Toda sociedade apresenta uma funcionalidade que se organiza em torno de uma pseudo-racionalidade (CASTORIADIS, 1991, p. 180-188).

Com a presente pesquisa objetiva-se promover um estudo semiótico sobre o signo correspondente ao presidente Lula, signo presente nas capas dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo em maio e junho de 2006 (títulos x subtítulos x fotos x legendas de fotos). A reflexão envolve o processo de alteridade do signo, evidenciado na síntese reflexiva de sentidos materializados na comunicação jornalística, presentes nas capas dos jornais e como através de instituições imaginárias da sociedade, apresentam refrações objetivas de sentidos.

No primeiro capítulo (*Comunicação, palavra e imagem*), descrevem-se as vertentes epistemológicas das teorias da comunicação, algumas correntes de estudo da semiótica, a contribuição da Escola de Frankfurt no estudo da comunicação, aspectos da retórica, centrando as considerações nas contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin. Demonstra-se como palavra e imagem são articuladas compondo esferas ideológicas e campos sociais no jornalismo, observando-se como os elementos que compõem visualmente o jornal através do *design* são formas ou substâncias que dão materialidade ao signo, no dialogismo da comunicação.

No segundo capítulo (*Enunciados discursivos nas folhas de jornais*), apresenta-se o material coletado (capas de jornais) com a devida análise semiótica, considerando categorias/conceitos de Mikhail Bakhtin.

No terceiro capítulo (*Refrações da realidade e a produção de sentido*), além da inferência do imaginário social que contribui para o entendimento das esferas e dos campos envolvidos, a

discussão se vale de unidades dialéticas, na perspectiva bakhtiniana, como conteúdo x forma x processo em um debate sobre a refração e o reflexo de sentido destas esferas ideológicas e destes campos sociais.

Nas considerações finais são abordadas as questões referentes ao sentido sógnico em Mikhail Bakhtin, questões circunscritas no campo marxista do conhecimento, campo que permite, num processo de alteridade do signo, uma síntese reflexiva sobre o sentido do signo materializado em jornalismo impresso.

CAPÍTULO I

Comunicação, palavra e imagem

A mídia, campo da comunicação que circula sentido por meio de palavras e imagens, apresenta uma sustentabilidade vinculada a interesses, segundo José Marques de Melo³⁹ (1994). Mesmo as formas embrionárias de jornalismo, os avisos ou gazetas que circulavam no século XV na Europa, já atendiam à necessidade social de informação dos habitantes das cidades, dos súditos e dos governantes. Melo observa que a ausência de periodicidade dessas publicações não era uma contingência apenas tecnológica, mas um fenômeno de caráter político, ocasionado pela existência da censura prévia, exercida em todo o continente europeu nos séculos XV e XVI pelos Estados Nacionais e pela Igreja, nas nações católicas. Assim,

[...] fica evidente a natureza eminentemente política que o jornalismo assume desde o seu nascimento como processo social. Suas formas embrionárias [...] situam-se em dois níveis. Ou são publicações clandestinas, manuscritas ou até mesmo impressas, que circulam à margem do aparelho censório, desafiando o poder absolutista, antecipando as idéias que acabariam por destruí-lo, mas que aparecem regularmente. Ou são publicações oficiais, como a Gazeta de Lisboa, que circula de 1718 a 1760 e de 1778 em diante [...]. (MELO, 1994, p. 20).

No século XIX, com as inovações tecnológicas, a invenção do telégrafo foi, para Jürgen Habermas⁴⁰ (1984), o grande marco da transformação da atividade jornalística em atividade comercial com possibilidades de transmissão que revolucionaram a comunicação da época. Os interesses econômicos passam, a partir do telégrafo, a ganharem maior expressão e o jornal vai se aproximando da forma da empresa capitalista contemporânea.

A história dos grandes jornais na segunda metade do século XIX demonstra que a própria imprensa se torna manipulável à medida que ela se comercializa. Desde que a venda da parte redacional está em correlação com a venda da parte dos anúncios, a imprensa, que até então fora instituição de pessoas privadas enquanto público, torna-se instituição de determinados membros do público enquanto pessoas privadas - ou seja, pórtico de entrada de privilegiados interesses privados na esfera pública⁴¹. (HABERMAS, 1984, p. 218).

³⁹ José Marques de Melo é jornalista, professor universitário, pesquisador científico e consultor acadêmico. Fundador da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, é titular da Cátedra da Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional na Universidade Metodista de São Paulo e presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM. (MELO, 2003b, p. 175-184).

⁴⁰ Jürgen Habermas (1929-), teórico da escola de Frankfurt, autor de: “Teoria e Prática” (1963), “A Técnica e a Ciência como Ideologia” (1968), “Conhecimento e Interesse” (1968), “Movimento de Protesto e Reforma nas Escolas de Nível Superior” (1969), “Moral e Comunicação” (1983), “Teoria dos Meios de Comunicação” (1989) “A Ética da Discussão” (1991).

⁴¹ Existe um local para que as pessoas discutam sobre a vida, isso fora das instituições tradicionais, como a vida doméstica, da igreja e do governo. É a esfera pública, espaço em que, segundo Habermas, as idéias são discutidas (HABERMAS, 1984).

Esta lógica é observada na comunicação jornalística contemporânea, quando a estrutura jornalística é submissa às relações que a “empresa” jornalística estabelece e seus interesses privados. Para estabelecer uma discussão sobre a lógica do modelo de comunicação existente, percebe-se uma multiplicidade de sentidos quanto à noção de comunicação. Os estudos sobre a comunicação aparecem a partir da proliferação de tecnologias e da profissionalização de práticas com uma diversidade de correntes e de tendências do conhecimento científico buscando explicar seu funcionamento e seus conceitos.

Situados na encruzilhada de várias disciplinas, os processos de comunicação suscitaram o interesse de ciências tão diversas quanto a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a economia, as ciências políticas, a cibernética ou as ciências cognitivas. Ao longo de sua construção, esse campo particular das ciências sociais esteve, por outro lado, continuamente às voltas com a questão de sua legitimidade científica. Isso o conduziu a buscar modelos de cientificidade [...]. (MATTELART, 2004, p. 9).

A sociedade da comunicação, principalmente devido à proliferação de diversos sistemas de transmissão de dados, aparece como sendo aquela da reprodução dos estados mentais (MATTELART, 2004). Neste sentido, “é preciso pensar de maneira diferente, portanto, a questão da liberdade e da democracia. A liberdade política não pode se resumir no direito de exercer a própria vontade. Ela reside igualmente no direito de dominar o processo de formação dessa vontade” (MATTELART, 2004, p.187).

Entre os teóricos que compartilharam a idéia de que a partir do iluminismo⁴² a comunicação no sistema capitalista passou a reproduzir estes estados mentais numa lógica de derrocada da cultura estão os pesquisadores da chamada Escola de Frankfurt⁴³. Entre eles, destaca-se Theodor Wiesengrund Adorno⁴⁴, crítico do iluminismo, que defendeu que o indivíduo

⁴² O iluminismo caracteriza-se pela ilimitada confiança na natureza humana, cujo ponto mais alto é a razão. O humanismo renascentista e as descobertas científicas do século XVII prepararam os ânimos para o grande salto: a mudança definitiva da sociedade, guiada pela razão. A Europa inteira participa da revolução iluminista, especialmente a França, seguidora incondicional da nova filosofia, como sociedade organizada e como nação (MASIP, 2001, p. 199).

⁴³ A Escola de Frankfurt abrigou teóricos considerados marxistas revisionistas, que desenvolveram uma crítica radical dos aspectos políticos, sociais e culturais da sociedade burguesa. Em torno de Theodor W. Adorno e de Max Horkheimer destacam-se filósofos pertencentes a esta escola, como Hebert Marcuse (1891-1979), o psicanalista Erich Fromm (1900-1980), o crítico literário Walter Benjamin (1892-1940) e Jürgen Habermas (1929 -). (MASIP, 2001, p. 356).

⁴⁴ O filósofo alemão Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969) nasceu em Frankfurt, considerado como um marxista revisionista. Fundou, junto com Hebert Marcuse, Walter Benjamin e Max Horkheimer, o chamado Instituto de Frankfurt. Consideravam o iluminismo como sistema filosófico que originou as ideologias. Publicou diversas obras consideradas clássicas: “Dialética do Iluminismo”; “Fragmentos Filosóficos” (1944), “Filosofia da Música” (1949), “*A Personalidade Autoritária*” (1950), “Escritos Morais Menores - reflexões sobre a vida danificada” (1951), “Sobre a Metacrítica da Epistemologia - estudo sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas” (1956), “Aspectos da filosofia de Hegel” (1957), “Escritos sobre Música” (1959 e 1963), “Introdução à Sociologia da Música” (1962), “Sociológica” (1962), “Dialética Negativa” (1966). Junto com Max Horkheimer, escreveu “Lições sobre Sociologia” (1956) e “Dialética do Iluminismo” (1947). (MASIP, 2001, p. 356).

passa a ser uma peça dependente da sociedade, com sua liberdade descartada pela sociedade, deixando de ser original. Para Adorno, o iluminismo fez surgir um domínio da razão sobre as demais dimensões humanas (MASIP, 2001, p. 356). Max Horkheimer⁴⁵, outro influente pesquisador desta escola, concordou com Marx quanto à idéia de que a dialética é um processo que abrange não só as relações econômicas, mas também as relações culturais e científicas. Para ele, o processo gerado pelo iluminismo foi o agente causador de “manipulação, exploração e opressão que se constata na sociedade contemporânea, pois instituiu o indivíduo e a realização pessoal como ideais humanos últimos” (MASIP, 2001, p. 355-356).

Destaca-se, na crítica desses autores, o conceito de indústria cultural, indústria que suprime a função crítica e criativa até então existente na cultura e ocorre sua metamorfose em valor mercadológico, dissolve o patrimônio até então acumulado pela humanidade em sua autêntica experiência, degradando-se, conseqüentemente, o papel “filosófico-existencial” que lhe é inerente (MATTELART, 2004, p. 78).

O objetivo da indústria cultural é inteiramente a

[...] imitação. Reduzida a puro estilo, trai o seu segredo: a obediência à hierarquia social. A barbárie estética realiza hoje a ameaça que pesa sobre as criações espirituais desde o dia em que foram colecionadas e neutralizadas como cultura. Falar de cultura foi sempre contra cultura. O denominador “cultura” já contém, virtualmente, a tomada de posse, o enquadramento, a classificação que a cultura assume no reino da administração. Só a “administração” industrializada, radical e conseqüente, é plenamente adequada a este conceito de cultura. (HORKHEIMER e ADORNO. In: LIMA, 1982, p. 169).

Os autores observam que a indústria cultural – pode-se aqui pensar também em comunicação jornalística ou o produto “jornalismo” – dá acabamento ao produto tornando-o algo que não necessita de comunicação de pensamento intelectual para aquele que o percebe. Assim, a “massa”, como os autores destacam, tem seu comportamento automatizado e é forçada à disciplina do espetáculo numa pressão que exclui e desmoraliza aqueles que não se deixam domar, inibindo a reflexão crítica⁴⁶. (HORKHEIMER e ADORNO, In: LIMA, 1982, p. 175-190).

⁴⁵ Max Horkheimer (1895-1973) nasceu em Stuttgart, na Alemanha. Foi o principal idealizador da teoria crítica da sociedade, teoria surgida em 1930. Entre suas obras, destaca-se: “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” (1968), “Estudos sobre Autoridade e Família” (1936), “Estudos sobre Preconceito” (1949-1950), “Eclipse da Razão” (1947), “Notas Críticas” (1949-1969), “A Nostalgia do Totalmente Outro” (1970). (MASIP, 2001, p. 355)

⁴⁶ “O princípio da estética idealista, a finalidade sem fim, é a inversão do esquema a que obedece – socialmente – a arte burguesa: inutilidade para os fins estabelecidos pelo mercado”. (HORKHEIMER e ADORNO. In: LIMA, 1982, p. 195). “Quanto mais a linguagem se resolve em comunicação, quanto mais as palavras se tornam, de portadoras de substâncias de significado, em puros signos privados de qualidade, quanto mais pura e transparente é a transmissão do objeto intencionado, e tanto mais, ao mesmo tempo, os signos se tornam opacos e impenetráveis.” (HORKHEIMER e ADORNO. In: LIMA, 1982, p. 200-201).

Outra área de estudos da comunicação e da cultura agrega estudiosos que apresentam a perspectiva do impacto das tecnologias da informação na sociedade contemporânea, enfatizando a recepção dessas tecnologias sobre as ciências, sobre as formas novas de representação da realidade e sobre a interação entre os novos espaços públicos e os novos sujeitos sociais. Autores como Muniz Sodré, Dênis Moraes, Armand Mattelart, Eduardo Galeano, Jesús Martín-Barbero, entre outros, analisam a nova ordem fundada na sociedade da informação: sua mercantilização, sua eticidade, seus múltiplos objetos, suas técnicas e seus mecanismos de construção de realidades, suas mediações.

Trata-se de fato da afetação de formas de vida tradicionais por uma qualificação de natureza informacional, cuja inclinação, no sentido de configurar discursivamente o funcionamento social em função dos vetores mercadológicos e tecnológicos, é caracterizada por uma prevalência de forma (que alguns autores preferem chamar de “código”; outros, de “meio”) sobre os conteúdos semânticos. (SODRÉ. In: MORAES, 2006, p. 21).

Para Muniz Sodré, a midiatização é mediação social prevalente no mundo atual com autonomia e espaço particular. Ela tem como objeto fundante a interatividade contínua, articulando-se em múltiplas formas híbridas com as várias organizações sociais, todas elas organicamente articuladas em suas finalidades mercadológicas. A midiatização promove o reflexo do real, que é aquele preconizado pela própria tecnologia.

A midiatização implica, assim, uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo ou, pensando-se na classificação aristotélica das formas de vida, um *bios* específico. Em sua *Ética a Nicômaco*, Aristóteles concebe três formas de existência humana (*bios*) na Pólis: *bios theoretikos* (vida contemplativa), *bios politikos* (vida política) e *bios apolaustikos* (vida prazerosa). A midiatização pode ser pensada como um novo *bios*, uma espécie de quarta esfera existencial, com uma qualificação cultural própria (uma “tecnocultura”), historicamente justificada pelo imperativo de redefinição do espaço público burguês. (SODRÉ. In: MORAES, 2006, p. 22).

Levando-se em consideração o conceito aristotélico de *bios*, a cultura tecnológica – o mercado capitalista e os meios de comunicação – traduz-se em um novo tipo de relação com os indivíduos: emocional, sensorial, estética, ética, em torno dos costumes, hábitos e valores.

A partir de uma retórica que demonstra sutil sensibilidade para lidar com símbolos abrangentes, a mídia extravasa emoções que suscitam identificações sociais e psíquicas. Regula-se a relação entre desejo, necessidade de e satisfação, removendo-se aquilo que retarde o ímpeto de consumir ou de que o que perdemos em durabilidade ganhamos em intensidade. (MORAES. In: MORAES, 2006, p. 36).

Na cultura tecnológica destaca-se o culto da imagem ou utiliza-se toda a potencialidade do valor mercadológico da imagem, pois a mudança mais

[...] desconcertante para o racionalismo com o qual se identificou a primeira modernidade talvez seja a que introduz o novo estatuto cognitivo da imagem. Desde o mito platônico da caverna⁴⁷, e durante séculos, a imagem foi identificada com a aparência e a projeção subjetiva, o que a transformava em obstáculo estrutural do conhecimento. Ligada ao mundo do engano, a imagem foi, de um lado, assemelhada a instrumento de manipulação, de persuasão religiosa e política, e de outro, expulsa do campo do conhecimento e confinada ao campo da arte. (MARTÍN-BARBERO. In: MORAES, 2006, p. 72).

Desta forma, a imagem, principalmente com os recursos e inovações tecnológicas, aparece como signo essencial de comunicação num processo de contínua mudança. O que se considera inovação, isto é, apresentar o produto de uma forma original e que faz com que a empresa continue ativa no mercado, comporta um processo de argumentação expressa numa lógica própria. No caso da imprensa, funda-se na construção histórica do imaginário, memória simbólica enraizada na cultura ocidental (MARTÍN-BARBERO. In: MORAES, 2006, p. 61).

Na atualidade frenética, as relações humanas tendem a virtualizar-se ou telerrealizar-se no cenário da midiatização, caracterizado por mediações e interações baseadas em dispositivos teleinformacionais (SODRÉ, 2002, p. 21-25). As tecnointerações exercem influência marcante nos padrões de sociabilidade e nas percepções dos indivíduos. As safras midiáticas generalizam textos e imagens que estruturam simbolicamente a vida e a produção acentuando o *ethos* do consumo. (MORAES. In: MORAES, 2006, p. 36).

Para Frédric Jameson⁴⁸ (1995), a cultura é convertida em economia e a economia se transforma em cultura, dissipando-se as fronteiras entre a vida cultural e a vida econômica. A cultura passa a ser um empreendimento comercial e sua produção industrial se sofisticava nos musicais, nos filmes ou na própria comunicação de imprensa, passando a ser segmentada e a contar com a elaboração de especialistas, mantendo a padronização como forma subliminar. (MORAES. In: MORAES, 2006, p. 37).

As inovações tecnológicas aparecem como um recurso de competitividade nesta rede de consumo da informação. Como exemplo disso, os jornais analisados nesta pesquisa (a Folha

⁴⁷ Para explicar sua concepção de conhecimento, Platão (“República” e “Fédon”) utiliza a metáfora do mito da caverna. Imagina que alguns homens fiquem amarrados numa cova escura, de costas para uma fogueira, sem poder virar a cabeça. Entre a fogueira e os homens passam uma série de objetos, e suas imagens são projetadas na parede da caverna, fazendo-os pensar que as imagens projetadas são reais. Uma vez soltos, ainda sob a luz da fogueira, examinam os objetos que passavam entre o fogo e eles. Saindo da caverna, observam esses mesmos objetos à luz do sol e, finalmente, são capazes de enxergar o próprio sol. Neste mundo, a maioria dos homens permanece no estado de *eikasia* (apreensão das imagens da realidade, o primeiro grau do conhecimento sensitivo), confundindo sombras e realidade, vítimas dos preconceitos, do ambiente e da educação. Uns poucos conseguem ver as coisas da caverna diretamente à luz do fogo *pístis* (apreensão das coisas sensíveis, o segundo grau do conhecimento). Um número ainda menor sai da caverna e pode analisar todas as coisas à luz do sol *diánoia* (captação das entidades matemáticas mediante um processo de raciocínio, o primeiro grau do conhecimento intelectual). Só alguns privilegiados chegam a dirigir seus olhos para o próprio sol *nóesis* (captação direta e intuitiva da idéia pura, segundo grau do conhecimento intelectual). (MASIP, 2001, p. 47).

⁴⁸ Frédric Jameson (1934-) é renomado autor marxista, tendo escrito várias obras centrado na análise da cultura contemporânea, modernidade, capitalismo tardio e inconsciente político.

de S.Paulo e O Estado de S. Paulo) possuem, entre seus produtos, a informação vendida em suas agências de notícias, nos outros produtos impressos pertencentes a seus grupos⁴⁹, informação on-line, através de portais de internet⁵⁰. O jornal impresso, com o nome do grupo, passa a figurar como vitrine da capacidade e do poder competitivo destes veículos. Percebe-se, assim, que a inovação se converte em algo de valor numa lógica de competição, fazendo com que os produtos comercializados se tornem temporários ou em problemas que somente serão resolvidos com novas demandas de produtos e outras inovações tecnológicas. (MORAES. In: MORAES, 2006, p. 41).

Frente ao consenso dialógico, do qual Habermas⁵¹ vê emergir a razão comunicativa – desvencilhada da opacidade discursiva e da ambigüidade política que introduzem a mediação tecnológica e mercantil –, o que estamos precisando pensar é a hegemonia comunicacional do mercado na sociedade, ou melhor, a conversão da comunicação no mais eficaz motor do deslanche e inserção das culturas – étnicas, nacionais ou locais – no espaço/tempo do mercado e das tecnologias. Mas, ao mesmo tempo, estamos precisando pensar o novo mapa que essas tensões desenham entres as mutações tecnológicas, as explosões e implosões das identidades e as reconfigurações políticas das heterogeneidades. (MARTÍN-BARBERO. In: MORAES, 2006, p. 53).

Esta reflexão permite transmutar a discussão da inferência tecnológica como também resultado da exigência de um mercado competitivo e que, nesta combinação espaço-tempo, procura otimizar a lucratividade e, no caso da hegemonia da comunicação, como apresenta o autor, apresentar vozes ao mercado para que este possa buscar, além de sua legitimidade, força e capacidade de perduração.

Também é importante apresentar como a teoria da comunicação transita em diversos campos do conhecimento e como se preocupa com a história, recorrendo repetidamente a Aristóteles⁵², principalmente considerando os elementos persuasivos da comunicação contemporânea.

⁴⁹ Folha de S.Paulo: Editora Publifolha, Instituto de pesquisas Datafolha, Revista da Folha, Guia da Folha, Agora SP, Alô Negócios, Uol – Portal de internet, etc. O Estado de S. Paulo: Jornal da Tarde, Agência Estado, Eldorado AM, Eldorado FM, etc.

⁵⁰ FOLHA DE S.PAULO: <http://www.folha.uol.com.br>; O ESTADO DE S.PAULO: <http://www.estadao.com.br>.

⁵¹ HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

⁵² Aristóteles (384-322 a.C.) foi aluno de Platão, fundador de sua própria escola - o Liceu - e tutor de Alexandre, o Grande. Autor de “A Retórica”, um texto “escolar”, ampliado ao longo dos anos. Deve ser entendido em relação aos Analíticos, ou seja, às obras de lógica. O objetivo deste tratado era resgatar os processos de argumentação e de raciocínio do domínio dos sofistas, que os tinham convertido na arte de “persuadir e convencer a qualquer custo e por qualquer meio”, e colocado a serviço dos políticos e governantes – interessados em seduzir as massas – em troca de vultuosas gratificações. Aristóteles define a retórica como a faculdade de teorizar o que é adequado em cada caso, para convencer ou persuadir. Persuadir significa demonstrar e demonstração se faz por meio de entimemas (silogismos) baseados na dialética, que distingue entre o verdadeiro e o verossímil. Aristóteles abordou em seus textos reflexões acerca da Física, a Metafísica, a Alma, a Lógica, a Ética, a Política, a Poética, os Animais e é claro, a Retórica. (MASIP, 2001, p. 50).

Em tom resolutivo, Aristóteles rechaça tanto a posição dos sofistas, que haviam entendido a retórica apenas como arte de convencer por meio de ação dos afetos, quanto a posição de Platão, que, no *Górgias*, condenara a retórica pelo mesmo motivo. Contra ambos, Aristóteles identifica, na retórica um núcleo racional: a prova, ou melhor: as provas. O nexo entre a historiografia, assim como foi entendida pelos modernos [...]. (GINZBURG, 2002, p. 49).

Aristóteles considera a retórica como processo de compartilhamento de uma idéia e não um processo de imposição. Deve existir liberdade de escolha neste processo e, caso isso não ocorra, não se trata de retórica.

A retórica, desde suas origens – no século V a.C. na Grécia – é campo de profunda complexidade teórica. Pesquisadores nesta área de conhecimento consideram Empédocles⁵³ ou Córax e Tísias⁵⁴ os fundadores da retórica. Sua origem histórica é filosófica e jurídica, pois Cícero⁵⁵ relata a construção teórica e metodológica de Córax e Tísias, que sustentou disputas nos tribunais na Sicília em 467 a.C., caracteristicamente direcionada para a verossimilhança (PLEBE, 1978, p. 2-3).

No século V destacaram-se ainda Protágoras⁵⁶, autor de “*Antilogias*”, considerado o pai da retórica prática e Górgias⁵⁷, teórico da retórica como disciplina autônoma, que, para Platão⁵⁸ e Aristóteles, foi o representante da ciência retórica. Platão, em “*Górgias*”, “*Eutidemo*” e “*Fedro*”⁵⁹, procurou aprofundar questões sobre a retórica, culminando em suas fundamentações por uma oposição à retórica e à sofística.

⁵³ Empédocles (V a.C.) foi filósofo e médico, tendo uma vida ativa na política de sua cidade. O esteio da doutrina do conhecimento de Empédocles é o princípio da analogia: as coisas são conhecidas mediante as coisas que lhes são semelhantes. É autor de “*Sobre a Natureza*” e “*Hino Austral*” (MASIP, 2001, p. 31).

⁵⁴ No século V a.C., o siciliano Tísias foi discípulo de Córax. Conta a lenda que, quando Córax foi cobrar as aulas dadas, Tísias não quis pagar, alegando que, se fora bem instruído pelo seu mestre, estaria apto a convencê-lo a não cobrar, e se este não ficasse convencido, era porque o discípulo ainda não estava devidamente preparado, fato que o desobrigava de qualquer pagamento.

⁵⁵ Marcus Tullius, conhecido como Cícero (106-43 a.C.), foi proeminente homem de estado e orador do século que antecedeu a era cristã, elaborou o primeiro acervo filosófico em latim. Suas obras são: “*Debates Acadêmicos*”, “*Debates Tusculanos*”, “*Dos Cargos*”, “*Sobre a Natureza dos Deuses*”, “*Sobre o Fim dos Bons e dos Maus*”, “*Sobre a República*”.

⁵⁶ Protágoras (490-421 a.C.) foi o mais famoso de todos os sofistas e, segundo Platão, o primeiro a adotar o nome sofista e a exigir pagamento por aulas ministradas. Ficou conhecido pela famosa frase: “O homem é o princípio de todas as coisas, daquelas que são, que são, daquelas que não são, não são”. Outras obras do autor são: “*A Verdade*” e “*Teeteto*”, um diálogo com Platão que parece ter sido originariamente seu (MASIP, 2001, p. 36).

⁵⁷ Górgias (484 a.C.). Em 427, representou a sua cidade natal como embaixador em Atenas para pedir apoio contra Siracusa. Durante sua estada na cidade, exerceu profunda influência na vida intelectual. Conservaram-se duas obras: “*Em Defesa de Helena*” e “*Apologia de Palmedes*” (MASIP, 2001, p. 36).

⁵⁸ Platão (427-347 a.C.), poeta e filósofo, chegou a escrever uma tragédia. Sentia uma admiração especial por Heráclito e Sócrates, de quem foi aluno durante muito tempo. Platão enfrentou dois grandes desafios: primeiro, resgatar a reflexão filosófica do marasmo em que se encontrava, por causa da abordagem subjetiva dos sofistas; o segundo, elaborar um sistema de pensamento, ordenado e seguro enquanto Sócrates se preocupava com a moral, Platão sentia a necessidade de explicar a realidade, no seu conjunto, e de refletir sobre legislação e política (MASIP, 2001, p. 42).

⁵⁹ “*Górgias*” e “*Eutidemo*” são diálogos da chamada época de transição de Platão, quando volta da Sicília e funda a Academia em 387 a.C. Já “*Fedro*” é um trabalho considerado como o grande mito platônico, realizado na chamada época de maturidade (385-370) (MASIP, 2001, p. 42).

Aristóteles, influenciado por Platão, em sua juventude polemizou com seus contemporâneos em relação à retórica, porém expressou, posteriormente, em “Sobre a Retórica”, um pensamento coerente que trata da “retórica antiga” e da “retórica recente”. (PLEBE, 1978, p. 38). Em suas considerações, assinala o gênero do discurso, dividido em: judiciário (aquele que consiste em acusação ou defesa em um tribunal), deliberativo (aquele que permeia uma dissuasão ou exortação numa assembléia para se chegar a uma decisão política) e demonstrativo (relacionado ao presente, que louva ou elogia). Quanto às *provas* ou formas de persuasão, o autor apresenta os conceitos: *Logos*⁶⁰ (quando as provas estão baseadas no conteúdo do discurso, ou seja, na própria argumentação); *Ethos* (relativo ao caráter do orador, à credibilidade que este apresenta diante do auditório); e *Pathos* (emoções do auditório, sentimentos que o próprio orador pode gerar ou não no auditório, o seu estilo). Para o autor, a organização do discurso compreende a etapa argumentativa ou *inventio* / *heuresis*, quando em torno do problema se procuram os argumentos mais eficazes e se procede à escolha do gênero do discurso; a *dispositio* / *taxis*, a ordenação de forma racional dos argumentos; a *elocutio* / *lexis*, os aspectos formais e estilísticos que a situação exige para o ato da locução; e *hipocrisis*, a ação⁶¹. As partes do discurso para o autor compreendem a introdução / exórdio (*prooimion*), a narração (*diegesis*), prova (*pistis*) e o epílogo (*epilogos*). A retórica aristotélica ainda apresenta a forma de raciocínio indutivo (generalização vinda de um caso particular), o *entínema* (forma dedutiva – silogismo retórico) e a chamada *ampliação* (dimensão do discurso no auditório).

A retórica aristotélica foi desenvolvida por Demétrio de Falera⁶² e Teofastro⁶³. Cícero reabilitou e defendeu a retórica no mundo latino, considerando-a complementar à filosofia e não uma mesma técnica formal, reivindicando para essa disciplina o estatuto de arte. A retórica latina entrou em decadência depois de Cícero e a retórica grega atingiu seu último esplendor no século I a.C. Contudo,

[...] na Idade Média, a retórica ocupará um lugar inconfundível e impagável, na qualidade de uma das três disciplinas do *trivium*, ao lado da gramática e da lógica, e das quatro disciplinas do *quadrivium* (aritmética, música, geometria e astronomia). Entretanto, jamais voltará um momento histórico em que a retórica venha a ocupar um posto tão elevado quanto no pensamento ciceroniano, em que constituía, ao lado da filosofia, o supremo grau da educação e do saber humano. (PLEBE, 1978, p. 810).

⁶⁰ É a parte mais importante da retórica, com vários princípios, que considera dois recursos argumentativos fundamentais: o *entínema* (tipo de dedução que mantém semelhança com silogismos, mas não se enfrenta como argumentos totalmente verdadeiros, e sim verossímeis, que podem ser encontrados ou compartilhados pela maioria do auditório) e o *exemplo* (que comprova o argumento) (SOUZA, 2000).

⁶¹ A partir de séculos seguintes a Aristóteles, surgiu a etapa chamada de *memoria*. (GIL, 2005, p. 72).

⁶² Demétrio de Falera foi político macedônio e de Alexandria. Orador em Atenas, governou esta cidade por 10 anos.

⁶³ Teofastro. Discípulo de Aristóteles durante trinta anos, a quem sucedeu na direção do liceu. Suas obras são a Organização do “Corpus Aristotelicum”, “História das Plantas”, “Tratado sobre as Causas das Plantas”, “Grande Moral”, “Opiniões dos Filósofos da Natureza” (MASIP, 2001, p. 67).

Argumentar, convencer, orientar um discurso para um auditório, ocupar-se das diferenças de estruturas de estilo entre a palavra falada e a palavra escrita, utilizar argumentos, escolher conteúdos e a forma do discurso é área de estudos lingüísticos, sociológicos, filosóficos, psicológicos, jurídicos, literários, entre outros. A retórica, estudo da argumentação, foi desvalorizada sob o impacto do protestantismo, do cartesianismo e do empirismo a partir do século XVI. Os avanços das tecnologias científicas e do positivismo favoreceram o entendimento da retórica como mera técnica.

Foi preciso esperar até a década de sessenta para ver renascer um interesse pela retórica. Essa década foi, ao mesmo tempo, o momento em que se começou a tomar consciência da importância e do poder das técnicas da influência e da persuasão ajustadas ao longo do século e a época em que a publicidade começou a invadir com força a paisagem social e cultural. (BRETON, 1999, p. 17)⁶⁴.

Roland Barthes, Olivier Reboul e Shaïm Perelman⁶⁵ concentram suas pesquisas sobre a importância da retórica como elemento do estudo dos signos na vida social, no âmbito da cultura.

Essa nova retórica, segundo Perelman, rompe com o racionalismo cartesiano e retoma os princípios aristotélicos, pretendendo o estudo das técnicas discursivas na teoria da argumentação; ela é construída a partir dos meios utilizados pelas ações humanas como “o direito e a filosofia”; o autor começa seu estudo analisando as “argumentações apresentadas pelos publicitários em seus jornais, pelos políticos em seus discursos, pelos advogados em seus arrazoados, pelos juízes em suas sentenças, pelos filósofos em seus tratados”. (PERELMAN, 1996, p. 11).

Focalizando os signos no estudo da linguagem e de seus componentes, elementos fundamentais na comunicação, observam-se, nesta dissertação, pesquisas que privilegiaram autores de diferentes correntes epistemológicas em torno da semiótica, como Charles Sanders Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Roland Barthes (1915-1980), Algirdas Julien Greimas (1917-1992), Umberto Eco (nascido em 1932), por exemplo.

⁶⁴ O autor se refere à década de sessenta do século XX.

⁶⁵ “Um jurista, filósofo do direito, decidiu assumir e fazer frutificar sua herança ao iniciar o trabalho na sua “nova retórica”. Seu principal livro, “Le Traité de l’Argumentation”, escrito em colaboração com L. Olbrechts-Tyteca, marca uma reviravolta no domínio da retórica. Seu projeto era romper “com uma concepção da razão e do raciocínio vinda de Descartes” [Perelman, 1996, p. 1]. [...] Para Perelman, um raciocínio pode convencer sem ser cálculo, pode ser rigoroso sem ser “científico”. Ele define, então, a argumentação como o “estudo das técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das pessoas às teses que são apresentadas para seu assentimento” [Perelman, 1996, p. 5]. Devemos a Perelman uma verdadeira renovação do interesse da argumentação” (BRETON, 1999, p. 18-19).

Charles Sanders Peirce⁶⁶ afirma que todo pensamento é um signo, e o próprio homem também. Para ele o signo representa algo ou alguém, criando na mente daquele que o observa, ou interpretante, outro signo, representando algo. Peirce, no início de seus estudos, estabeleceu as tricotomias do signo. A primeira envolve a natureza material do signo, na relação do signo consigo mesmo, através de uma singularidade, podendo se tratar de um quali-signo, sin-signo ou legi-signo. A segunda trata da relação do signo com o objeto, podendo ser ícone, índice ou símbolo. E a terceira está na relação com o interpretante, sendo um rema, dici-signo ou argumento (NETTO, 1983, 51-81).

Para Peirce (1977), a semiótica abrange os níveis sintático (quando revela a relação que o signo tem com seu interpretante), semântico (quando diz respeito à relação existente entre o signo e seu referente (objeto)) e pragmático (trata-se da relação do signo com ele mesmo e com outros signos).

É inegável que Peirce foi um pensador original e complexo abrindo caminhos na filosofia e na semiótica. Sobretudo um filósofo. Situa-se na heterogeneidade de uma corrente filosófica pragmática, da qual tem sido também um dos inspiradores. Este pragmatismo pretendia construir uma filosofia positiva, assegurando uma orientação para um sistema de pensamento unificado e sustentado pela “ciência”. (ZECCHETTO, 2005, p. 47).

Ferdinand de Saussure⁶⁷ distingue *langue* (sistema de signos que se encontra na consciência dos falantes de uma comunidade lingüística) e *parole* (discurso, realização individual da língua feita por cada falante em um momento e lugar), sendo essa “a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem”. (SAUSSURE, 1970, p. 38).

Separando língua e fala, o autor estabelece ao mesmo tempo um objeto científico e um objeto especificamente lingüístico: um objeto científico, ao se discriminar o que é geral e social do que é exclusivamente individual; e um objeto especificamente lingüístico, separando-se, ao mesmo tempo, nas próprias palavras de Saussure, “o essencial do acessório”, que completa: “a língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. (SAUSSURE, 1970, p. 92).

Para Saussure, o signo lingüístico é elemento fundamental na comunidade de seres humanos, combina um significante (expressão) e um significado (conteúdo) em relação arbitrária definida sintagmaticamente (entre os elementos que se combinam sequencialmente no discurso)

⁶⁶ Charles Sanders Peirce aparece com uma produção relativamente extensa e complexa. Seus manuscritos chegam a 70.000 páginas, além dos que se perderam; 10.000 páginas são consideradas de relevante importância filosófica e fundamentais na obra do autor, que foi matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano.

⁶⁷ Ferdinand de Saussure apresenta suas obras “Curso de Lingüística Geral” (1916) e “Ensaio sobre a Estrutura Lógica da Frase” (1916) organizadas por seus discípulos Charles Bally e Albert Séchehaye, com colaboração de Albert Riedlinger, sendo no “Curso de Lingüística Geral” que o autor explicita a linguagem como sendo um sistema abstrato de relações diferenciais em todas as suas partes.

ou paradigmaticamente (ente os elementos que podem surgir no mesmo contexto). Saussure enfatiza a divisão dos estudos sincrônicos (descrições da estrutura da língua em um determinado momento) e diacrônico (descrições da evolução histórica da língua, levando-se em conta suas etapas sincrônicas).

Os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação. [...] O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...] O signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. (SAUSSURE, 1970, p. 79).

Para o autor, o verdadeiro e único objeto da lingüística seria a *langue*. A lingüística faria parte da semiótica, a ciência geral dos signos, mais abrangente: os signos se inter-relacionando de modo complexo na estrutura lingüística, permitindo a organização da língua como forma, de modo autônomo à substância (a fônica do significante ou o conceitual do significado). Desencilhando-se da tradição historicista do século XIX, Saussure desenvolveu principalmente estudos sincrônicos. A abrangência dos fenômenos lingüísticos para o autor focaria o universal (linguagem) e o social (língua) e o individual (fala) (CORRÊA, 2002, p. 22).

A distinção apresentada é fundamental na concepção da língua como sistema auto-suficiente, que prescinde do mundo para se explicar. Logo, o princípio da arbitrariedade do signo, que é o primeiro princípio enunciado por Saussure e, segundo ele mesmo, o de primordial importância na análise lingüística, não estaria relacionado com a conexão do signo com o mundo, com a coisa do mundo real designada pelo signo (SAUSSURE, 1970, p. 82). Assim, os componentes do signo, como o conceito (significado) e a imagem acústica (significante) sofrem uma conexão arbitrária: o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou, então, visto que se entende por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, pode-se dizer mais simplesmente que o signo lingüístico é arbitrário (SAUSSURE, 1970, p. 81).

Opondo língua e fala, Saussure conceituou a primeira como “produto da capacidade humana de produzir signos e arranjá-los em sistemas” e a segunda como “execução solitária desse projeto coletivo de significação do mundo”, restrito, portanto, a cada sujeito falante (CORRÊA, 2002, p. 22). Como instituição social, a língua “[...] é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1970, p. 17). A língua existe, portanto, em função de um “contrato” que os membros de uma comunidade falante estabelecem entre si (SAUSSURE, 1970, p. 22).

Saussure - cuja teoria enquadra-se nos limites traçados pelo positivismo – visualizava uma disciplina que estudaria os signos no meio da vida social, com isso validando desde logo o transporte dessa teoria para outros campos. Essa ciência, da qual dizia ser parte da psicologia social, foi por ele chamada de Semiologia, ou ciência geral de todos os sistemas de signos através dos quais estabelece-se a comunicação entre os homens. (NETTO, 1983, p. 17).

Sendo a linguagem, para Saussure, a capacidade da “espécie humana” na produção de sentido, capacidade universal, a linguagem “[...] designaria todas as formas de comunicação, incluindo as verbais e não-verbais” (CORRÊA, 2002, p. 22).

Roland Barthes⁶⁸, partindo dos estudos de Saussure, definiu a semiótica como uma ciência que estuda qualquer sistema de signo, afirmando ser a semiologia uma parte da lingüística encarregada das unidades significantes do discurso (1991, p. 13).

A pesquisa de Barthes se desenvolveu a partir de raízes estruturalistas, abrangendo seqüencialmente o pós-estruturalismo.

Nos anos 60, Barthes foi tanto um estruturalista dominante como um dos primeiros propagadores do programa semiológico de Saussure. Nesta tradição, ele contribuiu para a semiótica do mito, da literatura, da narrativa e dos textos bíblicos, assim como para a semiótica da comunicação visual, com estudos sobre arquitetura, imagem, pintura, cinema e propaganda, tendo contribuído até mesmo para a semiótica da medicina. [...] A pesquisa semiótica mais sistemática de Barthes no quadro do paradigma estruturalista, pesquisa esta que atingiu seu clímax com seu Sistema da moda (1967), foi seguida por trabalhos nos quais ele abandonou princípios do estruturalismo para se converter em um pós-estruturalista. (NÖTH, 1999, p. 133).

Aquilo que Barthes (1991) chama de *os elementos da semiologia* foram agrupados por ele como Língua e Fala, Significante e Significado, Sintagma e Sistema, e Denotação e Conotação. Para o signo, além do significado e significante propostos por Saussure, Barthes afirma que “o plano dos significantes constitui o plano de expressão e o dos significados o plano de conteúdo” (BARTHES, 1991, p. 43). Para ele, o significado aparece como uma representação psíquica de algo e não este algo.

Algirdas Julien Greimas⁶⁹ demonstra, através de representação visual, uma estrutura elementar de significação que acontece através do que ele chama de *quadrado semiótico*.

⁶⁸ Roland Barthes foi escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Utilizou a análise semiótica em revistas e propagandas, destacando seu conteúdo. Dividia o processo de significação em dois momentos: denotativo (quando tratava da percepção simples e superficial) e conotativo (quando carregava mitologias ou códigos que são transmitidos e não percebidos, favorecendo a persuasão).

⁶⁹ Algirdas Julien Greimas foi um linguista lituano de origem russa que contribuiu para a teoria da semiótica e da narratologia, além de ter realizado diversas pesquisas sobre mitologia. Baseou suas pesquisas a partir dos textos de Georges Dumézil, Claude Lévi-Strauss e Marcel Detienne. Greimas apresentou o conceito de retângulo semiótico ou quadrado semiótico, ao observar, por exemplo, o esquema bi-direcional das histórias.

Basicamente, se trata de um esquema lógico de quatro posições, tendo como limite a contradição (representada pelas diagonais do quadrado) e as implicações (representada pelas linhas verticais). [...] O quadro semiótico de Greimas serve para expressar visualmente a lógica (oposição e aproximação) que acontece entre os componentes semânticos de uma determinada narração (um mito, uma novela, um conto, um filme)”. [...] A semiótica narrativa se interessa em descrever e explicar como se procede a recepção de sentido, a partir de um tipo específico de discurso que toma forma de narração. Greimas afirma que o sentido está antes de qualquer produção discursiva. Como se estivéssemos emersos em um universo de sentidos. (DALLERA. In: ZECCHETTO, 2005, p. 155-160).

Umberto Eco⁷⁰ apresenta uma teoria semiótica geral a partir da obra “Estrutura Ausente” (1968), ainda sob a influência das teorias da informação, comunicação, cibernética e do estruturalismo. Sua teoria geral seguiu nas obras “II Segno” (1973), “Semiotics and the Philosophy of Langue e Sugghispecchi e Altri Saggi” (1984, 1985), apresentando teorias relacionadas à iconicidade, à semiótica da metáfora e do símbolo, à tipologia de signos e à teoria dos códigos (NÖTH, 1999, p. 166).

No estudo da semiótica, destaca-se, também, Mikhail Bakhtin, pois a comunicação pode ser observada sob o prisma de uma semiótica discursiva. Rompendo com o cartesianismo e o positivismo, o autor demonstra a comunicação como um processo: nele as consciências individuais interagem com outras consciências individuais, num processo que ganha em complexidade e dinamismo quando o conteúdo e a forma desta comunicação são observados como signos, que, por sua vez, também possuem forma e conteúdo ideológicos em constante interação a partir de esferas e de campos específicos evidentes em múltiplos discursos, como a comunicação social (BAKHTIN, 1995, p. 31-38). O jornalismo materializa estes campos e esferas, mesmo por que

[...] a crítica do discurso, em busca de expressão mais límpida, precisa considerar mecanismos como o da construção do mito retórico: o deslocamento de um signo lingüístico para significar outra coisa, de modo que se impõe duplicidade de entendimentos e se mantém viva a regra social, inocentando suas violações, por mais habituais que sejam.” (LAGE, 1998, p. 44). [...] manchetes, títulos, textos, legendas representam o componente digital da comunicação jornalística. Como é próprio das línguas naturais, a sintaxe lógica é rica e complexa, o que faz do sistema lingüístico o mais adequado à comunicação de conceitos. (LAGE, 1998, p.7).

Observa-se, na complexidade jornalística, além de seu conteúdo, a forma que organiza os componentes apresentados, sejam imagens ou palavras, compondo o discurso de um jornal impresso. Em outros veículos, como no caso da televisão ou do rádio, o som seria também um elemento com conteúdo e forma sígnica de comunicação.

⁷⁰ Umberto Eco, escritor, filósofo e lingüista italiano, é conhecido por seus diversos ensaios universitários sobre a semiótica, a estética medieval, a comunicação de massa, a lingüística e a filosofia. Ficou famoso por seus romances, entre os quais se destacam “O Nome da Rosa” e “O Pêndulo de Foucault”.

A comunicação é instrumento de existência social, *conteúdo* como linguagem e processo, e *forma*, como processo estético efetivado nas relações, um acontecimento material que busca ser interpretado pelas assim chamadas teorias da comunicação. Acontecimento que carrega a alteridade do homem como fator fundamental de um processo que, pela linguagem, dá ao signo sentido e existência ideológica. O homem – num entendimento que não se deixa levar por um reducionismo economicista – é um ser social imerso nesta dinâmica pois,

Para entrar na história é pouco nascer fisicamente: assim nasce o animal, mas ele não entra na história. É necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento *social*. O homem não nasce como um organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o principal. [...] Só essa *localização social e histórica* do homem o torna real e lhe determina o conteúdo da criação da vida e da cultura (BAKHTIN, 2004, p. 11).

Para Bakhtin, o papel contínuo da comunicação, a consolidação do signo ideológico na materialidade do processo de comunicação, não aparece em lugar algum de forma mais clara do que na própria comunicação. O autor parte de uma visão crítica⁷¹ da psicologia e da consciência e a mostra como resultado de um processo social de relações e comunicação edificada através do signo.

A única definição objetiva possível de consciência é de ordem sociológica. A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista etc.). A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo⁷² e o positivismo⁷³ psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seus desenvolvimentos, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN, 1995, p. 35-36).

⁷¹ BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2004. E, BAKHTIN, Mikhail. Filosofia da linguagem e a psicologia objetiva. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

⁷² Immanuel Kant (1724-1804) marcou profundamente o pensamento filosófico do seu tempo e condicionou toda a sua reflexão posterior. Johann Gottlieb Ficht (1762-1814) e Friederich Wilhem Joseph Schelling (1775-1854) interpretam o idealismo transcendental kantiano de uma maneira mais subjetiva e menos crítica. Não têm em conta a noção de “coisa em si” e consideram que o real é constituído pela consciência. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) evoluirá rumo ao idealismo absoluto, segundo o qual o real é a idéia, entendida não em sentido subjetivo, mas pleno (MASIP, 2001).

⁷³ O positivismo é uma corrente sociológica que tem como precursor o francês Auguste Conte (1798-1587). (MASIP, 2001).

A palavra assume condição essencial como elemento da comunicação manifestado na linguagem, que também só tem sentido em sua própria formação e só existe objetivando a comunicação. “*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.*” (BAKHTIN, 1995, p. 36).

A palavra é forma e conteúdo da comunicação, e, como *forma*, ela pode ser sinônimo de uma imagem ou daquilo que assume valor sógnico, pois “é precisamente na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica” (BAKHTIN, 1995, p. 36). Assim, cada signo ocupa um sistema em algum campo social, cultural ou particular da criação ideológica. “Cada domínio possui seu próprio material ideológico e formula signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. O signo, então, é criado por uma função ideológica precisa e permanece inseparável dela.” (BAKHTIN, 1995, p. 36-37). Nas páginas dos jornais este conteúdo ideológico acompanha, de forma dinâmica, a condição sógnica ou semiótica, permitindo, assim, discernir seus enunciados discursivos na análise de seus elementos semióticos próprios, de sua esfera da comunicação.

O entendimento da realidade material nos vários campos da sociedade da informação implica no reconhecimento da materialidade ideológica do signo e do papel fundamental da semiótica como instrumento metodológico de pesquisa, de análise e de exposição de dados sustentada nos parâmetros da filosofia da linguagem.

A equivalência entre os signos e a ideologia em Bakhtin torna todos os fenômenos ideológicos um conjunto de signos, um universo em sua dupla materialidade – a física/material e a sócio/histórica (BAKHTIN, 1995, p. 33):

[...] ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. O ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio-historicamente. E seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas. E o campo privilegiado de comunicação continua se dá na interação verbal, o que constitui a linguagem como o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico. (MIOTELLO. In: BRAIT. 2005, p. 170).

Os parâmetros epistemológicos da semiótica de Bakhtin formam uma arquitetura que dimensiona as relações homem-mundo, sujeito-objeto do conhecimento e conectados à ação humana. A arquitetônica do conhecimento semiótico incorpora dialogicamente o processo histórico e as condições de elaboração de epistemes no processo de transformação contínua, na dinâmica das forças vivas sociais que se determina ética e esteticamente. Bakhtin une

dialeticamente sua fundamentação do signo ideológico e da alteridade das relações sociais com essa arquitetônica vinculada a diversas categorias conceituais, como dialogismo, cronotopo, exotopia, polifonia, palavra, esfera, campo, enunciação, ética, estética, entre outras.

Bakhtin tece sua produção partindo da crítica aos formalistas russos. Suas pesquisas opõem-se ao estruturalismo, à fenomenologia, ao existencialismo, à psicanálise e à visão psicologizante de mundo. Ele critica o relativismo, o reducionismo, a generalização, a abstração a-histórica e as fragmentações existentes nas áreas do conhecimento.

O autor apresenta a semiótica como condição intencional e com uma objetivação específica: a totalidade que implica a conseqüente reflexão sobre os planos, níveis, interações dos discursos produzidos entre a infra- e a superestrutura existentes concretamente, articulando elementos físicos, mentais, emocionais, perceptivos, cognitivos e “psicológicos” entre si e na produção do sentido.

Assim, a totalidade se determina historicamente nas mediações e pelas mediações “pelas quais suas partes específicas ou complexas – isto é, as ‘totalidades parciais’ – estão relacionadas entre si, numa série de inter-relações e determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam” (BOTTOMORE, 1988, p. 381). Ou seja, as esferas/campos que se dialogizam, estabelecendo conteúdo e forma sógnica na produção de sentido.

O conceito de esfera da comunicação discursiva (ou da criatividade ideológica, ou da atividade humana, ou da comunicação social, ou da utilização da língua, ou simplesmente da ideologia) está presente ao longo de toda a obra de Bakhtin e de seu Círculo, iluminando, por um lado, a teorização dos aspectos sociais nas obras literárias e, por outro, a natureza ao mesmo tempo onipresente e diversa da linguagem verbal humana. (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p. 133-134).

Os signos materializados nas esferas/campos sócio-históricos (jornais, círculos sociais) refratam as relações comunicativas existentes na linguagem e, através da linguagem, refletindo e refratando a própria materialidade ideológica sógnica.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica etc. Cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. (BAKHTIN, 1995, p. 33).

Eixo central do pensamento baktiniano, o dialogismo (relações discursivas entre homem-mundo, homem-natureza e sujeito-objeto do conhecimento) ocorre entre discursos que interagem na comunicação e, nessa interação, produzem o processo de significação. “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele

responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc”. (BAKHTIN, 1995, p. 123). Através da linguagem, os discursos são produzidos em condições específicas (enunciação), estabelecendo formas num intercurso social (enunciados) que, além de instaurar relações entre o eu e os outros, veicula o universo ideológico.

O processo dos enunciados/enunciação é constante, não sendo apenas uma fala face a face ou em monólogo do “interior” do sujeito, pois “a situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação”. (BAKHTIN, 1995, p. 125).

O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera: refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles [...] Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem auto-suficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1992, p. 316).

No dialogismo percebe-se que todo enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros, levando em consideração o outro. O lugar onde brota o discurso ou a enunciação está determinado por uma situação social imediata independentemente da existência real do interlocutor. O meio social concreto propicia a emissão de discursos, tendo em vista um horizonte social do outro da classe social do contexto histórico de tal sorte que os discursos irão se aproximar “do auditório médio da criação ideológica” sem “ultrapassar as fronteiras de uma classe e uma época bem definidas”. (BAKHTIN, 1995, p. 113). Para o autor, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação”. (BAKHTIN, 1995, p. 113). Compreende-se as enunciações quando “reagimos àquelas (palavras) que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. (BAKHTIN, 1995, p. 95).

Assim, a filosofia da linguagem de Bakhtin aparece no dialogismo, que, nas palavras de Diana Luz Pessoa de Barros, é o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. (BARROS. In: FARACO et alii, 2001, p. 33). O dialogismo nos textos de Bakhtin e seu Círculo trata do “princípio geral do agir” dos seres humanos, pois toda interação comunicativa tem como ponto de referência o “contraste com relação a outros atos de outros sujeitos” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 106).

Produzido em uma realidade material concreta, o sujeito é o ser do discurso, em uma condição sócio-histórica; com uma individualidade condicionada ao eu e ao outro integrados em uma cadeia semiótica (sínica) no contexto mediato e imediato, sujeitos situados em devir e sustentados na alteridade.

Como o dialogismo é também o princípio gerador da linguagem e da produção de sentido do discurso, todos os discursos empreendem o dialogismo “retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 106). O sujeito descentralizado, interativo, forma a sua consciência pela cadeia ideológica.

Essa cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Os signos só emergem, decididamente, no processo de interação entre uma consciência individual e uma outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social. (BAKHTIN, 1995, p. 34)

Trata-se de uma cadeia de significação de aproximação de um signo a outro ou outros signos conhecidos, ocorrendo a compreensão pelo seu próprio encadeamento.

E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica. (BAKHTIN, 1995, p. 34).

Bakhtin demonstra que o signo reflete e refrata a realidade, que lhe é exterior, no confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, que se enfrentam e se confrontam em índices de valor contraditório. (BAKHTIN, 1995, p. 46). Para a comunidade semiótica, o que realmente importa é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor.

A cultura, com seus universos de discursos e suas diferentes materialidades ideológicas, está em um constante fluxo de sentido e significados, com conexões e processos em cadeias interdiscursivas que estão entre a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos já cristalizados e constituídos (moral, ciência, arte e religião) (BAKHTIN, 1999, p. 119).

Para Bakhtin, o embate ideológico localiza-se no centro vivo dos discursos, seja na forma de um texto artístico, seja com intercâmbio cotidiano da linguagem. Na vida social do enunciado (seja ela uma frase proferida verbalmente, um texto literário, um filme, uma propaganda ou um desfile de escola de samba), cada “palavra” é dirigida a um interlocutor específico numa situação específica, palavra essa sujeita a pronúncias, entonações e alusão distintas. (STAM, 2000, p. 62).

Na interação social, o intercurso da pluralidade sónica abrange comunidades semióticas que têm funcionalidades específicas. Essas funcionalidades, contudo, pela própria plurivalência dos signos (inúmeros valores que se entrecruzam em um único discurso), permite a construção de uma identidade que é por esses signos construída, tanto quanto a fluidez dessa identidade em suas múltiplas refrações (BAKHTIN, 1995, p. 33; p. 34).

No processo histórico de formação identitária, o sujeito não se estabelece de modo univocamente distinto, particular. Ao contrário, se estabelece em vir-a-ser, constantemente se refazendo (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 105). Esse aspecto é pouco perceptível para o próprio sujeito por estar em constante interação com o outro, acreditando que esse outro não faz parte de si mesmo.

Desse modo, os signos evidentes (dominantes-convencionais) se destinam a “uns” e os encobertos-dissimulados a “outros” pela refração da realidade. O dialogismo celebra a alteridade, a necessidade do outro, tornando-se, deste modo, a categoria primordial através da qual Bakhtin pensará as relações culturais. Todos os fenômenos analisados à luz do dialogismo são considerados em sua multidirecionalidade, a orientação de um eu para o outro (MACHADO, 1995, p. 310).

A palavra ou a imagem (signos em comunicação no jornal) assume condição de enunciados, cada qual com sua complexidade específica, com sua própria força, trabalham os signos formando sentido, promovendo discursos.

Os discursos, prenhes de enunciados, integram uma estrutura de significações, com estes signos (imagem ou textos); o enunciado concreto abrange a parte percebida e realizada na palavra ou aquela evidente na imagem; a parte presumida, aquela que leva a um entendimento, estabelece uma miríade de conexões em um contexto extraverbal da vida.

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado ele se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 1998, p. 86).

Os múltiplos discursos (científicos, políticos, religiosos, jurídicos, econômicos) objetificados na cultura operam cognitivamente em seus gêneros primários (formas de organização escrita e oral diárias) e secundários (científicos, literários, jornalísticos).

Os discursos no jornalismo impresso assumem forma nos signos visuais apresentados, desde a tipologia (tipo de letra nos textos e títulos) até recursos *infográficos*, charges, fotos e formatação, existentes nos jornais desenvolvidas por seus diagramadores e *designers*. Assim, o *design* assume papel de grande importância quando aparece como artifícios dos quais depende a boa comunicação do conteúdo, e sua forma passa a ser objeto de estudo nas redações com o fim de motivar o leitor ao ver a capa para que abra e leia o jornal.

O *design* não tem uma história específica, pois sempre oscilou entre diversas correntes estéticas, principalmente ligadas à arte. Em alguns momentos, algumas escolas e tendências tiveram prevalência, mas, comercialmente, somente durante e após a Segunda Guerra Mundial o *design* assumiu papel estratégico na comunicação.

Seguindo a tendência dos mercados globais após a Segunda Guerra Mundial, as empresas passam a buscar novos clientes. Nos Estados Unidos, um país não devastado pela Guerra, isso é mais evidente. Neste período, as multinacionais prosperam e procuram melhor forma de se comunicar com seus clientes nos diversos países em que possuem filiais. A comunicação com diferentes culturas e línguas diversas proporciona um desenvolvimento universalizante do *design* (KOPP, 2002, p. 65-67).

As empresas passaram a contratar artistas gráficos, os *designers*, para desenvolverem aspectos visuais e manuais de identidade visual, pois foi percebido na imagem visual uma funcionalidade com capacidade de demonstrar austeridade, estabilidade, precisão, disciplina, neutralidade e conteúdo, que, nesta época, tratava-se de demonstrar aspectos da modernidade. Na década de 1970, os *designers* começam a encarar a comunicação visual cada vez mais como uma forma de transmissão de sentido e não uma prática tecnicista contribuindo para a formulação de mensagens mais eficazes. (KOPP, 2002).

Em meados dos anos 1980, uma nova prática começa a se instalar no meio gráfico. Os computadores pessoais já eram uma realidade, mas sua ubiquização era gradual, não fazendo parte, como hoje, de praticamente todos os setores da vida cotidiana. A partir de 1984 o computador pessoal da *Apple*, o *Macintosh*, oferece as primeiras possibilidades de *hardware* a *designers* para se tornar uma ferramenta efetiva nas artes gráficas. Com o desenvolvimento da linguagem *PostScript* (*Adobe Systems*) e do *software* de paginação *Page Maker* (*Aldus*) em 1985, estavam criadas as condições para os primeiros experimentos em *design* gráfico envolvendo a informática. (KOPP, 2002, p. 82-83).

A forma na comunicação visual reflete e refrata a realidade social, torna-se signo, passa a possuir significado dentro de uma esfera específica, e, assim, passa a assumir tendências visuais que são adjetivadas como flexíveis, transitórias, fugidas, cambiantes, fragmentadas ou liquefeitas, mostrando como estes signos que dão materialidade ao conteúdo jornalístico são criados com base no público leitor e no mercado consumidor da informação. Podem-se tomar, por exemplo, cadernos direcionados aos jovens, pois possuem um *design* mais “rabiscado”, menos comprometido com as formas retas; já um caderno de economia assume um *design* “conservador”, preciso e conciso.

O *design* passa a combinar técnicas artísticas, tecnologias de impressão e interesses mercadológicos, espelhando o contexto social em que está inserido (KOPP, 2002, p. 125). As

sociedades modernas estão em constante dinâmica social e o mercado exige constante movimento de consumo. Assim, o *design*, em um caminho

[...] entre a indústria, a tecnologia, a arte, a cultura, o consumo e o público faz esse campo ser um espelho das transformações nas esferas, atualmente, mais sensíveis da sociedade. Se até nossa identidade cultural é cambiante, sem um lastro crível como se acredita até poucas décadas (ou anos), não representa uma surpresa tão grande percebemos que a indústria tem uma produção flexibilizada, pronta para se reprogramar facilmente, ou ainda, que os tão conhecidos projetos gráficos fixos não simbolizem mais a quintessência do *design* gráfico. (KOPP, 2002, p. 93).

A programação visual na comunicação jornalística, com fios, retículas, disposição de textos, tipologia e fotos, por exemplo, possui elementos que são trabalhados com técnicas apuradas e o jornalista, sendo um planejador da forma gráfica, fica atento ao discurso/enunciado que será interpretado por um público específico e não para outro. O uso de técnicas básicas, como as apontadas por Robin Williams (1995), é um caminho para a formulação do que seria um início para o estudo de linguagem visual. Com a proximidade, alinhamento, repetição e contraste existem regras, que, como na gramática – área da lingüística que estuda a morfologia e a sintaxe das palavras de uma língua –, oferecem uma estrutura para a comunicação verbal. Na linguagem visual, este início fecunda o debate para uma estruturação.

Para Milton Ribeiro, utilizar “pesos, formas, direções e tamanhos alternados”, fornecendo contraste, têm resultado uma “composição visual impressa” não monótona; o equilíbrio entre o topo do jornal e a sua parte inferior, proporciona uma “harmonia dos textos” e imagens ao serem vistos pelo leitor; através da unidade, conjuga-se todo o conteúdo de uma página, exibindo-o numa “adequada ordem”. Por último, a proporção dos textos e das imagens deve ser “conveniente” para o leitor. (RIBEIRO, 1998, p. 312a).

Os textos possuem, na

[...] tipologia, no campo gráfico, o estudo dos componentes gráficos. Portanto, todos os grafismos podem ser expressos graficamente; da mesma forma os suporte e os contragrafismos também constituem as estruturas elementares do impresso, e são autênticos componentes gráficos. O núcleo imponente das coleções de sinais estruturais, o imenso repertório de sinais inerentes às atividades humanas, os símbolos, os emblemas e os frisos constituem um repertório de argumentos de estudo. (RIBEIRO, 1998, p. 421a).

Os elementos que compõem visualmente as formas constituem a substância material daquilo que é observado, seja o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala ou movimento (DONDIS, 1997, p. 51). Nestas formas, esses elementos são a matéria-prima de todos os signos perceptíveis em uma primeira página de jornal, sendo combinados de diversas formas, compondo uma cadeia sónica e formando a página como enunciados de um discurso.

O jornalismo situa-se como um espaço de produção de discursos que se instaura no dialogismo, que é “o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso” (BARROS. In: FARACO et alii, 2001, p. 33). Como gênero, assume esferas e campos de circulação e significação que recriam em signos uma materialidade específica da realidade, uma mediação da mediação.

O esclarecimento do processo comunicativo da imprensa como ato/atividade/evento em que a forma jornalística se integra à teoria do conhecimento e à “ação concreta (ou seja, inserida no mundo vivido) intencional [...] praticada por alguém situado, não transcendente” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p.20), coloca o sujeito que age no mundo em atos sucessivos de modo participativo e responsável, respondendo a situações reais, nelas se incluindo. Dessa forma, “o ato responsável envolve o conteúdo do ato, seu processo, e, unindo-os, a valoração/avaliação do agente com respeito ao seu próprio ato, vinculada com o pensamento participativo” (SOBRAL, In: BRAIT, 2005, p. 21).

As esferas/campos discursivos de sujeitos que partilham de um horizonte social (jornalista, proprietário do veículo de comunicação e, de outro lado, o leitor), de uma compreensão e conhecimento, e de uma avaliação comum de uma situação formam produções ideologicamente valoradas. As inúmeras esferas ideológicas que transitam entre a infra- e a superestrutura (jurídica, política, religiosa, familiar, científica, etc.) refratam a realidade sócio-histórica concreta.

[...] As esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros. (GRILLO. In: BRAIT, 2006, p. 147).

O sujeito, no evento de ser, processo de devir existencial, constitui-se como tal na cultura em tempo e espaço dinâmicos que entrelaçam passado, presente compartilhados pelos demais sujeitos sociais. Define-se, desse modo, o produtor do discurso, todo e qualquer sujeito, as criações artísticas e culturais, o tempo homogêneo/heterogêneo nas esferas da comunicação. Assim, o dialogismo dialeticamente expande as fronteiras de áreas mantidas estáveis, sustentadas na racionalidade do *cogito* cartesiano e na aquisição do conhecimento da *ratio* esclarecida do iluminismo que apresentam várias faces: a do determinismo absoluto da objetividade do objeto, que privilegia estrutura, forma e técnica, exclusivamente; sua subjetividade absoluta, que oferece uma gama de orientações de conteúdo em detrimento dos aspectos técnicos e formais; a das vertentes que mesclam esses pontos-limite de objetividade e de subjetividade.

O signo, neste processo dialógico e de alteridade, apresenta-se de forma interdisciplinar, orientando-se para uma dinâmica de fluxo interacional de “totalidades” sócio-históricas em sua integração e funcionalidade ideológica e de significação, de construção, produção e circulação de sentido de ordem estética, ética e cognitiva.

Os discursos promovidos pela forma e pelo conteúdo do jornal dialogam entre si e, com os signos, envolvem o leitor, possibilitando múltiplas relações de alteridade, aqui conotadas como ouvinte⁷⁴. O ouvinte é a alteridade plural, os outros aqui localizados: como reflexo do próprio eu, a projeção de si mesmo como reflexo especular do já visto, reassegurando ao sujeito aquilo que é; alteridade como reflexo de si mesmo que nega a diferença do outro, seja como ruptura ao centramento de si mesmo, seja como negação da diferença visível, imediata; como estranhamento na percepção estética do mundo em que o sujeito desconsidera as relações triviais automáticas (da prosaica, da linguagem comum, do pensar corriqueiro) para perceber o outro de modo não automatizado, mas, sim, em sua singularidade: nesse procedimento cada sujeito singular é receptivo aos outros singulares, e, por extensão, aos demais objetos que existem no mundo como singularidades unívocas, não repetíveis; como representação, como simulacro, em que o outro é um duplo, pois representando não deixa entrever aquilo que realmente é; como retorno, o outro reflete aquilo que vê em mim, permitindo que me veja pelos olhos do outro; como negação dos valores estéticos e das normas morais, éticas do outro, assumindo o eu pela rejeição adotada, uma positividade autocentrada; a negação apresenta vertentes como aquelas que incitam à dissolução do outro (eliminação), seu afastamento (distanciamento), seu deslocamento para os planos do imaginário e do patológico; como distanciamento: o outro, nesse caso, se insere em uma dimensão de tempo/espço e transita em um movimento retilíneo entre o imediato até o longínquo com denotações afetivas de interação próxima (reiterativa) até a mais espaçada, condizente com as noções de partilha, de comprometimento relacional; como similaridade, recebendo o outro o estatuto da igualdade da natureza do eu, da homogeneidade fundada em características comuns.

A filosofia da linguagem de Bakhtin não esclarece a alteridade como diferença ou como par antagônico do eu. Não estabelece também ordenação, combinação de ordem valorativa ou normativa. O significado da alteridade ocorre entre o eu e o outro como interação em que ambos se incluem mutuamente. As relações recíprocas se definem na tríade eu-para-mim, no outro-para-mim e no eu-para-o outro, como ação concreta, ato em realização que requer compreensão responsiva e assunção responsável (responsabilidade) de ordem ética e cognitiva.

⁷⁴ Bakhtin considera ouvinte tanto o autor do texto quanto aquele a quem ele se destina. Não se trata de público leitor, pois, para Bakhtin, quem escreve um texto/discurso o orienta supondo um ouvinte abstrato determinado,

Nesse processo, os sujeitos participam ativamente da interação, experienciam o mundo em ação situada e avaliativa, valorada no eu-para-mim, no outro-para-mim e no eu-para-o outro.

Em Bakhtin existe uma dinâmica fluida na alteridade com sua conseqüente produção de sentido, um sistema aberto que não absolutiza e também não relativiza axiologicamente o processo do vir-a-ser humano, considerando como eixo deste processo o signo que, com sua forma ideológica, estabelece o sentido (conteúdo) na linguagem e pela comunicação, que se pode observar nas capas apresentadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

Enunciados discursivos nas folhas de jornais

O jornalismo impresso deposita grande importância na primeira página de cada jornal, pois essas páginas representam a identidade social, as características jornalísticas (visual e de conteúdo), as posições diante dos fatos e a seleção que o jornal faz dos acontecimentos sociais. Na capa, os conteúdos são intencionalmente trabalhados com objetivos variados, desde uma capa impressionante que convença o leitor a comprar o jornal até uma capa com conteúdo determinado por interesses políticos.

Nestas capas, os enunciados assumem um processo enunciativo-discursivo, congregando o próprio enunciado, seu plano verbal e extraverbal. Assim,

[...] as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações. Mas, justamente, para estudar as formas dessas unidades, convém não separá-las do curso histórico das enunciações. Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações). (BAKHTIN, 1995, p. 125).

Os enunciados perceptíveis nas capas de jornais se realizam numa interação com aquele que faz a leitura dos títulos, dos subtítulos, das fotos, das legendas, construindo uma relação dialógica real de comunicação, em que estes elementos carregam em si outras relações, como por exemplo a existente entre os títulos ou entre a legenda e a foto, que se consumam através do signo, que produz sentido, na enunciação.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta. Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1995, p. 123).

Este movimento social determina a estrutura da enunciação, conduzindo objetivamente o sentido ideológico (BAKHTIN, 1995, p. 113). Assim, percebem-se, nas capas, os enunciados que constituem uma enunciação numa cadeia discursiva de signos sobre aquilo que é objeto da comunicação.

Nas capas analisadas, a partir do anúncio da nacionalização das reservas naturais de gás e do petróleo boliviano, existe uma intensa cobertura da mídia sobre os desdobramentos e as negociações governamentais. As capas do dia 2.5.2006 (Figuras 01 e 02) referem-se ao momento em que a mídia impressa anuncia as medidas bolivianas.

Figura 01



Jornal Folha de S.Paulo – 2.5.2006
(Anexo A – 1)

Título principal:

Bolívia nacionaliza gás e petróleo

Título secundário:

Lula diz que PT tem de saber a “importância da reeleição”

Figura 02



Jornal O Estado de S. Paulo – 2.5.2006
(Anexo B – 1)

Título principal:

Bolívia nacionaliza petróleo e gás; Exército ocupa Petrobrás

Título secundário:

Lula diz que será julgado pelo povo e quer PMDB

As capas demonstram, em seus títulos principais, o signo de uma guerra deflagrada. A imagem dos soldados e a ocupação da Petrobrás são movimentos de uma guerra de interesses econômicos. No mesmo dia, a palavra Lula evidencia o signo da campanha eleitoral nos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo, que também produz sentido de tribunal. Conforme Tabela 1 (ANEXO C – 1), o enunciado que determina que Lula passará por um tribunal – fato que acontece àqueles que cometem erro – como título secundário na capa do jornal e ao lado do título que mostra a nacionalização do gás e petróleo boliviano, produz sentido de que, o aliado, aquele que Lula apoiou à presidência da Bolívia, o está traindo, e por isso ele, Lula, será julgado. Em sentido oposto, o signo abordado no outro jornal é o que mostra Lula atento ao partido, que precisa se preocupar com a reeleição.

Nas capas dos jornais, seja em palavras ou em imagens, os enunciados revelam signos, que estão dialeticamente organizados refratando e refletindo um compromisso ideológico específico. Nesta organização, a correspondência do signo e de seu universo é mútua, produzindo sentidos objetivos. A importância do signo está na compreensão de sua esfera e campo social

definidos, pois a realidade objetivada lhe é exterior e, nesta arena discursiva, há o enfrentamento e o confronto de cadeias sógnicas que compõem um horizonte axiológico de valores ideológicos pertinentes a estes signos (BAKHTIN, 1995).

Perceber estes signos é compreender estas contradições e estes sentidos no universo da comunicação analisada. As primeiras imagens do presidente Lula relacionadas à “crise” deflagrada entre o Brasil e a Bolívia estão nas capas do dia 5.5.2006 (Figura 03 e 04). Nestes jornais existe a cobertura da primeira reunião entre o presidente do Brasil e o presidente Evo Morales, da Bolívia, sendo mediada pelos presidentes da Argentina, Néstor Kirchner e da Venezuela, Hugo Chávez.

Figura 03



Jornal Folha de S. Paulo – 5.5.2006
(Anexo A – 2)

Título principal:

Reunião mantém indefinições sobre gás

Subtítulo:

Encontro de presidentes de Brasil, Argentina, Venezuela e Bolívia não definiu parâmetros para preço nem garantias a empresas estrangeiras

Título secundário: Apoio de Lula divide Marta e Mercadante sobre indicação

Legenda:

Da esq. para dir., Morales, Chávez, Kirchner e Lula conversam em reunião em Puerto Iguazú, na fronteira com o Brasil

Figura 04



Jornal O Estado de S. Paulo – 5.5.2006
(Anexo B – 2)

Título principal:

Lula não obtém concessões e desautoriza a Petrobrás

Subtítulo:

Evo acusa empresa de fazer chantagem e Lula diz que investimentos continuam

Título secundário: “Economist” define: Chávez derrotou Lula

Legenda:

DESCONTRACÇÃO – Kirchner, Evo, Lula e Chaves, em Puerto Iguazú: negociações sobre preços do gás só começam na semana que vem

Para Bakhtin, a palavra reúne, na interação da dinâmica social, condições que a fazem ser um fenômeno ideológico por excelência, comportando a forma da comunicação e o sentido constituído do signo. Nos signos identificados, conforme Tabela 1 (ANEXO C – 1), verifica-se distinções que colocam em relevo as esferas da criação ideológica. O conteúdo, ou o sentido produzido no conjunto de enunciados e signos numa página de jornal, permite, ainda, identificar a equivalência que existe entre o signo e a ideologia, numa materialidade física nestas capas e social, historicamente consolidada na dinâmica de sentidos (BAKHTIN, 1995, p. 36-37).

As capas de 5.5.2006 (Figura 03 e 04), numa comparação entre os dois jornais, demonstram como um mesmo fato tem produções de sentido diferentes. Os signos identificados no jornal Folha de S.Paulo determinam a condição de problematização existente entre os chefes de Estado sobre a crise do gás, o impasse ainda em discussão através de reuniões. O jornal diminui a importância da crise existente com o país vizinho, ao colocar título com a palavra Lula que divide atenção do leitor com as questões relacionadas à campanha presidencial. No jornal O Estado de S. Paulo, os signos identificados são ligados à adjetivação e à consolidação em fracasso da reunião presidencial. Ao ser acusado de chantagista, Lula afirma que os investimentos na Bolívia devem continuar, associando, à sua ingenuidade e à sua derrota, signos que, claramente, reduzem a condição de força do presidente brasileiro na relação com os interesses nacionais.

Os signos formam a um domínio próprio, com material ideológico dialógicamente perceptível em outros domínios, forjando campos/esferas de criação, um complexo universo semiótico de interesses ligado ao jornal. As fotos das capas (Foto 01 e 02) demonstram signos e constituem enunciados que produzem sentidos específicos, um evento em que os quatro presidentes tiveram vários momentos públicos e em que a imprensa teve a oportunidade de fotografar. As imagens escolhidas pelos editores dos jornais foram contraditórias, demonstrando e completando o sentido dos textos a que elas se referem, uma criação ideológica objetiva. Na foto 01, o signo identificado é da introspecção ou da confabulação: Lula fala e obtém a atenção dos outros presidentes que estão voltados a ele, todos compenetrados; elemento mais importante da foto. Na foto 02, a ingenuidade é evidenciada no riso de si mesmo. O dedo em riste de Nestor Kirchner, apontando para Lula, mostra que os risos são para ele ou dele, e ele também sorri de olhos fechados.

Foto 01



Jornal Folha de S.Paulo – 5.5.2006
(Anexo A – 2)

Foto 02



Jornal O Estado de S. Paulo – 5.5.2006
(Anexo B – 2)

Outro aspecto que deve ser observado nos jornais refere-se a seus projetos gráficos de capa, pois compõem uma identidade visual que o veículo de comunicação constrói periodicamente com seu leitor. Detalhes próprios da linguagem jornalística são identificados, como o logotipo dos jornais, em alguns momentos dados econômicos (valor do dólar, cotação da bolsa de valores), previsão do tempo para o dia, índice (sumário) e anúncios publicitários, elementos estes que fazem parte de todas as edições, compondo uma forma programada que atende às necessidades do leitor. O assinante do jornal lê de imediato aquilo que lhe interessa mais como primeira informação, localizada sempre no mesmo local do jornal.

Os títulos apresentados nas capas sempre acontecem na forma de chamadas para matérias mais completas no interior do jornal, indicando ao leitor os conteúdos mais importantes da edição com espaço para publicidade, necessárias à comercialização do jornal.

A disposição dos textos, na Folha de S.Paulo e no O Estado de S. Paulo, varia conforme a construção de suas matérias de destaque, aqui chamadas de matérias principais, com títulos, subtítulos e fotos. Os demais títulos são secundários ao que o jornal considera como fato mais importante. Quanto às imagens, coincidem em ambos os jornais (sem significar regra) a presença de três imagens na capa, a foto principal, e outras imagens de matérias secundárias.

A presença de *infográfico* (gráficos que, de forma explicativa, trazem informação ao leitor) é incomum em capas. A importância dada pela Folha de S.Paulo à nacionalização da exploração do gás e petróleo da Bolívia, na capa do dia 2.5.2006 (Figura 01) é marcante pela apresentação de um *infográfico* que mostra um mapa com a disposição do fornecimento do gás no país vizinho.

As capas seguintes (Figura 05 e 06) são continuação da cobertura sobre as negociações entre Brasil e Bolívia. Nelas, mesmo com fotos que tratam de notícias diferentes, a crise está associada ao cotidiano presidencial.

Figura 05



Jornal Folha de S. Paulo – 7.5.2006

(Anexo A – 3)

Título principal:

Crise fará energia encarecer ou faltar

Subtítulo:

Se o consumo de gás for desestimulado devido à crise com a Bolívia, o setor elétrico não terá condições de suprir a demanda futura

Legenda:

LONGE DAS CRISES Lula passeia na fazenda do ministro do Turismo, Walfrido Mares Guia, em Santo Antônio do Leite (a 25 km de Ouro Preto); presidente decidiu descansar após inaugurar locomotiva em Minas.

Figura 06



Jornal O Estado de S. Paulo – 6.5.2006

(Anexo B – 3)

Título principal:

Lula não quer endurecer com Bolívia: “Melhor ser carinhoso”

Subtítulo:

Ele garantiu que, para consumidores, não haverá aumento do gás boliviano

Legenda:

Lula inaugurou em Minas uma linha turística de trem: “A pior parte é o discurso”.

Os enunciados destas capas apresentam refrações de sentido que repercutem o estado de crise brasileira com a iminência de aumento de preço e até de falta de gás, com o cotidiano presidencial da prosperidade da república.

O signo existe num processo dialógico de alteridade, orientado para um fluxo de sentidos que só se concretizam numa organização sócio-histórica interacional, com sua funcionalidade ideológica e de significação. Assim, o jornal O Estado de S. Paulo associa a despreocupação de Lula com demagogia e ingenuidade; enquanto que, no outro jornal, os temas ainda são de forma a problematizar, discutir a crise. Mesmo assim, no lazer ou no descanso do presidente, o jornal lembra da crise como forma de alerta: “longe das crises”.

No dia 13.5.2006, com imagens de um encontro de chefes de Estado em Viena, o título principal é sobre declarações de Evo Morales sobre a Petrobrás e Lula.

Figura 07



Jornal Folha de S. Paulo – 13.5.2006
(Anexo A – 4)
Título principal:
Morales recua e diz que Petrobrás é sócia

Subtítulo:
Presidente da Bolívia nega ter chamado estatal brasileira de “contrabandista” e afirma que atrito com Lula se deve a “tergiversação” da mídia
Legenda:
Diante de chefes de Estado em Viena, a argentina Evangelina Carozzo exibe cartaz de protesto contra fábricas de celulose.

Figura 08



Jornal O Estado de S. Paulo – 13.5.2006
(Anexo B – 4)
Título principal:
Evo diz que não falou o que falou e se reúne com Lula

Subtítulo:
Boliviano culpa a imprensa por criar tensão entre ele e o colega brasileiro
Legenda:
FOTO OFICIAL – Manifestante argentina do Greenpeace protesta contra fábricas no Uruguai.

O sentido produzido no jornal O Estado de S. Paulo conduz a um entendimento de que Lula volta a se reunir com aquele que nega o que diz, ou seja, mentiroso; e, no jornal Folha de S. Paulo, a negação de Evo Morales diz respeito a desfazer atritos com Lula. A ênfase dada pelos jornais mostra a amizade como coleguismo entre os presidentes na Figura 08 e a amizade como parceria entre governos e estatais na Figura 07.

Os sentidos promovidos pelos jornais apresentam uma ambigüidade nas relações entre os presidentes fotografados: eles mantêm relações amistosas, cordiais? Trata-se de um jogo político que mascara as reais intenções de cada presidente? Os presidentes abdicam de

posicionamentos particulares em função de necessárias articulações políticas de cada nação? Essa multiplicidade de sentidos e questionamentos coloca os signos numa necessária articulação com o campo social em que é produzida e com as esferas ideológicas que ecoa estes sentidos, produzindo, assim, sentidos objetivos e materializados em realidades diversas nos leitores destes jornais com circulação nacional.

Foto 03



Jornal Folha de S.Paulo – 13.5.2006
(Anexo A – 4)

Foto 04



Jornal O Estado de S. Paulo – 13.5.2006
(Anexo B – 4)

Para Bakhtin, um produto faz parte de uma realidade (natural ou social), remetendo a algo que lhe é exterior (BAKHTIN, 1995, p. 31). O produto para o consumo, neste caso, consumo de notícias jornalísticas, funda-se numa construção imaginária, ligada às construções históricas da sociedade (MARTÍN-BARBERO. In: MORAES, 2006, p. 61). O corpo feminino (Foto 03 e 04), imaginário de consumo, amplamente utilizado como publicidade na venda de diversos produtos comerciais, é associado a escândalo, utilizado como elemento de venda do “produto jornal” impresso.

Torna-se óbvio que o protesto, através da imagem em ambos os jornais, aparece como acontecimento mais importante do encontro, deixando em segundo plano as discussões ocorridas neste encontro de chefes de Estado e outros protestos também ocorridos. A imagem de Lula, que está associada ao signo de protesto, na Foto 03 aparece entre várias pessoas durante foto oficial; a mesma situação é mostrada na Foto 04, com a imagem de Lula isolada ao lado do cartaz de protesto, produzindo efeito de sentido que liga Lula com mais intensidade ao protesto.

Figura 09



Jornal Folha de S.Paulo – 2.6.2006

(Anexo A – 5)

Título principal:

Lula desafia a oposição, e Alckmin o chama de cínico

Subtítulo:

Presidente diz que espera que adversários usem imagens de CPIs na TV

Legenda:

Eduardo Braga, governador do AM, Lula e Gabrielli, presidente da Petrobrás, em obra de gasoduto.

Figura 10



Jornal O Estado de S. Paulo – 2.6.2006

(Anexo B – 6)

Título principal:

Governo quer tornar permanente a CPMF

Subtítulo:

Para o ministro do Planejamento, a idéia terá de ser aplicada em 2007

Título secundário: Lula desafia oposição a exibir “tortura” de petistas na CPI

Subtítulo secundário: Ele se referia à campanha eleitoral. Para Alckmin, é cinismo

Legenda:

EM AÇÃO – Lula em obra de gasoduto no Amazonas: “Predestinado”.

As eleições presidenciais marcadas para outubro de 2006 já aquecem os ânimos políticos em junho do mesmo ano – disputas, campanhas, negociações marcam o período. A imprensa materializa-se como arena discursiva destas disputas.

O jornal O Estado de S. Paulo de 2.6.2006, que, em título principal, trata do aumento de impostos, tem ainda a relação da imagem do presidente com signos de crime, campanha e disputa política, evidenciando um momento tenso da política brasileira; no mesmo sentido, a disputa política aparece no jornal Folha de S.Paulo, associada ao trabalho do presidente com a inauguração de um gasoduto.

O jornal compartilha signos com a comunidade semiótica que representa, leitores que instauram o processo de comunicação; as Fotos 05 e 06 mostram um discurso que objetiva o outro, que, neste caso, é aquele que vai ler a matéria jornalística.

Foto 05



Jornal Folha de S.Paulo – 2.6.2006
(Anexo A – 5)

Foto 06



Jornal O Estado de S. Paulo – 2.6.2006
(Anexo B – 6)

A foto de Lula usando óculos especiais aparece em ambos os jornais, um momento que remete às origens do presidente ex-operário. Na Foto 05, a imagem mostra o presidente acompanhado de outras autoridades. A legenda da foto se limita a descrever a cena. A Foto 06, com enquadramento de Lula com os óculos de operário com o olhar voltado para baixo, é acompanhada da legenda: *EM AÇÃO – Lula em obra de gasoduto no Amazonas: “Predestinado”*; no caso, a expressão “Em ação” produz o sentido na relação com outros enunciados da capa, de se tratar de uma ação eleitoreira, de Lula em campanha; a palavra *predestinado*, entre aspas, produz sentido de ironia⁷⁵, um ex-operário inaugurando obra no Amazonas.

O período de análise das capas dos jornais coincide com a realização da copa do mundo de futebol na Alemanha. Uma fato noticiada nas capas do dia 18.6.2007 (Figura 11 e 12) foi a morte do humorista Bussunda, que estava na Alemanha trabalhando na cobertura da Copa. O humorista ficou conhecido pelas suas interpretações de personagens populares, parodiando o presidente Lula e o jogador da Seleção Brasileira de Futebol, Ronaldo. No jornal Folha de S.Paulo a imagem de Bussunda colocada foi a de sua performance de Ronaldo e no jornal O Estado de S. Paulo a imagem foi a da performance do presidente Lula. Na capa deste mesmo dia, do jornal Folha de S.Paulo, há ainda a imagem do presidente Lula em uma festa caipira.

⁷⁵ “Figura pela qual se exprime o contrário do que se pretende ou do que se está pensando; zombaria; sarcasmo.” (Dicionário brasileiro Globo, 31ª. ed. São Paulo: Globo, 1993. pg. s/n) “(...) ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter à enunciação, mas é também, e sobretudo, voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma idéia oposta e, ainda, mais, no mesmo instante em que ela é enunciada”. (CASTRO, Maria Lília Dias de. A dialogia e os efeitos de sentido irônico. BRAIT, Beth (org). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997. pg 130). Sobre o estudo da ironia vide ainda: Beth Brait. Ironia em perspectiva polifônica. Campinas: UNICAMP, 1996.

Figura 11



Jornal Folha de S. Paulo – 18.6.2006

(Anexo A – 6)

Título principal:

Lula distribui concessões de TV a políticos

Subtítulo:

Gestão petista também destinou 27 rádios educativas a aliados e oposicionistas; ministro nega critério político

Legenda:

ARRAIÁ DA COPA Lula e primeira-dama, Marisa, fazem pose durante festa junina de anteontem em Brasília, iniciada com procissão e decorada em homenagem à seleção; Geraldo Alckmin foi vaiado na noite de sexta na Festa do Peão de Americana, interior paulista

Título secundário: Bussunda morre aos 43 na Alemanha

Subtítulo: memória

Legenda: Bussunda como Ronaldo.

Figura 12



Jornal O Estado de S. Paulo – 18.6.2006

(Anexo B – 7)

Título principal:

Turbulência já significou perda de US\$ 187bi

Subtítulo:

Essa é a redução de valor das ações negociadas na Bovespa

Título secundário: Lula promete dar a aliados ministérios inteiros

Título secundário: Bussunda morre de enfarte na Alemanha

Subtítulo secundário: Humorista da Globo tinha 43 anos

Legenda:

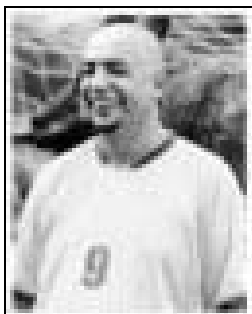
Bussunda na pele de um de seus personagens, Lula.

Nas capas (Figura 11 e 12), as críticas ao governo e ao presidente Lula são evidentes com relação a favorecimento com distribuição de concessões de TV e rádio a políticos e a promessa de ministérios a aliados. O jornal O Estado de S. Paulo ainda critica a precariedade econômica do país.

A morte de Bussunda, informada utilizando as Fotos 07 e 08, determina o signo *alter ego* e paródia; na Foto 07, relaciona-se ao momento e local de morte de Bussunda, copa do mundo de futebol na Alemanha e jogador de futebol Ronaldo; na Foto 08, há relações políticas, o mesmo signo

relaciona-se ao presidente da República, a legenda da foto, que a define como “Bussunda na pele de Lula” (O Estado de S. Paulo) produz sentido trágico e irônico na relação com o signo Lula. A informação jornalística, descaracterizada de humor, ao selecionar a opção de mostrar Bussunda interpretando, faz recair o humor da performance do artista sobre Ronaldo e Lula.

Foto 07



Jornal Folha de S.Paulo – 18.6.2006
(Anexo A – 6)

Foto 08



Jornal O Estado de S. Paulo – 18.6.2006
(Anexo B – 7)

O jornal Folha de S.Paulo, através da Foto 09, que demonstra o presidente Lula e a Primeira-Dama durante festa, que ocorreu dois dias antes da edição do jornal, sua escolha para sair nesta edição específica, acompanhada de títulos que criticam o presidente Lula por distribuir concessões de TV e Rádio a políticos, produz o sentido de disputas pagas com concessões, e um presidente caipira capaz de cometer tais atos.

Foto 09



Jornal Folha de S.Paulo – 18.06.2006
(Anexo A – 6)

O jornal Folha de S.Paulo no dia 25.6.2006 (Figura 13) mostra o lançamento oficial da candidatura do presidente Lula; a capa de 22.6.2006 (Figura 14) do jornal O Estado de S. Paulo demonstra o atrito entre o presidente Lula e o Tribunal Superior Eleitoral para garantir reajustes a servidores públicos em período considerado irregular.

Figura 13



Jornal Folha de S. Paulo – 25.6.2006

(Anexo A – 7)

Título principal:

Lula ataca anos FHC e se diz caluniado

Subtítulo:

Em convenção do PT, presidente lança candidatura a segundo mandato e promete prioridade à educação

Legenda:

Em convenção petista, o presidente Lula acena para partidários entre a mulher, Marisa, e seu candidato a vice, José Alencar.

Figura 14



Jornal O Estado de S. Paulo – 22.6.2006

(Anexo B – 8)

Título principal:

Lula enfrenta TSE e garante reajuste

Subtítulo:

Para o tribunal, aumento dado a servidores após 4 de abril é irregular, mas o presidente o considera legal

Legenda:

O presidente Lula foi à posse de Cármen Rocha no STF.

A produção de sentido encontrada na Figura 13 relaciona-se às disputas de campanha e a atitudes que tornam a mídia espaço público de disputas de sentido. A foto de capa (Figura 13) lembra as eleições de 2002. Na Figura 14, o sentido produzido é relacionado diretamente à imagem do presidente Lula; o signo do autoritarismo aparece como enfrentamento de Lula à Justiça para dar aumento a servidores após 4 de abril, considerado ilegal pela Justiça; assim, Lula está contrário a uma entidade social que, no imaginário, cumpre a função de fazer valer a virtude da lei igual para todos.

Na Foto 10, a mão de Lula pode representar ao leitor tanto um gesto de agrado como um tapa, e está relacionada com o título apresentado, condiz como representando atrito entre Lula e o judiciário brasileiro.

Foto 10



Jornal O Estado de S. Paulo – 22.6.2006
(Anexo B – 8)

O jornal Folha de S. Paulo (Figura 15) mostra os primeiros *infográficos* de pesquisa de intenção de voto. Na capa de 26.5.2006, do jornal O Estado de S. Paulo, há uma multiplicidade de sentidos, como prosperidade, comemoração, bebida e fracasso.

Figura 15



Jornal Folha de S. Paulo – 30.6.2006
(Anexo A – 8)

Título principal:

Alckmin sobe, Lula vence no 1º turno

Subtítulo:

Tucano cresce de 22% para 29% desde o final de maio, enquanto intenção de voto no presidente fica estável

Legenda:

CAI A DIFERENÇA, MOSTRA O DATAFOLHA.

Figura 16



Jornal O Estado de S. Paulo – 26.5.2006
(Anexo B – 5)

Título principal:

Superávit é recorde e ajuda na recuperação dos mercados

Subtítulo:

Bolsa subiu e dólar caiu, afetados também por notícias sobre a economia nos EUA

Título secundário:

BRASIL E FRANÇA: UM BRINDE SEM ACORDOS

Legenda:

Chirac e Lula tomam caipirinha em visita ao Brasil, o presidente francês disse que a União Européia já fez tudo o que podia pela abertura do mercado agrícola.

Os signos que demonstram prosperidade da economia brasileira estão presentes em uma capa em que a foto (Foto 11) permite a identificação de signos como fracasso e bebida. Na relação entre os enunciados, a produção de sentido conduz ao entendimento de que a prosperidade econômica se deve a notícias da economia nos EUA e ao superávit da balança comercial, e não, ao presidente que comemora e brinda um encontro fracassado, sem acordos.

Foto 11



Jornal O Estado de S. Paulo – 26.5.2006
(Anexo B – 5)

Para este estudo, os dados foram transformados em estatísticas, para comparativo dos enunciados observados nas capas do mês 5 e 6 dos jornais Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo (Conforme Tabela 3 - ANEXO C – 3). Nos dois meses de análise, percebe-se a palavra Lula em destaque 36 vezes em 33 capas no jornal Folha de S.Paulo e 50 vezes em 41 capas no jornal O Estado de S. Paulo. Das 61 capas de cada jornal nos dois meses, não constava a palavra Lula em 20 delas no jornal O Estado de S. Paulo e em 28 delas no jornal Folha de S.Paulo.

Também se verificam os locais da capa em que a palavra Lula aparecia em destaque. No jornal Folha de S.Paulo, foram 13 ocorrências em títulos principais, 4 em subtítulos principais, 2 em legendas de fotos principais e 17 em títulos secundários, totalizando 36 citações. Das 50 citações do jornal O Estado de S. Paulo, 8 foram em títulos principais, 8 em subtítulos principais, 30 em títulos secundários e 4 em subtítulos secundários.

As imagens do presidente Lula aparecem nas capas potencializando o conteúdo jornalístico e constituem-se como enunciados. Torna-se necessário refletir sobre as capas que não apresentam a imagem de Lula, pois compõem o horizonte axiológico de comunicação entre o jornal e seus leitores (Vide Tabela 2 - ANEXO C – 2).

Os enunciados e os signos identificados, sua produção de sentido existente na interação, signos como campanha, crime, humilhação, disputa e populismo, determinam axiológicamente a posição do enunciatador.

Em 25.5.2006, o signo *campanha* apresenta sentido diferente nos jornais. No jornal Folha de S.Paulo o sentido da campanha aparece como possibilidades, chances da vitória de Lula no primeiro turno; no jornal O Estado de S. Paulo o sentido não é de vitória, e sim de ganho, um alerta indicado por uma pesquisa. O signo *crime* no jornal O Estado de S. Paulo relaciona

diretamente Lula com quem ajuda e é conivente com ilegalidades (Capas 7 e 9 de junho), dando apoio com senha e financiamento ao MLST que invadiu o Congresso Nacional; o signo *crime* também é relacionado à humilhação internacional de Lula (Capa de 12 de maio): o jornal cita uma importante revista internacional de economia e ainda afirma, no mesmo enunciado, que o Brasil é acusado dos atos ilegais. No jornal Folha de S.Paulo, o signo *crime* (capa de 21 de junho) é relacionado com o indiciamento de um amigo de Lula, colocando o presidente sob suspeita.

Outro signo que apresenta valores contraditórios é disputa, referindo-se às relações entre os candidatos durante o período que antecede as eleições. Em 03.06.2006, 05.06.2006 e 17.06.2006, o jornal O Estado de S. Paulo apresenta disputa relacionada ao presidente Lula, produzindo sentido de agressividade, reação à “cara feia” de Lula e críticas eleitorais.

O populismo⁷⁶ é identificado em enunciados nos jornais (o título secundário de 31.5.2006 do jornal Folha de S.Paulo) com a produção de sentido de que a atuação de Lula com programas sociais é o que lhe dá melhor resultado eleitoral; o subtítulo da chamada principal de 25.5.2006 do jornal O Estado de S. Paulo demonstra sentido que os pobres são rentáveis em votos para o candidato do Partido dos Trabalhadores.

A presença da ironia, incomum em texto jornalístico noticioso, também foi detectada nesta análise. O jornal Folha de S.Paulo de 10.6.2006, através do enunciado com a afirmação do jogador de futebol da seleção brasileira Ronaldo, de que dizem que ele está gordo como dizem que Lula bebe, é uma forma de ironizar sua atuação como jogador e de ironizar a atuação de Lula como presidente do Brasil; o exemplo de ironia no jornal O Estado de S. Paulo é observado na capa de 2.6.2006, na inauguração de um gasoduto no Amazonas, Lula afirma ser predestinado. Ao colocar a foto de Lula vestido como operário durante a inauguração e o texto de legenda da foto *EM AÇÃO – Lula em obra de gasoduto no Amazonas: “Predestinado”*, o sentido produzido é o da ironia; a ênfase dada na palavra dita por Lula: “Predestinado”, coloca-a em dúvida, em oposição ao sentido original no pronunciamento presidencial.

⁷⁶ A transição entre uma sociedade agrária pré-capitalista para a sociedade moderna (capitalista, urbana, industrial) se fez no Brasil de modo não sincrônico: as massas, embora gerassem pressão sobre o aparelho político, não encontravam à disposição campos de participação política e/ou participavam limitadamente. A não integração democrática ampliada permitiu a possibilidade de sua manipulação tanto quanto a coexistência de características tradicionais e modernas na constituição política e a intermediação de elites defensoras de suas condições sociais. O populismo é um momento político que tem o apoio de massas populares, ideologicamente contrárias ao *status quo* e que demanda uma reversão de suas expectativas em relação a seu desempenho na sociedade. O populismo é um estilo político específico que nasce em uma realidade social particular, a da emergência política das massas. Inúmeros pesquisadores procuraram defini-lo e interpretá-lo, sendo necessário esclarecer que é um assunto complexo e polêmico. O populismo recobre condições históricas diversificadas e movimentos sociais de inúmeras regiões, conseqüentemente, os governantes populistas, como na América Latina, apresentam distinções históricas. “[...] o líder populista, em geral com forte dose de carisma, ao mesmo tempo que procurava manipular as massas para que elas se enquadrassem dentro dos limites por ele impostos, também ativa mecanismos de satisfação de velhas aspirações – como por exemplo a legislação social – das massas trabalhadoras.” (ABREU, 2001, p. 4.738 – 4.739) .

A morte de Bussunda, noticiada nas capas dos jornais (18.6.2006), tem na paródia força que produz sentido dialógico. Entende-se que a paródia “[...] é o modo privilegiado de carnavalização artística. Ao aproximar-se de um discurso já existente, diametralmente oposta à do original, a paródia é especialmente adequada às necessidades da cultura opositora, precisamente porque ela reconhece a força do discurso.” (STAM, 2000, p. 90). A associação do arranjo que ecoa o signo do humor flui em dialogismo com os enunciados discursivos da televisão (humorista), do jornalismo impresso (Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo), do futebol (jogador Ronaldo) e da política (presidente Lula). O discurso é parte de uma discussão ideológica numa escala maior, refutando, confirmando e antecipando respostas, produzindo sentido na relação daquilo que é conhecido (futebol e política) com o humor promovido pela paródia. Através do dialogismo, percebe-se a necessidade do outro na realização do discurso, pois o discurso é uma promessa, objetivo de realização de si mesmo (BAKHTIN, 1995, p. 123).

Através do dialogismo entendido como um princípio geral do agir humano, que, na interação, com referência ou com contraste a outros enunciados, orienta o entendimento (SOBRAL. In: BRAIT, 2005), compreende-se que no jornal O Estado de S. Paulo (7 e 9 de junho – Tabela 2 - ANEXO C – 2), o fato de Lula ter dado “senha” e apoio financeiro a órgão ligado ao MLST, de que integrantes que cometeram crimes, torna Lula também criminoso.

A comunicação é instrumento de realização social. A forma aparece como processo estético e a linguagem como conteúdo, efetivando relações materializadas no signo, sentido histórico – ideológico. “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica [...]”. (BAKHTIN, 1995, p. 46).

Os signos observados nas capas dos jornais produzem uma realidade material concreta, evidenciando o sujeito do jornal como ser do discurso, numa condição sócio-histórica que integra o outro numa cadeia semiótica com contexto mediato e imediato, num devir sustentado na alteridade. Essa necessidade do outro confirma a dialogicidade que define a multidirecionalidade da orientação de um eu para o outro (MACHADO, 1995, p. 310).

O signo, na dialogia discursiva da arena social do jornalismo, sua forma interdisciplinar e a dinâmica interacional de totalidades com função ideológica e significação com produção de sentido na circulação de enunciados jornalísticos, em signos como agrado, agressão, *alter ego*, amizade, aumento de preço, autoritarismo, bebida, campanha, chantagem, comemoração, crime, demagogia, derrota, despreocupação, disputa, favorecimento, fracasso, guerra econômica, imposto, inauguração, ingenuidade, introspecção, lazer, negação, precariedade econômica, prosperidade, protesto, reunião, tribunal e outros, demonstra como o jornalismo seleciona sentidos considerando o outro num processo de comunicação constante, efetivado no devir.

Assim, a alteridade aparece como reflexo de si mesmo, afirmando a diferença do outro, seja como ruptura ao centramento de si mesmo, seja como afirmação da diferença

imediata e medita; esta realização do outro afirma-se como resposta de aspirações que o outro (nesta caso, o leitor) espera saber sobre aquilo que lê.

O leitor busca um jornal que realize sua forma de pensar; que não negue suas convicções. Assim, Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo realizam para o outro, o leitor, a imagem de Lula objetivada ideologicamente nos signos identificados.

A filosofia da linguagem de Bakhtin permite, através da alteridade, compreender a relação dialógica dos discursos em suas combinações de ordem valorativa e normativa. Com seus sentidos refratados e refletidos em formas e conteúdos em tempo e espaço objetivados numa dinâmica fluida; para Bakhtin, este sistema é aberto e não absolutiza e nem relativiza axiologicamente o devir humano. No próximo capítulo, busca-se compreender como estas refrações da realidade produzem sentido considerando a inferência do imaginário social que contribui para o entendimento das esferas e campos envolvidos, considerando as unidades dialéticas, na perspectiva bakhtiniana, como conteúdo x forma x processo em um debate sobre a refração e o reflexo de sentido destas esferas ideológicas e campos sociais.

CAPÍTULO III

Refrações imaginárias de sentido

A semiótica de Mikhail Bakhtin assegura que linguagem e comunicação se completam numa relação forma-conteúdo-processo, além de constituírem elementos estéticos da existência social do homem. A realidade desse existir se materializa em signos, seja nas consciências dos sujeitos, seja na sociedade e (visivelmente neste estudo) na comunicação social como um espaço de refração da realidade e da produção de sentidos.

Os signos observados nesta pesquisa, verificados no jornalismo impresso, estão dialogizando e constituídos (materializados) neste circuito de comunicação, que envolve diferentes esferas ideológicas e diferentes campos sociais, neles inúmeros leitores em interação assimilam diferentes sentidos que são produzidos.

O circuito da comunicação sêmica coincide com o circuito da comunicação ideológica e histórica, adquirindo uma funcionalidade prática na relação política-comunicação-leitor (sociedade-eleitor), assim a existência de signos com funcionalidades imaginárias, ou que se utilizam de imaginários instituídos socialmente, produzem sentidos direcionados, articulados em relação ao outro, ao leitor.

É impossível compreender o que foi, o que é a história humana, forma da categoria do imaginário. Nenhuma outra permite refletir estas questões: o que é que estabelece a *finalidade*, sem a qual a funcionalidade das instituições e dos processos sociais permaneceria indeterminada? O que é que, na infinidade das estruturas simbólicas possíveis, especifica um sistema simbólico, estabelece as relações canônicas prevalentes, orienta em uma das inúmeras direções possíveis todas as metáforas e as metonímias abstratamente concebíveis? (CASTORIADIS, 1991, p. 192).

A sociedade produz-se e faz existir, organizadas no caos, relações na pluralidade dos diversos níveis das estruturas sociais, sejam de códigos lingüísticos como de domínios dos instrumentos cognitivos, tudo já *fetichizado, reificado e alienado*⁷⁷, produzindo e reproduzindo miríades de imaginários coletivos e individuais com sentidos já contaminados.

⁷⁷ O sentido de **alienação** aqui empregado foi de “ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), à natureza na qual vivem e/ou a outros seres humanos, e – além de, e através de, também a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio ou auto-alienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (às suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade)” (BOTTMORE, 1988, p. 5); já **fetichização** constitui forma e conteúdo com que se conferem propriedades aos objetos materiais, características e sentidos atribuídos que são constituídos socialmente,

Nesta pesquisa, alguns dos sentidos produzidos na comunicação jornalística, que necessariamente são refrações da realidade e passam pelo caleidoscópio do imaginário social, podem ser apresentados da seguinte forma:

No jornal O Estado de S. Paulo (edição de 26.5.2006 - ANEXO B – 5), o presidente Lula está bebendo *Caipirinha* com outro chefe de Estado. Na legenda, o enunciado afirma que ambos bebem e que a União Européia “já fez de tudo” que podia para abertura do mercado agrícola ao Brasil, enquanto que a chamada para a foto, como um título, afirma a relação como um “brinde sem acordos”. O signo do brinde, com produção de sentido de comemoração, assume outro sentido imaginário, como o do fracasso do presidente Lula, já que ele bebe compenetrado, seu ministro ao fundo “lambe os beiços” e o representante da França ergue o copo (com canudo) resplandecendo sobriedade.

O imaginário é utilizado como força produtora de sentido, reforçando a imagem de um presidente brasileiro bebedor.

A influência decisiva do imaginário sobre o simbólico pode ser compreendida a partir da seguinte consideração: o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo entre dois termos, de maneira que um “representa” o outro. Mas é somente nas etapas muito desenvolvidas do pensamento racional lúcido que estes três elementos (o significante, o significado e seu vínculo *sui generis*) são mantidos como simultaneamente unidos, e distintos, numa relação ao mesmo tempo firme e flexível. Em outras etapas, a relação simbólica (cujo uso “correto” supõe a função imaginária e seu domínio pela função racional) retorna, ou melhor, permanece desde o início lá onde surgiu: no vínculo rígido (a maior parte do tempo, sob a forma de identificação, de participação ou de causação) entre o significante, o símbolo e a coisa, ou seja, no imaginário efetivo. (CASTORIADIS, 1991, p. 155).

A constituição imaginária não é nem separável nem isolável das organizações e das estruturas sociais. São totalidades parciais que dinamicamente constituem a vida social. Nas cerimônias, na religião, nas relações de autoridades políticas, por exemplo, existem sentidos indivisíveis, dependentes tanto da funcionalidade momentânea como das condições estáticas

mas determinados como sendo naturais (BOTTOMORE, 1988, p. 149); e **reificação** “é o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governaram sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um caso “especial” de “alienação”, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista (BOTTOMORE, 1988, p. 314). Uma crítica a estes conceitos pode ainda ser observada em: MAAR, Wolfgang Leo. Formação social em Lukács: dialética de reificação e realização – A perspectiva marxista como consciência de classe e crítica ontológica. In: BOITO JR, Armando et al. A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações. São Paulo: Xamã, 2000; e EAGLETON, Terry. O sublime no Marxismo. In: EAGLETON, Terry. A ideologia da estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. Ver ainda MARX, Karl, 1818-1883. Mercadoria e dinheiro. In: O capital: crítica da economia política: livro primeiro o processo de produção do capital. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1987, p. 79-93).

existentes. Assim, existe uma dupla influência na compreensão de cada pessoa sobre o sentido do signo (CASTORIADIS, 1991, p. 158).

A visão moderna da instituição que reduz sua significação ao funcional é só parcialmente correta. Na medida em que se apresenta como a verdade sobre o problema da instituição, é só projeção. Ela projeta sobre o conjunto da história uma idéia tomada de empréstimo não propriamente da realidade efetiva das instituições do mundo capitalista ocidental (que sempre foram e são, apesar do enorme movimento da “racionalização”, só parcialmente funcionais), mas aquilo que esse mundo gostaria que suas instituições fossem. Visões ainda mais recentes, que só querem ver na instituição o simbólico (e o identificam com o racional) representam também uma verdade somente parcial e sua generalização contém igualmente uma projeção. (CASTORIADIS, 1991, p. 159).

O simbólico constitui o acabamento mais estável, não racionalizado na comunicação, e assumido com bases imaginárias já constituídas socialmente, independente da individualização como da generalização das esferas e dos campos da comunicação.

Assim, o simbolismo ou o sentido existente na imagem do caipira assume refrações mais ou menos acabadas no jornal Folha de S.Paulo de 18.6.2006 (ANEXO A – 6). Neste jornal, a capa tem a foto do presidente Lula durante uma festa junina em Brasília fantasiado de caipira. A festa foi iniciada com procissão e decorada com homenagem à copa do mundo de futebol. Os signos do lazer e das disputas políticas estão combinados com outros signos, produzindo sentidos imaginários, como:

- a) *Festa*: junina de Lula em Brasília e do Peão de Americana de seu opositor Geraldo Alckmin.
- b) *Futebol*: esporte nacional, motivo de alegria do povo brasileiro.
- c) *Procissão*: fé e religião do presidente Lula.
- d) *Vaiá*: Geraldo Alckmin foi vaiado na festa de que participou.
- e) *Caipira*: pessoa humilde, trabalhador esforçado da zona rural.

Associado ainda a estes signos, o título principal da página informa que Lula distribui concessões de TV a políticos, distribuição em que sua gestão também destinou 27 rádios educativas a aliados e a oposicionistas e seu ministro nega critério político de distribuição de concessões para transmissão radiofônica e televisiva. O signo evidenciado é o do favorecimento dos aliados e o da compra do apoio político de oposicionistas. O ar tranquilo de Lula com a primeira dama na foto demonstra apatia e negligência com esta situação.

Um conjunto de signos que variam da religiosidade, da ingenuidade até a esperteza e a utilização irregular do cargo de mandatário da nação. Esses signos, unidos, produzem sentidos objetivados, tanto por suas escolhas dentre tantos outros como no resultado da interação comunicativa.

É possível sustentar que o sentido é simplesmente o que resulta da combinação dos signos. Podemos igualmente dizer que a combinação dos signos resulta do sentido, pois enfim o mundo não é só feito de pessoas que interpretam o discurso dos outros; para que aqueles existam, é preciso primeiro que estes tenham falado, e falar já é escolher signos, hesitar, corrigir-se, retificar signos já escolhidos – em função de um sentido. (CASTORIADIS, 1991, p. 167).

Utilização das combinações simbólicas do imaginário de forma diferente é evidente no anúncio da morte do humorista Bussunda. Uma associação de signos com múltiplas possibilidades de alusão que transitam em sua intencionalidade em esferas/campos diversos: humor, ironia, paródia, o cômico, a crítica, entre outros. No jornal Folha de S.Paulo de 18.6.2006 (ANEXO A – 6), a combinação do signo do humor e da morte de Bussunda está associada a um de seus personagens, quando aparece a foto do humorista com a camisa do jogador Ronaldo da Seleção Brasileira de Futebol, a legenda informa “Bussunda como Ronaldo”, uma combinação de: humor, morte, Bussunda, paródia, futebol e Ronaldo. No jornal O Estado de S. Paulo da mesma data (ANEXO B – 7), a combinação de signos mostra a foto de Bussunda com a faixa presidencial. Na legenda da foto o jornal informa: “Bussunda na pele de um de seus personagens, Lula”, uma combinação de: humor, morte, Bussunda, paródia, presidente Lula e o sentido produzido com a expressão “na pele de”, que pode ser lobo como cordeiro.

Enquanto o jornal Folha de S.Paulo escolheu o tema do futebol para homenagear o humorista, que morreu trabalhando na Copa do Mundo de Futebol, e o título até lembra o tempo de uma partida de futebol: “Bussunda morre aos 43 na Alemanha”, o jornal O Estado de S. Paulo homenageou a crítica política existente no humor de Bussunda, parodiando Lula.

Estabelecemos pois que existem significações relativamente independentes dos significantes e que desempenham um papel na escolha e na organização desses significantes. Essas significações podem corresponder ao *percebido*, ao *racional* ou ao *imaginário*. As relações íntimas que existem praticamente sempre entre esses três pólos não devem fazer com que se perca de vista sua especificidade.[...] (CASTORIADIS, 1991, p. 169-170).

No momento da informação da morte de Bussunda, a produção específica de sentido articula o percebido (Ronaldo e Lula), o racional (a morte) e o imaginário (como o humorista revelava estes personagens em um programa de TV: Ronaldo como um mau jogador que está obeso, e Lula, como um presidente ruim, populista, obeso e beerrão).

Depreende-se que há uma

[...] *significação* central, organização em sistema de significantes e de significados, o que sustenta a unidade cruzada de uns e de outros, o que permite também sua extensão, sua multiplicação, sua modificação. E essa significação, nem de uma percepção (real) nem de um pensamento (racional) é uma significação imaginária. (CASTORIADIS, 1991, p. 170).

Assim percebido, o racional e o imaginário compõem a organização de um sistema de formação de sentido, uma unidade que é, ao mesmo tempo, uma multiplicidade de signos que permite sua modificação e multiplicação no imaginário ou no sentido.

O imaginário que atua na comunicação social, na política, no futebol, na religião, nos dogmas sociais, na conservação de contradições que alimentam o sistema capitalista, é um imaginário revelador das respostas fundamentais das relações constituídas dos homens, pois:

Vida e atividade das sociedades são precisamente a posição, a definição [...]; o trabalho dos homens (no sentido mais restrito e no sentido mais amplo) indica por todos os lados, nos seus objetos, nos seus fins, nas suas modalidades, nos seus instrumentos, uma maneira cada vez específica de captar o mundo, de definir-se como necessidade, de se estabelecer em relação aos outros seres humanos. Sem tudo isso (e não somente porque pressupõe a representação mental prévia dos resultados, como diz Marx), ele não se distinguiria efetivamente da atividade das abelhas, à qual poderíamos acrescentar uma “representação prévia do resultado” sem que nada mudasse. O homem é um animal inconscientemente filosófico, que fez a si mesmo as perguntas da filosofia nos fatos, muito tempo antes de que a filosofia existisse como reflexão explícita; e é um animal poético, que forneceu no imaginário respostas a essas perguntas. (CASTORIADIS, 1991, p. 178).

As respostas imaginárias dadas às questões a que a racionalidade humana não pode responder de imediato, ou não pode fazer reflexão científica aceitável, aos sentidos que não são provados, seja em qualquer área do conhecimento ou da informação, são, também, reflexos das condições reais e da atividade social dos homens (CASTORIADIS, 1991, p. 177), como evidenciado nos exemplos das capas do jornais apresentados de 18.6.2006.

O sentido refratado e refletido significamente tem nas marcas ideológicas a materialização das esferas e dos campos sociais, demonstram objetivamente a forma ideológica determinada por um horizontes social de uma época (espaço/tempo) e de um grupo social que carrega um *índice de valor* (conteúdo) (BAKHNTIN, 1995, p. 44). Juntos, forma e conteúdo, na interação social, produzem sentido ideológico que, na sua época, axiologicamente tenciona as tramas das diversas esferas ideológicas e dos campos sociais.

O jornal acolhe esferas ideológicas que estão em constante tensão: o jornalista, os editores, os publicitários que querem tornar o jornal vendável, os donos do jornal que procuram o lucro. Outros campos sociais apresentam interferência significativa no conteúdo e na forma da comunicação social do jornal, como o campo político e o campo dos leitores, cada qual também com diversas esferas de criatividade ideológica produzindo refrações, condicionando o horizonte social e os *índices de valores* que determinam a comunicação social e, portanto, a forma e o conteúdo dos jornais.

Para compreender como o signo é resultado de um consenso da interação social, “razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece”(BAKHTIN, 1995, p. 44), é necessário estudar a ideologia como fator que influencia as relações entre os signos e indivíduos. “[...] é apenas sob esta condição que o processo de determinação causal do signo pelo ser aparece como uma verdadeira passagem do ser ao signo, como um processo de refração realmente dialético do ser no signo” (BAKHTIN, 1995, p. 44).

Bakhtin apresenta como questão indispensável para compreensão da ideologia no signo:

1. *Não separar a ideologia da realidade material do signo* (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível).
2. *Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social* (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. *Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material [...]*. (BAKHTIN, 1995, p. 44).

Compreensivelmente o rigor didático de Mikhail Bakhtin determina suas considerações no processo associativo de forma e conteúdo, insistindo na realidade material do signo e no processo da interação comunicativa, opondo-se ao formalismo russo, ao freudismo e ao estruturalismo lingüístico.⁷⁸

O caráter dialógico dos discursos implica reconhecer que:

[...] o discurso é determinado por coerções sociais, está assentado sobre uma ou mais formações discursivas que, por sua vez, correspondem a formações ideológicas; [...] a partir do reconhecimento de que a língua produz discursos em que falam vozes diversas e também discursos ideologicamente opostos, pois classes sociais diferentes utilizam o mesmo sistema lingüístico, deve-se concluir que na língua se imprimem, com o tempo, os traços desses discursos; [...] a partir do uso discursivo e dos traços impressos na língua, instalam-se nela choques e contradições, em que se atraem e se rejeitam elementos tidos como inconciliáveis. (FARACO et alii, 2001, p. 35).

A ideologia presente na forma e no conteúdo do jornal, presente como elemento dinâmico da criação, da existência e da comunicação do signo, transformando-se em informação que ressoa sentido (ideológico) para aqueles que lêem as páginas dos jornais e apreendem “valores”, determinado, assim, também suas consciências.

⁷⁸ Vide, a esse respeito, em FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001. BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo: um esboço crítico**. São Paulo: Perspectiva, 2004. SOBRAL, Adail. *Filosofias (e filosofia em Bakhtin)*. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. Este último autor apresenta vários teóricos que, em sua concepção, formam objeto de crítica e oposição de Mikhail Bakhtin e seu Círculo.

No estudo da ideologia, Bakhtin não se opõe à concepção de ideologia como foi concebida por Karl Marx e Friedrich Engels: ambos criticaram as concepções com relação à religião feita pelos materialistas franceses e notadamente por Ludwig Feurbach, tanto quanto as análises teóricas da filosofia alemã expressas no idealismo de George Wilhelm Friedrich Hegel.

Embora o idealismo de Hegel concedesse ao sujeito a primazia de sua atividade em sua ação no mundo, essa atividade reduzia-se à atividade da consciência e é exatamente nesse ponto que Marx e Engels explicam como o idealismo produzia formas invertidas de consciências humanas em relação a suas próprias existências materiais.

Essas formas invertidas ocultariam as contradições sociais, produziriam distorções do pensamento expressando uma ideologia. O obscurecimento é uma negatividade, uma abstração, mas uma poderosa compensação para as contradições do mundo real. Podem ser projetadas em uma vida espiritual qualquer que seja e persistem a reprodução da sociedade e da própria ideologia. Para Marx, as idéias dominantes que “deformavam ou ‘invertiam’ a realidade”, subsistiam “porque a própria realidade estava de cabeça para baixo” (BOTTOMORE, 1988, p. 184).

Gradativamente a ideologia se torna um conceito mais complexo e elaborado a partir da obra “A Ideologia Alemã” (1845-1846), de Marx e Engels.

Pouco depois da morte de Marx, o conceito de ideologia começou a adquirir um novo significado. A princípio não perdeu necessariamente a sua conotação crítica, mas surgiu uma tendência a colocar esse aspecto em segundo lugar. Os novos significados tomaram principalmente duas formas, ou seja, uma concepção da ideologia como a totalidade das formas de consciência social – que passou a ser expressa pelo conceito de “superestrutura ideológica” – e a concepção da ideologia como idéias políticas relacionadas com os interesses de uma classe. (BOTTOMORE, 1988, p. 185).

O “Prefácio de 1859”⁷⁹ permitiu uma concepção de ideologia como esfera superestrutural. Convém lembrar que os intelectuais marxistas posteriores desconheciam a obra “A Ideologia Alemã até 1924”, e a idéia de uma superestrutura ideológica foi partilhada por Kautsky, Mehring, Plekhanov e Maar⁸⁰ (BOTTOMORE, 1988, p. 215, p. 216). Esses teóricos

⁷⁹ O “Prefácio de 1859” é assim denominado em razão de ter sido escrito nesse ano em Londres e ter sido publicado no mesmo ano no livro de Karl Marx “Contribuições à Crítica da Economia Política”, editado em Berlim. Frequentemente citado por inúmeros autores, como “Prefácio de 1859”, nele se fundamentou Antonio Gramsci para sustentar que a ideologia se situa na superestrutura. Não se sabe ao certo como o “Prefácio de 1859” deixou de ser publicado nas edições da “Crítica da Economia Política” no Brasil e no exterior (BOTTOMORE, 1988, p. 185).

⁸⁰ Nikolai Lakovlevitch Marr (1865-1934) defendeu a tese do pertencimento da linguagem à superestrutura, afirmando que “a linguagem surgiu como um meio de dominação de classes, em todas as fases de seu desenvolvimento” (BOTTOMORE, 1988, p. 216), contrariando, portanto, Bakhtin, seu maior rival, que afirmava não existir coincidência entre comunidades lingüísticas e classes sociais. Em 1950 e 1952, o artigo “A propósito do Marxismo em Lingüística”, de Iosif Vissarinovitch Stalin (1879-1953), acabou com essa polêmica. Stalin afirmou que, em suma, a linguagem não tem lugar “entre a dicotomia base-superestrutura” e que “a linguagem deve ser

acreditavam existir “[...] uma ligação direta entre acontecimento nas estruturas socioeconômicas e sua superação nas superestruturas ideológicas” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p. 167).

Bakhtin apresenta uma crítica que nega a ideologia como uma falsa consciência, afirmando que é, sim, uma forma concreta e dialética que não oculta as contradições do capitalismo “[...] promovida pelas forças dominantes, e aplicada ao exercício legitimador do poder político” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p. 168), que, sim, traz a materialização dessas contradições no signo. O autor apresenta movimentos dinâmicos entre uma ideologia oficial e uma do cotidiano, estando ambas em interação na circulação permanente de signos e de sujeitos em interação e em devir, atingindo nestes signos a materialidade que apresenta a função ideológica que determina a vida histórica-material.

[...] Bakhtin e seu círculo puderam estabelecer, bem a seu gosto, uma relação dialética se dando entre ambos⁸¹, na concretude. De um lado a ideologia oficial, com estrutura e conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, com acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social. (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p. 169).

O próprio indivíduo, consumidor da vida através dos discursos, nas interações cotidianas ou nas interações com o processo de comunicação social como a observada nesta pesquisa, tem a própria consciência formada por interações que têm valores por meio do reflexo e da refração de signos ideológicos numa realidade material, física, de sua vida histórica, formando signos com sentidos ideológicos e imaginários.

[...] a ideologia é sistema sempre atual de representação de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizado, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e durável de sua orientação social, resultado de interações sociais ininterruptas, em que a todo momento se destrói e se reconstrói os significados do mundo e dos sujeitos. Se poderá então dizer: o Mundo sempre Novo, que se dá na ressurreição plena de todos os sentidos. (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p. 176).

A contribuição de Bakhtin define-se numa interação dialética de conteúdo-forma na ação objetiva/subjetiva de seres humanos socialmente organizados, evidenciando as contradições produzidas e materializadas em cadeias semióticas que existem com inúmeros valores axiológicos

interpretada como o são as ferramentas de trabalho, já que é capaz de servir a diferentes sistemas sociais.” (BOTTOMORE, 1988, p. 216). Sobre esse assunto, ver ainda Brandist (2002, p. 109-115).

⁸¹ O autor se refere à ideologia como ideologia do cotidiano e como o instante em que “[...] a divisão social do trabalho separa trabalho manual e intelectual” (MIOTELLO. In: BRAIT, 2005, p. 169).

em níveis que variam da ideologia oficial a do cotidiano em constante movimento e devir em tempo/espço, fornecendo condições para a compreensão das condições sociais da comunicação e da materialização histórica do homem.

A ação material do jornal é objetivada no processo de interação comunicativa, mas, nesta pesquisa, não se discutirá o mérito destas ações, se são objetivas ou subjetivas, apenas se observará o discurso como uma comunicação objetivada através de conteúdo e forma num processo dialógico de sentido por meio de um signo ideológico. Conteúdo-forma na ação (objetiva e subjetiva) determinam, no jornal, através da mediação, o sentido e o valor axiológico do signo.

A mediação é comumente utilizada como conexão que se realiza através de uma intermediação. Karl Marx demonstra que, entre o homem e a natureza, a atividade do primeiro sobre a segunda é mediada pelo trabalho, pela ação transformadora. Desse modo, o homem se autoconstitui um ser humano nas sociedades capitalistas. Historicamente o capitalismo inaugura inúmeras mediações existentes na atividade produtiva humana (a troca, o dinheiro, a propriedade privada). Para Marx, um conjunto específico de relações sociais está subordinado às exigências da produção de valor. Para essa produção, o valor de uso deve ser mediado pela produção do valor de troca. Assim compreende-se como se podem detectar mediações fundantes do modo de produção capitalista, e outras secundárias, as mediações das mediações. Em Marx, a alienação, cuja teoria está esclarecida em “O Capital”, Livro I, Capítulo I⁸², é a causadora de uma perversão no ser humano, perversão que o faz permanecer alheio aos resultados da própria atividade em si mesma, tanto quanto à natureza e aos outros seres humanos, sendo o ser humano convertido em objeto, tornando-se mediação também. (BOTTMORE, 1988, p. 263).

No jornalismo, a mediação ocorre com a conversão de conteúdo e forma do acontecimento jornalístico em conteúdo e forma acabados em uma página de jornal, mediação de uma mediação que se concretiza na interação comunicativa com o leitor.

Conteúdo e forma carregam a composição do signo com a ideologia e os valores axiológicos numa mediação de sentidos refratados na realidade.

O jornal Folha de S.Paulo (ANEXO A – 2) e no jornal O Estado de S. Paulo (ANEXO B – 2), ambos de 5.5.2006, demonstram o **acontecimento material** de uma reunião presidencial na Argentina envolvendo o presidente Lula juntamente com os presidentes da Bolívia, da Venezuela e da anfitriã, a Argentina. A reunião era consequência de impasses sobre a exploração brasileira de gás natural na Bolívia.

⁸² MARX, Karl, 1818-1883. Mercadoria e dinheiro. In: **O capital: crítica da economia política: livro primeiro o processo de produção do capital**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1987.

Os jornais apresentam o acontecimento com uma refração condicionada pela esfera de criação e pelo campo da comunicação específicos de cada horizonte axiológico. Ambos pertencem a grupos distintos, com interesses distintos, portanto, esferas/campos diferentes. Mesmo coincidindo o campo da comunicação social dos dois jornais, os campos dos interesses políticos diferem. Assim, a refração do acontecimento material em conteúdo e forma nos signos ideológicos apresenta diferenças.

Os signos existentes no jornal O Estado de S. Paulo estão relacionados ao fracasso, à ingenuidade, à chantagem e à derrota, enquanto que, no jornal Folha de S. Paulo, o signo Lula está relacionado a signos de indefinição, de instrospecção e também com campanha política (ANEXO C – 1).

A mediação converte a reunião entre os presidentes para a atuação de Lula, demonstrando o interesse dos jornais para a questão nacional. O signo Lula assume diferente sentido na interação comunicativa, pois estes signos carregam forma e conteúdo valorados axiologicamente: O sentido produzido demonstra uma situação problemática para o país. No jornal O Estado de S. Paulo, a atuação de Lula na reunião envolveu fracasso por não ter obtido vantagens para o Brasil, ingenuidade por ser motivo de risos diante de algo tão grave, chantagens e derrota de Lula. No jornal Folha de S. Paulo, a atuação de Lula na reunião envolveu impasses (ninguém cedeu ainda) e reflexão sobre o problema em busca de uma resolução.

O campo social evidenciado na mediação discursiva da imprensa demonstra perspectivas de entendimento dos signos que envolvem o presidente Lula, assim, prescinde-se da dialética como método para que as categorias/movimentos estudados fluam no dialogismo dos discursos em interação em tempo/espaço definidos.

A dialética implica uma aplicação metodológica específica que utiliza os princípios (conjuntos de leis) que determinam uma parte ou a totalidade histórica.

A dialética é tematizada na tradição marxista mais comumente enquanto um método e, mais habitualmente, um método científico: a dialética *epistemológica*; um conjunto de leis ou princípios que governam um setor ou a totalidade da realidade: a dialética *ontológica*; e o movimento da história: dialética *relacional*. (BOTTOMORE, 1988, p. 101).

Esses princípios gerais não reduzem à matéria como uma única identidade. Ao contrário, eles assinalam oposições entre o material e o ideal que existem em uma realidade concreta diferenciada e contraditória. As unidades dialéticas são as unidades dos contrários que se conflitam em processo histórico (evolucionário e revolucionário), produzindo transformações (radicais ou descontínuas) originando qualitativamente o novo.

A dialética ocorre na história e no pensamento, especificamente na lógica intelectual, pois utilizar a lógica dialética é apreender uma realidade contraditória que requer muito mais que a lógica formal, visto que ela se baseia no princípio de não-contradição.

O pensamento que quer conhecer adequadamente a realidade, que não se contenta com os esquemas abstratos da própria realidade, nem com suas simples e também abstratas representações, tem de destruir a aparente independência do mundo dos contactos imediatos de cada dia. O pensamento que destrói a pseudoconcreticidade para atingir a concreticidade é ao mesmo tempo um processo no curso do qual o mundo da aparência se desvenda o mundo real; por trás da aparência externa do fenômeno se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência. O que confere a estes fenômenos o caráter de pseudoconcreticidade não é a sua existência por si mesma, mas a independência com que ela se manifesta. A destruição da pseudo concreticidade – que o pensamento tem de efetuar – não nega a existência ou a objetividade daqueles fenômenos mas destrói a sua pretensa independência, demonstrando o seu caráter mediato e apresentando, contra a sua pretensa independência, prova de seu caráter derivado. (KOSÍK, 1976, p. 16).

Na dialética, os fenômenos, dados, comportamentos, a vida em geral (política, economia, história e social) não são passíveis de uma análise que afirme a verdade absoluta ou a falsidade absoluta. O pensamento se apropria dos fenômenos, dos fatos e, relativizando a verdade e a falsidade absolutas, move-se “através das contradições determinadas, pensando-as, refletindo-as, sem se perder na incoerência”. (LEFEBVRE, 1983, p. 174).

As leis ou movimentos universais da dialética estão no real e no pensamento:

[...] lei da transformação da quantidade em qualidade, segundo a qual as mudanças quantitativas dão origem a mudanças qualitativas revolucionárias; a lei da unidade dos contrários, que sustenta que a unidade da realidade concreta é uma unidade de contrários ou contradições; a lei da NEGAÇÃO da negação, que pretende que, no conflito de contrários, um contrário nega o outro e é, por sua vez, negado por um nível superior de desenvolvimento histórico que preserva alguma coisa de ambos os termos negados (processo por vezes representado no esquema triádico de tese, antítese e síntese). (BOTTOMORE, 1988, p. 259).

A análise dialética contida na Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin reassegura o materialismo histórico nas premissas: a) o conhecimento humano é totalizante e a atividade humana é processo de totalização (KONDER, 2000, p. 37); b) toda ação e criação humana fazem parte de um todo, ou seja, os seres humanos têm uma visão de conjunto que, contudo, não abrange toda a realidade (KONDER, 2000, p. 36); c) conseqüentemente, a visão de conjunto é resultado de uma síntese e/ou sínteses parciais no processo de significação do real (KONDER, 2000, p. 37); d) existem níveis de totalidades e, neles, “as menos abrangentes” se incluem nas mais abrangentes, dependendo “do nível de generalização do pensamento e dos objetivos concretos dos homens em cada situação dada” (KONDER, 2000, p. 38).

A dialética constrói momentos de um processo que não finaliza, visto que ela reconhece a emergência do novo e, recusando-se a negar-se a si mesma, elabora sínteses que agregam as mudanças das partes que compõem o todo. Conclui-se, portanto, que o todo jamais estará contido na somatória de suas partes, visto que é impossível impedir o processo histórico de transformação da quantidade em qualidade. “E devemos sublinhar outra coisa: cada totalidade tem a sua maneira diferente de mudar; as condições da mudança variam, dependendo do caráter da totalidade e do processo específico do qual ela é um momento.” (KONDER, 2000, p. 40).

Em Mikhail Bakhtin percebe-se uma proposta de Filosofia da Linguagem que se centra no aprofundamento do conhecimento iniciado por uma precedente síntese precária e por uma compreensão genérica imediata para, gradativamente, conduzir o que é conhecido do complexo e abstrato ao mais simples, retornando ao mais complexo, ao concreto.

As sínteses, o pensar dialético do abstrato ao concreto, contemplam as contradições e mediações. A representação, a opinião, o conceito, a experiência do sujeito no mundo, movimentam-se do imediato para sínteses ricas, articuladas, compreensíveis: “o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte” (KOSÍK, 1976, p. 30).

Bakhtin assegura que, quando se trata de interpretar epistemes que relacionam a linguagem, a atividade mental (psiquismo), processos históricos e ideologias, “somente o recurso ao monismo materialista pode trazer uma solução dialética a todas as contradições dessa ordem. De outro modo, seríamos obrigados ou a ignorar as contradições, a fechar os olhos, ou a transformá-las em antinomias sem saída, em impasses trágicos” (BAKHTIN, 1995, p. 66).

A concepção dialética de conteúdo e forma nega o concreto filosófico geral que “designa o conjunto de elementos, dos aspectos que constituem uma coisa dada, um objeto dado” (CHEPTULIN, 1982, p. 263).

Descartando as concepções idealistas e metafísicas de conteúdo e forma, o monismo materialista concebe que esses elementos formam uma única unidade orgânica, interdependente. “O papel determinante nas relações conteúdo-forma é desempenhado pelo conteúdo. Ele determina a forma e suas mudanças acarretam mudanças correspondentes da forma. Por sua vez, a forma reage sobre o conteúdo, contribui para seu desenvolvimento ou o refreia.” (CHEPTULIN, 1982, p. 268).

Em uma formação social⁸³, o conteúdo abrange “o conjunto dos processos e das mudanças que ele acarreta”, os quais têm como forma correspondente “um sistema relativamente estável de ligações de momentos (elementos) do conteúdo” (CHEPTULIN, 1982, p. 268).

O conteúdo transforma-se constantemente e a forma tende a manter-se estável de modo relativo, por um tempo maior. A partir do momento em que a forma (sistemas estáveis) se torna um obstáculo ao conteúdo (conjunto de processos), a não-correspondência entre ambos eclode em eliminação dessa forma, e o aparecimento de outra que atinge um nível qualitativo diferenciado; como quando na literatura se diz “da refeição e da destruição da antiga forma e da criação de uma forma nova, temos, em geral, uma vista às mudanças na forma que a adaptam ao desenvolvimento do conteúdo no quadro da antiga forma” (CHEPTULIN, 1982, p. 269).

Adail Sobral, em “Filosofias (e Filosofia) em Bakhtin”⁸⁴, especifica que os intelectuais do Círculo de Bakhtin, no conceito da unidade singularidade/generalidade, propunham a análise de objetos de estudo mediante “procedimentos” que contemplassem a “identificação e explicação de relações (não dicotômicas) entre elementos dos objetos estudados” (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 137).

O autor destaca entre elas

- a) forma-conteúdo-material;
 - b) resultado-processo;
 - c) material-organização-arquitetônica;
 - d) individual-interação entre indivíduos;
 - e) cognição-vida prática;
 - f) universalidade-singularidade;
 - g) objetividade (o real concreto) – objetivação (a manifestação semiótica da objetividade);
 - h) estética/ética/cognição (esta última em termos de conhecimento, não de processo cerebral).
- (SOBRAL. In: BRAIT, 2005, p. 137).

Em Bakhtin, a originalidade reside em demonstrar que, mantendo-se a unidade conteúdo-forma, acrescenta-se a “natureza do material” e os “procedimentos por ele condicionados” (BAKHTIN, 2003, 177-178). A forma é dependente do conteúdo e do material. Nos signos ideológicos, o objetivo é o conteúdo. Este conteúdo ético-cognitivo será enformado e

⁸³ Por formação social está subsumida a premissa marxista contida no Prefácio à Contribuição Crítica da Economia Política editado em Berlim em 1859: “na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base material sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. (MARX, 1980, 299). Vide ainda o Capítulo I de MARX, Karl e ENGELS, Fridrich. **A ideologia alemã: teses sobre Feurbach**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

⁸⁴ SOBRAL, Adail. *Filosofias (e filosofia) em Bakhtin*. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

concluído, subordinando o material ao próprio objetivo. Concluir implica a subordinação do material e alcançar o objetivo ético-cognitivo ou “tensão ético-cognitiva”. Há necessidade de superar o material na tarefa comunicativa.

Assim, no jornalismo, superar a linguagem (técnica jornalística) afim de um sentido, ou a superação da própria língua para a conclusão de um discurso, evidência a obediência de uma lógica criativa, “*uma lógica imanente da criação*”, com os valores da produção de sentido, o contexto do “ato criador”.

[...] antes de tudo precisamos compreender a estrutura dos valores e do sentido em que a criação transcorre e toma consciência de si mesma por via axiológica, compreender o contexto em que se assimila o ato criador. A consciência criadora [...] *nunca coincide* com a consciência lingüística, a consciência lingüística é apenas um elemento, um material [...]. (BAKHTIN, 2003, 179).

O conteúdo apresenta os elementos do mundo, da vida, forjado em parâmetros éticos e cognitivos. Interligado à forma, conteúdo e forma são mutuamente condicionados, produzindo sentido na própria criação. Aquele que cria é o artista e a arte (no caso desta pesquisa, é o jornalista que apresenta um discurso, uma visão, uma realidade materializada no jornal). A atividade estética (acabada na obra jornalística) agrega sentidos de forma acabada, e auto-suficiente. Trata-se de um ato que passa a existir em um novo campo axiológico (o jornal), num devir da interação comunicativa.

Assim, também o material condiciona-se com forma e conteúdo, em que o signo é o meio de expressão; numa “lógica imanente da criação”, o material deve ser superado, aperfeiçoado num contexto de criação em que forma e conteúdo revelam o signo em sua superação. De um contexto factual, para a interpretação jornalística, revelado nas páginas de um jornal em outra forma (uso das técnicas jornalísticas) com conteúdos que provocam a “tensão” entre o criador e este contexto de criação.

O jornalista apresenta uma superação daquilo que vê (nesta pesquisa o signo do Lula). O jornalista promove através da linguagem, da língua, das técnicas jornalísticas, dos condicionamentos das esferas e dos campos envolvidos, uma superação para as páginas dos jornais, ou seja, ele interpreta, transforma o signo e constrói um novo signo convertido em informação jornalística num veículo de comunicação. Esses novos signos remetem ao original como sendo uma expressão de verdade ou de acontecimento real, signos que apresentam conteúdo e forma ideológicas sobre aquele sentido que passam a representar. Mesmo uma foto constitui uma recriação, uma superação através da técnica, daquilo que foi visto pelo jornalista,

para aquilo que vai ser dito (visualizado) pelo jornal. Esses signos constituem o jornalismo como enunciação que:

[...] por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento da evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1995, p. 123).

A perspectiva apresentada pelo jornalista e pelo jornal direciona-se por um vivenciamento axiológico através de um horizonte social compartilhado, consumindo enunciados de outros, refrações de sentido que vão determinar o valor ideológico de cada signo, pois esse já está determinado antes de sua criação.

Cabe ao jornalista enformar, concluir uma perspectiva na palavra do outro, superando o elemento técnico da forma do jornal, para uma experiência não vivenciada (o outro, “o leitor” não esteve na reunião do presidente Lula apresentada nos jornais de 5.5.2006, tomou conhecimento através da vivência do jornalista), uma comunicação essencialmente dialógica. “A palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha). A distância e o respeito. No processo da comunicação dialógica com o objeto, este se transforma em sujeito (o outro eu).” (BAKHTIN, 2003, p. 381).

Essa criação, superação promovida na comunicação jornalística, é também objetivada, para isso o ligeiro comparativo feito entre os jornais da mesma data (5.5.2006 – ANEXO C –1) já torna evidente.

A refração da realidade está na superação dos signos pelo jornalista e sua apresentação em páginas de jornais, uma produção de sentido objetivada pela técnica jornalística específica, pelos campos sociais envolvidos e pela própria esfera de criação ideológica do jornalista, constituindo assim um processo de significação na comunicação social.

A significação, como enfatiza Bakhtin (1992b, p. 132), não se dá jamais de forma abstrata, pois ela é o produto da interação entre os interlocutores:

Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de *diálogo*; ela está para a enunciação assim como um réplica está para a outra no diálogo. (BAKHTIN, 1995, p. 132) [...] a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. (BAKHTIN, 1995, p. 132).

A significação nos signos e em suas combinações, traduzida em enunciados objetivados nos jornais, revela como o sentido é objetivado nesse processo de diálogo com o leitor. O movimento interno dos signos neste processo tem no conteúdo de um signo a determinação de sua forma, como no signo da morte do humorista Bussunda (a forma de representação do presidente Lula); na forma tem a determinação do conteúdo, como no signo da reunião presidencial na Argentina (nos dois jornais a forma apresentada na foto interferiu no sentido do conteúdo da reunião). No jornalismo, a superação do fato material em um material jornalístico tem como objetivo o conteúdo, este com valor axiológico também determinado pela forma ideológica dos signos e suas combinações, imaginárias ou não.

Assim, as comunicações jornalísticas têm, em sua gênese, a objetivação de um conteúdo produzido segundo esferas e campos específicos constituídos em determinado tempo/espaço na interação comunicativa. Pela mediação desses signos ideológicos, os valores axiológicos, presentes no conteúdo em dialogismo com o leitor, produzem sentido como síntese reflexiva de um fato vivenciado por um leitor que não esteve lá e que depende de um imaginário para dar um acabamento, mesmo que precário, para a interpretação e entendimento também imaginário da matéria jornalística como uma refração objetiva da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação social em jornais impressos observada na análise de signos do presidente Lula esclarece enunciados discursivos historicamente materializados, produzindo múltiplos sentidos e refrações da realidade social.

O presidente Lula, nos jornais observados (Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo) é apresentado nas especificidades sógnicas de esferas e de campos de cada jornal e de cada momento histórico. Forma-conteúdo e tempo/espço refratam objetivamente os múltiplos sentidos que o signo Lula assume, em imagens e texto.

No primeiro capítulo deste trabalho (intitulado *Comunicação, palavra e imagem*), discutem-se as vertentes epistemológicas de estudos da comunicação, as correntes semióticas, a contribuição da Escola de Frankfurt no estudo da comunicação e aspectos da retórica aristotélica, destacando-se as contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin, demonstrando como palavra e imagem se articulam, compondo esferas ideológicas e campos sociais, discutido-se, também, como a forma visual do jornal no estudo do *design* determina a materialidade dos signos.

No segundo capítulo (*Enunciados discursivos nas folhas de jornais*), apresentam-se as capas dos jornais em estudo, considerando as categorias/conceitos da semiótica de Mikhail Bakhtin em suas fundamentações.

O título dado ao terceiro capítulo (*Refrações da realidade e a produção de sentido*), diz respeito ao estudo do imaginário sócio-histórico. A perspectiva de Cornélius Castoriadis (1991) permite a apresentação de aspectos relevantes sobre a ideologia, notadamente sua categorização em termos teórico-metodológicos de Mikhail Bakhtin.

Na mídia existem mediações que demonstram um acontecimento material e real em signos impressos em jornais. A presente pesquisa contribui para revelar o conteúdo e a forma do signo como refração de uma realidade constituída a partir de esferas e de campos sociais específicos.

O estudo a partir da semiótica discursiva de Bakhtin, utilizando conceitos/categorias específicos, permite dialeticamente abrir uma passagem do abstrato ao concreto no estudo científico. Determina-se a importância de conceitos-chave – dialogismo, alteridade, esfera/campo, signo ideológico, enunciação, entre outros – na promoção da coesão metodológica na rejeição a totalidades vazias e a atualidades abstraídas, provindas apenas do senso comum,

incapazes de ultrapassar a fina e tênue superfície da aparência do objeto de estudo. Visualiza-se construção de um sujeito sob a égide da contradição, também imersa em uma construção imaginária de sentidos.

O uso coerente das categorias/movimentos bakhtinianos permite a aplicação metodológica com o uso da dialética nas relações sociais e na comunicação social, com a apropriação de totalidades⁸⁵ parciais num movimento para uma totalidade mais ampla, uma relação entre o todo e as partes, observando-se através das contradições em sua materialidade sógnica.

Os múltiplos sentidos apresentados ao presidente Lula demonstram a condição do jornalismo impresso na representação de suas próprias esferas e campos como determinantes objetivos de sentido. Na relação forma-conteúdo-processo, a constituição dos elementos éticos, estéticos, cognitivos e imaginários comprova como a linguagem pode também revelar a atuação jornalística do veículo que enforma uma realidade real, para sua superação em páginas de um jornal.

⁸⁵ Sobre os movimentos de totalidades existentes na dialética, ver KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; sobretudo os problemas da falsa totalidade nas páginas 50-54.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de et alii. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. v. IV. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. **Tópicos**. São Paulo: Editora Abril, 1978.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: contexto de François Rebelaïs. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Discurso na vida e discurso na arte: sobre a poética sociológica. In: **Freudism – a marxist critique**. Tradução de FARACO, C. e TEZZA, C. (UFPR) para fins didáticos. New York: Academic Press, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **O freudismo**: um esboço crítico. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto et alii. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2003.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1991.

BENOIT, Hector. Da dialética da natureza à derradeira estratégia política de Engels. In: BOITO Jr. et alii (Orgs.). **A obra teórica de Marx**: atualidade, problemas e interpretações. São Paulo: Xamã, 2000.

BEZZERA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BORNHEIM, Gerd Alberto. **Dialética**: teoria e práxis; ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética. Porto Alegre: Editora Globo: 1983.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2001.

BRAIT, Beth. A natureza dialógica da linguagem. In: FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001.

BRANDIST, Craig. **The Bakhtin Circle**: philosophy, culture and politics. Londres: Pluto Press, 2002.

BRETTON, Philippe. **Argumentação na comunicação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. História da folha: as diferentes etapas. In: FOLHA DE SÃO PAULO. **Um país aberto**: reflexões sobre a Folha de S.Paulo e o jornalismo contemporâneo. São Paulo: Publifolha, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

COLLARO, A. C. **Projeto gráfico**: teoria e prática da diagramação. São Paulo, Summus, 2000.

CORRÊA. Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social**: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgar Blücher, 2000.

DONDIS, D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

EAGLETON, Terry. O sublime no Marxismo. In: EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001.

FILHO, Ciro Marcondes. A folha e as Diretas-Já. In: FOLHA DE SÃO PAULO. **Um país aberto**: reflexões sobre a Folha de S.Paulo e o jornalismo contemporâneo. São Paulo: Publifolha, 2003.

FIORIN, Jose Luz. O romance e a representação da heterogeneidade constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001.

FOLHA DE S.PAULO. **Um país aberto:** reflexões sobre a Folha de S.Paulo e o jornalismo contemporâneo. São Paulo: Publifolha, 2003.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi. **Estudo semiótico de enunciados discursivos em imagens do presidente Lula.** In: I SIMPÓSIO NACIONAL EM CIÊNCIAS HUMANAS, 2006, Marechal Cândido Rondon - PR. I Simpósio Nacional em Ciências Humanas. Marechal Cândido Rondon - PR: Unioeste, 2006. p. 597-600. ISSN/ISBN: 8576440814.

FORMENTÃO, Francismar. **Jornal-Laboratório e alfabetismo visual: interdisciplinaridade no curso de jornalismo.** In: JAWSNICKER, Claudia e SIMÃO, Kátia (Orgs.). **Ensino de jornalismo:** reflexões sobre didática, teoria e prática. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

FORMENTÃO, Francismar. **Um olhar histórico sobre mídia e corrupção política.** In: IV ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2006, São Luiz - MA. A Luta pela Liberdade de Imprensa no Brasil. 2006. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4.htm>

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi. **A semiótica como metodologia de ensino em jornalismo.** In: 2º ENCONTRO DE PROFESSORES DE JORNALISMO DO PARANÁ, 2006, Curitiba.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi. **Jornal-laboratório como campo da interdisciplinaridade.** In: 2º ENCONTRO DE PROFESSORES DE JORNALISMO DO PARANÁ, 2006. Curitiba.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi. **A comunicação dialógica em Shrek 2.** In: SEMINÁRIO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM: LEITURAS, 2006, Cascavel.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi; SILVA, Rosemeiri Custódio da. **Refrações dialógicas do sonho e da memória em Mulholland Drive.** In: VI SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA - NARRATIVAS DA MEMÓRIA: O DISCURSO FEMININO, 2006, Cascavel.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi; SILVA, Rosemeiri Custódio da. **Nove histórias: o conceito de esfera de Mikhail Bakhtin na obra de Jerome David Salinger.** II ENCONTRO PARANAENSE PÓS-GRADUADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS, 2006, Cascavel.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força:** história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRILLO, Sheila V. de Camargo. **Esfera e campo.** In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade.** Trad. Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HENRIQUES, Maria José Rizzi. **As raízes marxistas de Mikhail Bakhtin**. In: 54º seminário do GEL - GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – UNESPE. 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/>>. Acesso em: 10 set. 2007.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KONDER, Leandro. **Marx: vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KEUNEN, Bart. Bakhtin, **Genre Formation, and the Cognitive Turn: Chronotopes as Memory Schemata**. CLCWeb: Comparative Literature and Culture: A WWWeb Journal ISSN 1481-4374 CLCWeb Library of Research and Information ... CLCWeb Contents 2.2 (June 2000) <<http://clcwebjournal.lib.purdue.edu/clcweb00-2/keunen00.html>> © Purdue University Press. Disponível em: <<http://www.thepress.purdue.edu>>. Acesso em: 10 out. 2006.

KOPP, Rudinei. **Design gráfico cambiante**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal. Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LÖWY, Michael; BENSÂÏD, Daniel. **Marxismo, modernidade, utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.

LUCAS, F. **Literatura e comunicação na era da eletrônica**. São Paulo: Cortez, 2001.

MAAR, Wolfgang Leo. Formação social em Lukács: dialética de reificação e realização – A perspectiva marxista como consciência de classe e crítica ontológica. In: BOITO JR, Armando et alii. **A obra teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações**. São Paulo: Xamã, 2000.

MACHADO, Irene A. **O romance e a voz - a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro, São Paulo: Imago - FAPESP, 1995.

MACHADO, Irene A. Os gêneros e as ciências dialógicas do texto. In: FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARX, Karl. 1818-1883. Mercadoria e dinheiro. In: **O capital: crítica da economia política: livro primeiro o processo de produção do capital**. São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 1987.

MARX, Karl. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Prefácio à “Contribuição à Crítica da Economia Política”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. v. 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

MASIP, Vicente. **História da filosofia ocidental**. São Paulo: EPU, 2001.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELO, Jose Marques de. **História social da imprensa**. 2. ed Porto Alegre: Edipucrs, 2003b.

MELO, Jose Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003a

MENESES. U. T. B. **A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações**. Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas. organizadora Zélia Lopes da Silva. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MORAES, Dênis de. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NASSIF, Luís. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura. 2003.

NATH, Margarete Aparecida. **Dialogismo e ideologia do cotidiano na obra de Clarice Lispector**. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2005.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

PENA, Felipe. Sistematizações das teorias do jornalismo em abordagens européias, brasileiras e americanas. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 39-53, jul./dez. 2006.

PERELMAN, Chaïm. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLEBE, Armando. **Breve história da retórica antiga**. São Paulo: EPU, 1978.

RAMOS, Ana Virgínia Moura. **Mídia e política: as barreiras para a democratização da comunicação no Brasil.** PAR'A'ITWA – Revista dos pós-graduandos de sociologia da UFPB. Edição nº 1 - ISSN 1518-9015. João Pessoa – PB. Dezembro de 2001. Disponível em: <<http://chip.cchla.ufpb.br/paraiwa/01-ramos.html>>. Acesso em: 30 mar. 2007.

REBELO, J. **O discurso do jornal: o como e o porquê.** Lisboa: Editorial Notícias, 2000.

RIBEIRO, Milton. **Planejamento visual gráfico.** Brasília: L.G.E., 1998.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHAFF, Adam. **História e verdade.** Tradução de Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas. **A importância da primeira página.** Disponível em: <<http://www.usc.br/analisedemidia/Downloads/fichaati.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia em Bakhtin). In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e mediatização. In: MORAES, Dênis de (Org.) **Sociedade mediatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa.** São Paulo, Ática, 2000.

TEZZA, Cristóvão. Sobre o autor e o herói: um roteiro de leitura. In: FARACO, Carlos Alberto. TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. **Diálogos com Bakhtin.** Curitiba: UFPR, 2001.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teoria e histórias.** Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo - porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004.

WILLIAMS, R. **Design para quem não é designer**. São Paulo: Callis, 1996.

ZECCHETTO, Victorino. **Seis semiólogos en busca del lector**: Saussure, Peirce, Barthes, Greimas, Eco, Verón. Buenos Aires: La Crujía, 2005.

DISPONÍVEIS NA WORLD WIDE WEB:

FOLHA DE S.PAULO. **Conheça a folha**.

Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br>>.

O ESTADO DE S.PAULO. **Resumo histórico**.

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>>.

Wikipédia, a enciclopédia livre.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/>>.

The Bakhtin Circle. The University Of Sheffield. Acesso em 10.10.2006.

Disponível em: <<http://www.shef.ac.uk/bakhtin/>>.

The Internet Encyclopedia of Philosophy. Acesso em 10.10.2006.

Disponível em: <<http://www.iep.utm.edu/b/bakhtin.htm>>.

OUTRAS REFERÊNCIAS

ANTONIUTTI, Cleide Luciane. **De operário a presidente**: a imagem política de Lula no horário eleitoral da televisão nas campanhas presidências de 1998 e 2002. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/3724/1/cleide.PDF>>. Dissertação de mestrado. Mestrado em Sociologia Política, do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humana Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Orientador: Prof Dr. Mário Fuks. Curitiba: 2004.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. **Dos argumentos sofisticos**. São Paulo: Abril, 1978.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil**: nunca mais. Petrópolis: Vozes, 1990.

CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. **Partidos políticos e educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo**. Cascavel: Edunioeste, 2000.

CHIAVENATO, Julio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEELY, John. **Introdução à semiótica: história e doutrina**. Lisboa: GULBENKIAN, 1995.

DEELY, John. **Semiótica**. São Paulo: Ática, 1990.

GIL, Isabel Teresa Morais. **Retórica e argumentação: continuidade e rupturas**. Disponível em: <http://z3950.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat14/Mathesis14_69.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2006. Nº 14, 2005, pags. 69-80 Mathesis, ISSN 0872-0215.

GIORDANI, Marco Pollo. **Brasil sempre**. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

GOMES, Marcelo Bolshaw. **A imagem pública de Lula e eleições presidenciais brasileiras (1989/2002)**. I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, ocorrido na Universidade Federal da Bahia – Salvador-BA, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

PARANÁ, Denise. **Lula, o filho do Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

PARRET, Herman. **Las pasiones: ensayo sobre la puesta en discurso de la subjetividad**. Buenos Aires: Edicial, 1986.

PEIXOTO, Ana Cristina Santos. **Discurso político: a constituição do presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva como sujeito discursivo**. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada. Uberlândia, 2006. Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. **O show da estrela: estudo da campanha presidencial do PT em 2002**. Tese de doutoramento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005. Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Michalany Chaia.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica & literatura**. 6. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

RIBEIRO, Pedro José Floriano. **Um partido em mutação: a transformação do PT e seus reflexos sobre as campanhas presidenciais (1989, 2002)**. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004. Orientador: Prof. Dr. Fernando Antônio Azevedo.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SANTAELLA, Lucia, NOTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANEXOS

RELAÇÃO DE ANEXOS

ANEXO A - 1. (Folha de S.Paulo - 2.5.2006).

ANEXO A - 2. (Folha de S.Paulo - 5.5.2006).

ANEXO A - 3. (Folha de S.Paulo - 7.5.2006).

ANEXO A - 4. (Folha de S.Paulo - 13.5.2006).

ANEXO A - 5. (Folha de S.Paulo - 2.6.2006).

ANEXO A - 6. (Folha de S.Paulo - 18.6.2006).

ANEXO A - 7. (Folha de S.Paulo - 25.6.2006).

ANEXO A - 8. (Folha de S.Paulo - 30.6.2006).

ANEXO B - 1. (O Estado de S.Paulo - 2.5.2006).

ANEXO B - 2. (O Estado de S.Paulo - 5.5.2006).

ANEXO B - 3. (O Estado de S.Paulo - 6.5.2006).

ANEXO B - 4. (O Estado de S.Paulo - 13.5.2006).

ANEXO B - 5. (O Estado de S.Paulo - 26.5.2006).

ANEXO B - 6. (O Estado de S.Paulo - 2.6.2006).

ANEXO B - 7. (O Estado de S.Paulo - 18.6.2006).

ANEXO B - 8. (O Estado de S.Paulo - 22.6.2006).

ANEXO C – 1 - Tabela 1 – Enunciados/Signos nos jornais

ANEXO C – 2 - Tabela 2 - Enunciados/signos nos jornais e a produção de sentido

ANEXO C – 3 - Tabela 3 - Descrição comparativa das capas dos jornais

ANEXO A – 1. (Folha de S.Paulo - 2.5.2006).



FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, terça-feira, 2 de maio de 2006

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTÁVIO FRUAS FILHO • UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • ALAMEDA BARROCELIMÉRIA, 420 • ANO 86 • Nº 26.712 • R\$ 3,00

Bolívia nacionaliza gás e petróleo

Dimitry Kostin/Agência AP



O presidente Morales, centro, de capacete, no campo de gás em que anunciou a nacionalização, explorado pela Petrobras

★ **Exército ocupa empresas estrangeiras, incluindo as duas refinarias da Petrobras**

★ **Surpreendido, Planalto ainda estuda resposta; ministério fala em 'rampimento'**

O presidente da Bolívia, Evo Morales, irritado com o impasse da União sobre a instalação da Petrobras para atender a nacionalização da exploração do gás e do petróleo no país.

Com as medidas, o Estado deve assumir o controle acionário das duas refinarias da Petrobras e dos outros campos de produção de empresas estrangeiras no país, como a hispano-argentina Repsol-YPF.

Além disso, o imposto sobre o gás subirá de 30% para 82%. Caso as empresas não aceitem as medidas, terão de deixar a Bolívia no prazo de 180 dias.

Morales anunciou o decreto no campo de gás de San Alberto, explorado pela Petrobras, onde a estatal é acionista.

Surpreendido, o Planalto considera grave a decisão, que a pasta de Minas e Energia chama de "retrocesso", mas aguarda uma resposta.

Das 62 milhões de metros cúbicos de gás consumidos no Brasil, 26 milhões provêm da Bolívia. No Estado de São Paulo, 7,6% do gás é boliviano.

É a terceira vez que a Bolívia nacionaliza hidrocarbonetos. O país fez isso em 1977 e 1980, em regimes militares. *Stefano*

Petrobras promete 'reação forte'

O presidente da Petrobras, José Sérgio Gabrielli, disse que a decisão da Bolívia de nacionalizar as reservas de gás e as refinarias da estatal foi "inaceitável", "não amigável" e que pode levar a "situações dramáticas". Para ele, a decisão exige "reação forte" da companhia.

A Petrobras afirmou que o gás continuará sendo enviado à Bolívia e enviado para o Brasil, mas a estatal já solicitou ao governo brasileiro que aumente a tributação sobre o produto, para compensar o prejuízo e desestimar seu consumo pelo brasileiro. *Fig. 33*

Lula diz que PT tem de saber a 'importância da reeleição'

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva cometeu um ato falho e politicamente acertado: uma nova candidatura presidencial ao dizer na Mesa do Trabalho, em São Bernardo do Campo, que "o PT tem de ter maturidade para saber a importância da reeleição". Ao perceber o deslize, Lula gargalhou, sorriu e encolheu os ombros. "Não, é para saber a importância da eleição para o processo eleitoral".

No discurso, o presidente disse que caberia ao governo brasileiro pagar a conta política que envolveu membros do PT e do governo federal. *Fig. 34*

Greve de fome de Garotinho vira "reality show"

O ex-governador Anthony Garotinho (PMDB) perdeu 700 g no primeiro dia da greve de fome contra as acusações de irregularidades na pré-campaña à Presidência. Com uma "reality show", insistentes e obstruções motivaram o dia de greve: mais da metade do partido no Rio. Garotinho foi visitado pela mídia, a governadora Rosinha Mathias, e por até 10 mil. Para sua resistência, ele vive "lúcida e contentado". *Fig. 35*



PROS E CONTRAS Feito de 1º de Maio promovido pela CUT na av. Paulista, em SP: o ato da central, pró-Lula, e o da Força Sindical, contra o governo, atraíram 2,5 milhões, diz a FSB *Fig. 37*

Ex-aliado, Morales agora vai ao ataque

ELIAN SANTANHEI
COLABORADOR DO DIÁRIO

Evo Morales, ex-aliado de governo, Lula durante sua campanha à Presidência da Bolívia, começou a atacar as mudanças de fora quando se tornou independentemente favorito e, agora, decidiu se firmar no cargo, passou ao ataque.

Prejudica a Petrobras, com a nova medida, a exportação de E&P, empresas que existem concentrando quatro forças de ferro-gas e criando 6.000 empregos no país. *Fig. 32*

É a 1ª medida de esquerda desde 89

OLÍVIO ROSSI
COLABORADOR DO DIÁRIO

As nacionalizações de hidrocarbonetos, o presidente Evo Morales tomou a primeira medida governamental de esquerda na América Latina (pelo menos na América Latina) desde que o Moro da Bolívia desistiu em 1989.

A legislação sobre o gás e o petróleo de Morales é o sinal de uma mudança radical por empresas estrangeiras. Desde então, o Brasil, o México e o Chile não conseguiram mais nacionalizar a indústria. *Fig. 36*



Celular explode e fere mulher em cidade de Goiás

Uma estudante de 34 anos sofreu queimaduras e ferimentos nas costas e no antebraço após um celular explodir em sua mão. O acidente, o quinto caso registrado em 2006, ocorreu no domingo, dentro do salão de festas, em Itumbera (GO). Segundo sua irmã, a estudante passou por cirurgia de três horas e está se recuperando. A Motorola, fabricante do celular, não soube explicar os motivos do acidente. *Fig. 31*

OPINIÃO EDITORIAIS

Leis "bólicas" sobre a lei de direitos, sobre nacionalização de recursos naturais; "Interação cotidiana", acerca de atendimento de usuários e "Inovação no transporte". *Fig. 32*

ATMOSFERA

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo

Tempestade de chuva e vento em São Paulo



AMERICANOS VÃO ÀS RUAS NO 'DIA SEM IMIGRANTES'

Manifestantes caminharam em Chicago em apoio aos direitos dos estrangeiros que vivem nos EUA. Centenas de voluntários foram às ruas das grandes cidades do país para boicotar a economia e mostrar a importância dos imigrantes. O Serviço Americano estudou adotar leis de endurecimento contra eles. *Fig. 38*

FOUNET: Veja roteiro de leitura para vestibulares

A Founet e a Unicamp indicaram nas listas de livros para o vestibular. Veja no caderno Founet, que volta a circular hoje, quais são os livros e confira sugestões de produções sobre a melhor ordem de leitura. *Fig. 39*

BOCUDO EM SP
Novo livro de Bocudo, da FBS, com 176 páginas, custa R\$ 12,90. Disponível em: www.bocudo.com.br



ANEXO A - 4. (Folha de S.Paulo - 13.5.2006).



FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, sábado, 13 de maio de 2006

DIRETOR DE REDAÇÃO OTAVIO FRASSATILO • 4 • CIRCULADA ANTERIORMENTE • ILUMINADA POR LÂMPADA • 417 • ANO 60 • Nº 20.000 • R\$ 2,50

Presidente da Bolívia nega ter chamado estatal brasileira de 'contrabandista' e afirma que atrito com Lula se deve a 'tergiversação' da mídia

Morales recua e diz que Petrobras é sócia



Diante de chefes de Estado em Viena, a argentina Evangelina Carrizo exibe cartaz de protesto contra Mérica de Celso

CLIQUE ELeia

JORNALISMO E LULA

O presidente da Bolívia, Evo Morales, declarou hoje o que chamou de vitória sobre o Brasil e a Petrobras, transformando a estatal brasileira de "contrabandista" em "sócia" e "parceira" e culpando "tergiversações" da mídia pelas atitudes contra o presidente Lula da Silva.

"É simples para alguns meios de comunicação, com tergiversações, provocar confronto com o companheiro Lula, basear-se no acidente", afirmou Morales na América, onde participou da 44.ª cúpula União Europeia-América Latina e Caribe.

O boliviano também negou ter incluído a Petrobras na lista das petroleiras que fazem "contrabando". "Eu disse que vamos investigar empresas petrolíferas para ver se pagam impostos. Não mencionei a Petrobras". Evo não se explicou se entendeu a espanhola Rafaela e o governo do premiê José Luis Rodríguez Zapatero.

O Brasil não se encontra em posição positiva, após ser manifestado "indignação" com o ataque. "Uma condição para retomar o diálogo", afirmou o chanceler Celso Amorim. **Pág. 11**

A Petrobras anunciou R\$ 2 bilhões em investimentos, 50% a mais que no mesmo período de 2005. **Pág. 11**

Após transferências, PCC faz rebeliões e ataques e mata pelo menos quatro

A transferência de presos de 105 detentos ligados diretamente ao comando da facção criminosa PCC, dentro do qual Marcos Williams Carneiro, o Marcola, líder máximo do grupo criminoso, delegou uma série de ataques a policiais militares e civis na Grande São Paulo. Até ao 23h00, pelo menos dois PMs e dois guardas municipais morreram.

Hoje também duas rebeliões, iniciadas à noite, em presídios de Aracruz e de Itapetininga.

O governo pôs todos os bairros de segurança e em alerta geral, mas não se sabia ao certo o número de ataques ocorridos.

Marcola e mais 35 detentos foram levados para a sede do Doca, no Carmo. Os outros presos foram transferidos para Presídio Venâncio. **Pág. 11**

Gerente afirma que viu entrega de dinheiro em suposta fraude

Marcelo França, ex-gerente de restaurante em Brasília, disse à Polícia Federal que Daniel Medeiros, de Planalto, se reuniu com deputados no local e entregou dinheiro a membros de parlamentares. O empresário foi preso em operação que apura fraudes na compra de ambulâncias por prefeituras.

França não reconhece, diz a PF, o ex-deputado Carlos Rodrigues e o deputado Nilton Capetani. Ambos têm supostas atuações. Na Paraíba, afirma fraude comprada por prefeituras à Planaltina contra o nome do senador Ney Suassuna (PMDB-PI). **Pág. 11 e 101**



Ambulância da Prefeitura de Monteiro (PI) com nome do senador Ney Suassuna (PMDB)

PMDB decide hoje se lança nome próprio à Presidência

O PMDB faz hoje convenção nacional para decidir se lança candidato próprio à Presidência. Os pré-candidatos, Evaristo Dutra e Anthony Garotinho, estão ligados ao partido.

A Executiva Nacional aprovou resolução pela qual a tese de candidatura própria pode ser utilizada com os votos da maioria simples dos prefeitos e não com dois terços dos votos dos 128 conveniados. O STJ rejeitou pedido de suspensão da convenção. **Pág. 10 e 101**

Governo reduz pacote agrícola para a soja

Alargando a incerteza de entrega fiscal, o governo reduziu o pacote agrícola e apenas uma redução, substituição de R\$ 1 bilhão para os produtores de soja. Dos acordos de R\$ 15 a R\$ 6 a mais por saca, condizente a região. A conta ficará como resto de 2006 a pagar em 2007.

A medida tenta reduzir os prejuízos de safra marcados para a semana que vem e deve permitir que 20 milhões de toneladas de soja sejam vendidas a preços melhores. **Pág. 11**

Atleta americano bate o recorde dos 100 m rasos

O norte-americano Justin Gatlin, 24, conquistou o recorde mundial dos 100 m rasos, em competição no Qatar. Gatlin completou a prova em 9s76, em sétimo de segundo abaixo do jamaicano Asafa Powell, recordista desde 2005. **Pág. 11**



Justin Gatlin batendo o recorde no Qatar

ATMOSFERA **Pág. 12**

Opção solidária entre R\$ 13,4 e R\$ 14,4 e R\$ 15,4 e R\$ 16,4

ILUSTRADA

Festival de música reúne 60 mil em SP

Com ingressos vendidos, começa hoje no complexo do Anhembi a 7ª edição do maior festival de música eletrônica da América Latina. O evento vai durar três dias, de hoje ao 16 de setembro, com mais de 100 atrações. **Pág. 11 e 12**



FOLHINHA

Conheça as mãos do mundo animal

Saiba como as mãos de animais são diferentes das humanas, desde o elefante e o gorila até o tigre e o macaco. Saiba qual a função de cada uma delas. **Pág. 14 e 15**

Sua mão merece mais. Mas veja na Ilustrada qual não é a melhor para qualquer coisa.

Opinião EDITORIAIS

Lula "foi bem sucedido", comemorando a vitória diplomática e a vitória política. **Pág. 12**



INDICE	Conteúdo	Página
Brasil	11	11
América Latina	12	12
Europa	13	13
África	14	14
Ásia	15	15
Oceania	16	16
Meio Ambiente	17	17
Artes	18	18
Esportes	19	19
Opinião	20	20
Classificados	21	21

Indice	Conteúdo	Página
Brasil	11	11
América Latina	12	12
Europa	13	13
África	14	14
Ásia	15	15
Oceania	16	16
Meio Ambiente	17	17
Artes	18	18
Esportes	19	19
Opinião	20	20
Classificados	21	21



Faltam 21 dias para o início da Copa-2006

ANEXO A - 5. (Folha de S.Paulo - 2.6.2006).

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * * WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

DIÁRIO DE REDAÇÃO: OTAVIO FREITAS FILHO SEXTA-FEIRA, 2 DE JUNHO DE 2006 R\$0,60 * SP 0034 EDIÇÃO: PAULO DE CARVALHO AS 23H * R\$ 2,50

Roberto Carlos com amigos na festa em Lacerda

esporte
JOGADORES VÃO A BOATE NA SUÍÇA E SE CONTRADIZEM

Foto: D. C.

BRASIL TEM O ATAQUE MAIS PESADO DA COPA
Pela tabela ABC (tabela de pontos) dos jogos principais, o Brasil tem o ataque mais poderoso da competição.

Ataque	Brasil	Itália	Inglaterra	Áustria	Polónia	Argentina	Brasil
Pontos	24,40	24,00	23,67	23,47	22,75	22,45	22,62

Foto: D. C.

Aumento das importações reduz saldo da balança

As importações aumentaram 20% de janeiro a maio na comparação com os cinco primeiros meses de 2005, puxadas pela queda do dólar e pela expansão econômica. As exportações também cresceram, mas em ritmo menor. Em maio, o saldo comercial foi de US\$ 1.028,16 bilhões, 125% inferior ao de maio de 2005. No acumulado do ano, a queda é de 1%.

O aumento das importações foi um dos fatores que afetaram o resultado do PIB de janeiro a fevereiro, na estimativa preliminar, na 44.

guia
Receba roteiro de lugares para ver o Mundial

Uma seleção de lugares e roteiros para assistir aos jogos da Copa. Confira também as atrações de cinema, como "O Homem do Ano" (10h), de Roberto Figueira. - 4.5p. 4 e 14

ilustrada

Foto: D. C.

STJ nega pedido de advogados de Suzane para que júri seja adiado

O ministro Nelson Sares, do STJ (Superior Tribunal de Justiça), nega pedido da defesa de Suzane von Balthausen para que seu julgamento seja adiado para a segunda-feira, seja adiado.

Suzane é a filha do empresário de seus pais, Manfredi e Maria, com Roberto Figueira, em 2002. O Tribunal de Justiça de São Paulo decidiu que o julgamento seja trancheado integralmente pela primeira vez. - 44 e 45

Soldados dos EUA farão curso para se humanizar

O comandante das tropas dos EUA no Iraque, George W. Casey, ordenou que os soldados fizessem um treinamento de "humanização", para humanizar sua conduta durante o conflito.

Segundo relatório dos EUA, alguns soldados, soldados do país mataram 21 civis iraquianos no sul de Bagdá, em 2005. - 44 e 45

NOVA MUSA DA MODA

Amadora portuguesa Flavia Luciani, 17, desfilou como modelo de um desfile da Fashion Week em São Paulo, que começou na segunda-feira. - 44 e 45

6 países propõem que Irã abandone programa nuclear

EUA, França, Reino Unido, Alemanha, Rússia e China fizeram acordo para oferecer incentivos ao Irã caso o país aceite a interrupção do seu programa nuclear.

A proposta não foi aceita pelo Irã, mas os países acordaram com o plano de desarmamento no Conselho de Segurança. Para o Irã, a proposta é um insulto ao diálogo. - 44 e 45

Lula desafia a oposição, e Alckmin o chama de cínico

Presidente diz que espera que adversários usem imagens de CPIs na TV

Foto: D. C.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva desafiou a oposição a utilizar na TV, durante a campanha eleitoral, todas as denúncias de corrupção contra seu governo e contra integrantes do PT que são alvo de investigações em CPIs no Congresso.

"Eu quero que eles coloquem CPIs na televisão todos os dias, todos os dias. Eu quero que eles coloquem as imagens que eles fizeram com minha gente lá", declarou Lula em Manaus (AM), comemorando a vitória "magnífica".

O presidente disse, ainda, que pretendeu eleições até chegar ao final do mandato, que ele se candidataria novamente se não tivesse a chance de perder. "A única coisa que me preocupa é que meus adversários se juntem para derrotar o partido quando eu estiver a perder, e não quando eu estiver a ganhar", afirmou.

O principal adversário de Lula na corrida presidencial, o tucano Geraldo Alckmin, rebateu as declarações chamando o presidente de cínico. "Lula é um velho conhecido do jogo que não sabe. Agora, depois da eleição para o primeiro, a coisa se torna impossível", afirmou.

Alckmin também acusou Lula de "putrefação" e "falta de ética" e o criticou por "abusar" do uso do cargo para fazer campanha eleitoral. O ex-governador paulista, porém, disse ver o contrário no fim do instrumento de eleição. - 44 e 45

TCU aprova as contas de 2005 do governo, mas faz 30 ressalvas

O TCU (Tribunal de Contas da União) aprovou por unanimidade as contas do governo Lula no ano passado, mas fez 30 ressalvas.

Para o TCU, o governo deve cumprir o percentual mínimo de gastos com a erradicação do analfabetismo e com o ensino fundamental. O tribunal criticou ainda o aumento da carga de impostos sem compensação na melhoria dos serviços públicos e a redução de gastos em segurança. O governo contestou a metodologia.

O relatório foi lido no Congresso, ao qual cabe aprovar ou rejeitar as contas. - 44 e 45

Diretor da Dastu é preso, acusado de obstruir a Justiça

O diretor financeiro da Dastu, Antonio Carlos Pires de Albuquerque, irmão da proprietária da loja, Eliana Bonache, foi preso pela PF por ordem de Justiça Federal. Para o delegado de distrito, a medida foi legal.

A prisão foi pedida porque, alega o Procurador da Dastu, o irmão teria obstruído a investigação fraudulenta e porque ele teria tentado obstar o processo contra ele e a irmã postizada. - 44 e 45

Procurador denuncia 81 por fraudes na Saúde

O procurador da República em Curitiba (PR) Mário Sérgio de Almeida denunciou 81 pessoas, incluindo os ex-deputados federais e um ex-senador, acusados de cometerem fraude que fraudou licitações de compra de ambulâncias.

Segundo Almeida, os sete ex-congressistas receberam propina no exercício do cargo para vender a empresa ao Organismo de Saúde da Companhia de Saúde. - 44 e 45

EDITORIAIS

Leia "Novo cenário" sobre a situação da Federação Paulista de Futebol (FPF) e o cenário da saúde. - 44 e 45

ATMOSPHERA

Informações sobre o clima e o tempo. - 44 e 45

Palmas

Alas para o início da Copa-2006

Intel, extra

ANEXO A – 6. (Folha de S.Paulo - 18.6.2006).

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * * WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S.PAULO

DOMINGO, 18 DE JUNHO DE 2006
ANO 48 • Nº 26.300
EDIÇÃO SÃO PAULO • R\$ 4,00

memória

Bussunda morre aos 43 na Alemanha
O comandante Claudio Tessmann Viana, o Bussunda, morreu às 8h30 (horário local) em Munique, na Alemanha, depois de sofrer uma parada cardíaca no quarto do hotel. Ele, que completaria 44 anos no dia 25, tinha asma e sentia falta de ar nem logo de futebol. **Pág. C1-C12**

copa 2006

Contra Austrália, Brasil enfrenta seus próprios problemas
O Brasil enfrenta hoje a Austrália na 11ª em uma situação tensa: o adversário tem vantagem de jogar por um empate para manter a liderança no grupo. Os australianos têm um saldo maior de gols.
Bomaldem em condição física duvidosa, Adriano não faria de gol e Ronaldinho, distante do futebol que o consagrou como o melhor do mundo no futebol, completam o quadro de problemas do Brasil. **Pág. B1**

jogos de hoje
Brasil x Austrália
França x Coreia do Sul

resultados de ontem
Portugal 2 x 0 Iraque
Gana 2 x 0 Rep. Tcheca
Itália 1 x 1 EUA

equipes classificadas
Alemanha, Espanha, Inglaterra, Argentina, Holanda e Portugal

Tenho consciência de que preciso melhorar muito.
Ronaldinho, em entrevista a TVE e ao Globo. **Pág. B2**

JOGO DAS EXPULSÕES
Com um jogador a mais, Itália só empata com os EUA **Pág. B3**

Lula distribui concessões de TV a políticos

Gestão petista também destinou 27 rádios educativas a aliados e opositores; ministro nega critério político

classificados
11.068 ofertas
82 páginas
veículos
Seguro reduz em até 97% gasto com conserto de peças do carro **Pág. 1**
revista
Baladeiros levam movimento na madrugada para ruas dos jardins **Pág. 10 e 11**
ilustrada

A modelo italiana posa para calendário que a SP Fashion Week lança no mês que vem **Pág. 11**

ARRAIÁ DA COPA
Lula e a primeira-dama, Marisa, fazem pose durante festa junina de aniversário em Brasília, iniciada com procissão e decorada em homenagem à colônia. Geraldo Alckmin foi vaiado na noite de sexta na Festa do Pulo de Americana, interior paulista. **Pág. A2 e A3**

METRÓPOLE GAY
Na sua 30ª edição, a Parada Gay teve recorde de público, com cerca de 2 milhões na av. Paulista — 200 mil a mais que em 2005, para a P&G, considerada a maior do mundo, foi animada por 20 trilhões elétricos e pediu punição para crimes homofóbicos. **Pág. C1**

ATMOSFERA **Pág. C2**
S. Centro meteorológico
máximo: 24°C
mínimo: 18°C
humidade: 60% a 70%
vento: 10 a 20 km/h

EDITORIAIS **Pág. A2**
Lula "Pensando em Lula", o líder brasileiro americano "Debates na TV", agenda de propaganda eleitoral.

MAIS
Vargas, 70 anos, fala de política e de seu novo romance **Pág. A2**

ELIO GASPARI
Agência federal age como quem quer bater na torcida da Varig **Pág. A22**

ELVISA LOBATO
OBSERVANDO
Repetida uma prática de sua antecessora, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva distribuiu ao menos sete concessões de TV e 27 rádios educativas a fundações ligadas a políticos. A administração petista também destinou uma TV e dez rádios educativas a entidades de organizações religiosas.
Foram contemplados deputados e senadores de partidos aliados, como o PT, o PTB e o PMDB, e do opositor PSDB. Há ainda deputados estaduais, ex-deputados, prefeitos e ex-prefeitos entre os beneficiários.
Para o deputado federal João Caldas (PT-AL), instituidor do tema fundação contemplada com uma rádio, o envolvimento de políticos com radiofonia não vai mudar. "As pessoas mais influentes são as que têm meios de comunicação. Comunicação é poder".
O ministro Hélio Costa (Comunicações) e seus antecessores no governo Lula, Miro Teixeira e Durvalino Ulveira, negam o uso de critérios políticos para aprovar as concessões. "O que chega é analisado tecnicamente", afirma Costa. **Pág. A14-A17**

Motins em cinco presídios de SP fazem 16 reféns
Preenche de cinco unidades do sistema prisional da região metropolitana e do interior de São Paulo se armaram e fizeram ao menos 16 funcionários reféns. Na final da tarde, o governo diz que a situação estava controlada em três presídios. Tropas de Choque da PM invadiram duas penitenciárias no interior para acabar com levantes do PCP iniciados na sexta. **Pág. C2**

ANEXO A - 7. (Folha de S.Paulo - 25.6.2006).

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL * * * WWW.FOLHA.COM.BR

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 25 DE JUNHO DE 2006
ANOS • Nº 24.207

EDICION SÃO PAULO • B4-600

revista

Consumidores vencem batalha por seus direitos

Vezes casos de consumidores lesados que enfrentaram a má vontade das empresas, foram pacientemente com a demora da Justiça conseguiram ser ressarcidos. **Pág. 3**

mais!

Jung foi agente na 2ª Guerra, afirma biógrafa

Segundo a americana Deirdre Buzque, que lançou no Brasil biografia em dois volumes do psicólogo sul-coreano, foi informante dos aliados na Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial. **Pág. 4**

«cotidiano»

Pais-cangurus ajudam filhos prematuros a se desenvolver

Pág. 10

classificados

11.222 ofertas

133 páginas

empregos

Guia traz dicas de profissionais para início de carreira

Pág. 1 a 12



Marcelo Lima Souza com seus filhos Kati e Sophia

Lula ataca anos FHC e se diz caluniado

Em convenção do PT, presidente lança candidatura a segundo mandato e promete prioridade à educação

Robinho sente leve fisgada na coxa direita

O jogador Robinho sentiu ontem uma fisgada leve na coxa direita, o que acendeu um alerta sobre sua participação no jogo contra Gana.

Alemanha e Argentina duelam na G6

Com as vitórias sobre Suécia (2 a 0) e México (2 a 1), na primeira rodada, Alemanha e Argentina, respectivamente, classificaram-se para as quartas de final e vão se enfrentar na próxima sexta-feira.

Tostão

Será difícil ganhar da Alemanha

VIPS NA COPA

Mordomias e luxo rodeiam celebridades

JOGOS DE HOJE

12h: Inglaterra x Equador

16h: Portugal x Holanda

JOGOS DE AMANHÃ

12h: Itália x Austrália

16h: Suécia x Uruguai

saúde

Estudo descobre gene que indica o risco de desenvolver ulcera

Ilustrada

Autore de "Belíssima", Silvio de Abreu utiliza truque de Hitchcock e dá dicas sobre culpado

EDITORIAIS

Lula "Muito do mesmo", sobre culpa para redigir "Bom dia do noticiário", acusa de propósito de Lula

ATMOSFERA

Temperatura máxima e mínima

Máxima: 30°C

Mínima: 21°C

Sorteio feito pela Globo é investigado por Procuradoria

O Ministério Público Federal investiga sorteios de prêmios feitos pela Rede Globo desde o início da Copa, informou Elvira Lobato.

Anac concede autorização para a venda da VarigLog

Divulga e sob forte pressão política, a diretoria da Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) aprovou na final da noite de sexta-feira o anúncio sobre a venda da VarigLog para a Volo - vinculada ao fundo norte-americano Matlin Patterson - , abrindo uma nova possibilidade de venda da Varig.

Ilustrada

O dia de hoje vai entrar para a história da Mooca. E para a sua também.

TUCSON

O 1º COLADO EM QUALIDADE ENTRE TODOS OS SUVs COMPACTOS DO MUNDO.

Tucson

V6-24V (CVT) Automática com Shifttronic COMPLETO

RS 114.990

0800 55 95 45

HYUNDAI

www.hyundai.com.br

ANEXO B – 2. (O Estado de S. Paulo - 5.5.2006).

Edição de
vô

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA
(1824-1917)
DIRETOR:
RUY MESQUITA

SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 2,50. Demais Estados: ver tabela na página A2.

SEXTA-FEIRA

5 de maio de 2006 - ANO LXXVII, Nº 43.037 www.estado.com.br

Lula não obtém concessões e desautoriza a Petrobrás

Evo acusa empresa de fazer chantagem e Lula diz que investimentos continuam

Denada adiantou para o Brasil a reunião de emergência realizada ontem entre quatro chefes de Estado para discutir a crise aberta pela decisão do governo boliviano de nacionalizar a exploração de reservas de gás natural e petróleo. Após mais de três horas de reuniões portas fechadas, sem testemunhas, com Evo Morales, da Bolívia, Néstor Kirchner, da Argentina, e Hugo Chávez, da Venezuela, tudo o que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tinha para anunciar era que um cronograma de novas reuniões foi marcado, e que a questão do preço do gás boliviano será discutida "democraticamente". Além de não ter tido qualquer indicação da Bolívia de ceder, mesmo que parcialmente, sobre a decisão de nacionalizar, Lula ainda desautorizou o presidente da Petrobrás, Sérgio Gabrielli, que na véspera anunciou que a estatal não mais investirá na Bolívia — o que levou Evo Morales a acusar a empresa de chantagem. O embaixador Sebastião do Rego Barros Netto se diz perplexo com a atitude "timorosa" com que o governo trata a questão. **• PÁG. B1A B2**

DESCONTAÇÃO — Kirchner, Evo, Lula e Chávez, em Puerto Iguazú, negociam sobre preços do gás só começando a semana que vem

FRASES
Luiz Inácio Lula da Silva
 Presidente do Brasil
 "Reconhecemos o papel da Bolívia de definir sua soberania sobre suas riquezas minerais. (...) O Brasil não quer hegemonia, quer parcerias"
Néstor Kirchner
 Presidente argentino
 "Respeitamos a decisão soberana"

'Economist' define: Chávez derrotou Lula
 A revista britânica *The Economist* afirma que a nacionalização dos setores de gás e de petróleo na Bolívia por Evo Morales representou "uma vitória para os planos regionais do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, e uma derrota para o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva". Segundo a publicação, a estratégia de Chávez, que colide com a do Brasil, é construir uma aliança contra os EUA. **• PÁG. B2**

Evo fez decreto sob medida contra estatal
 O governo boliviano limitou os aumentos de impostos exclusivamente aos campos operados pela Petrobrás. O Decreto Supremo publicado na segunda-feira diz que terão taxa extra jazidas com produção diária superior a 100 milhões de pés cúbicos — o que só é o caso dos campos de San Alberto e San Antonio, de onde a estatal brasileira retira metade do volume do gás natural importado pelo Brasil. **• PÁG. B4**

CONFRONTO — Torcedores enfrentam policiais para tentar invadir o gramado do Pacaembu

Vice de Bush faz duro ataque à Rússia
 Moscou chantageia, diz Cheney
 O vice-presidente dos EUA, Dick Cheney, disse que o governo russo "restringiu injusta e inadequadamente" os direitos do povo em muitas áreas, incluindo religião e os meios de comunicação. Foi a mais forte reprimenda da administração Bush à Rússia, até agora. Cheney também acusou a Rússia de usar seus recursos de petróleo e gás "como instrumentos de intimidação ou chantagem". **• PÁG. A25**

Grandes redes aderem ao Farmácia Popular
 Pelo menos quatro redes de farmácias de São Paulo aderiram à expansão do programa Farmácia Popular, que prevê a venda de remédios para diabete e hipertensão com desconto de 90%. A lista de medicamentos conta com cerca de 200 apresentações de oito princípios ativos. **• PÁG. A20**

Funcionários da Volks se unem contra demissões
 Representantes dos trabalhadores da Volkswagen no País se reúnem hoje em São Bernardo para discutir ações que impeçam a demissão de 5.773 trabalhadores até 2008. O programa de reestruturação da empresa pode incluir o fechamento de uma das 5 fábricas. **• PÁG. B12**

Corinthians, derrota e terror
 Depois de alívio e glória, com um gol de Nilmair, o Corinthians foi dominado pelo River Plate, no segundo tempo, e levou três gols em seguida. Logo após o terceiro gol dos argentinos, a torcida quebrou o alambrado do Pacaembu e, furiosa, atacou os policiais militares que faziam a segurança. Faltaram poucos minutos para o final, mas a partida tem restrição. O Goiás foi eliminado pelo Estudiantes. **• PÁG. C12 C2**

Obsolescência do inacabado
 Passado cabelo sírio provoca o peido do Evo Morales, o Brasil estará obrigado a adotar uma nova — e agora muda — política externa, que livre o País da dívida desde os infâncios. **• PÁG. A3**

Salvar o cerrado
 Washington News e é preciso ação urgente para salvar o pouco que restou. **• PÁG. A2**

46 são presos por fraude de R\$ 60 mi
 A Polícia Federal prendeu 46 pessoas, entre elas os ex-deputados Carlos Rodrigues (FL-RJ) e Romivaldo Santiago (PP-AC), assessores e deputados e o líder do PMDB no Senado, Ney Suassuna (PB), além de funcionários de ministérios e empresários. Eles são suspeitos de participar de fraude na compra de mil ambulâncias com verba do orçamento da União. Do total de R\$ 110 milhões, o superfaturamento pode ter sido de R\$ 60 milhões. **• PÁG. A4 A5**

Presidente do TSE acha que Brasil é país do faz-de-conta
 O ministro Marco Aurélio Mello afirmou, ao tomar posse como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que "o Brasil se tornou o país do faz-de-conta". Sem citar nomes, ele mencionou o fato de o presidente Lula dizer, com frequência, que não sabia de irregularidades e escândalos que provocaram um prejuízo milionário e irreversível. Segundo Marco Aurélio, o Brasil passa por "tempos muito estranhos". Ele prometeu um TSE rígido. **• PÁG. A6**

Patrimônio
Casa volta aos donos após 60 anos
 Imóvel tomado de japoneses na 2ª Guerra é devolvido pelo Exército. **• PÁG. C12**

Trânsito
Medo faz motorista ignorar semáforos
 Sinal vermelho não é respeitado à noite nas grandes avenidas. **• PÁG. C12 C3**

Ambiente
Entre as espécies ameaçadas, raias
 Raias e tubarões estão na nova lista de espécies brasileiras ameaçadas. **• PÁG. A21**

BOLETO	COMPRA	VENDA
Corinthians	2.000	20,71
Santos	2.000	2,85
Flamengo	2.168	2,25
Ponte Preta		0,6129

BOLETO	COMPRA	VENDA
Corinthians	2.000	20,71
Santos	2.000	2,85
Flamengo	2.168	2,25
Ponte Preta		0,6129

BOLETO	COMPRA	VENDA
Corinthians	2.000	20,71
Santos	2.000	2,85
Flamengo	2.168	2,25
Ponte Preta		0,6129

ANEXO B - 3. (O Estado de S. Paulo - 6.5.2006).

• Edição de
obras

O ESTADO DE S. PAULO

SÁBADO

SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 2,30. Demais Estados: ver tabela na página A2

6 de maio de 2006 - ANO 127, Nº 4305 - www.estado.com.br

JULIO MESQUITA
(0894-0667)

DIRETOR:
RUY MESQUITA

Lula não quer endurecer com Bolívia: 'Melhor ser carinhoso'

Ele garantiu que, para os consumidores, não haverá aumento do gás boliviano

O presidente Luís Inácio Lula da Silva passou o dia de ontem tentando tranquilizar os brasileiros sobre a manutenção do preço do gás natural ao País e do abastecimento, mas o que conseguiu foi alvoroçar a Petrobrás. "Não tenho dúvida de que o gás não vai aumentar. E, se aumentar, vai aumentar para a Petrobrás, não para o consumidor", disse. Lula negou que esteja sendo pauroso com o governo boliviano. "É um gigante que acha que se der duro resolve o problema. Eu, às vezes, acho que ser carinhoso resolve mais rápido que ser duro". O governo da Bolívia anunciou a nacionalização das reservas de gás e petróleo segunda-feira, e ontem classificou a medida de

A FASE

Lula

Presidente da República
"Não consigo brigar com o Bush que é a nossa potência. Por que vou brigar com a Bolívia?"

"irrevocável". "É justo que queiram tirar do gás uma fonte de enriquecimento para eles. O Brasil, perto da Bolívia, é rico", comentou Lula. No Itamaraty, o discurso do chanceler Celso Amorim foi menos carinhoso. Segundo ele, há um limite para a alta do gás e o Brasil não será refém da Bolívia nas negociações. "Vamos defender, sim, o interesse da Petrobrás". ■ PÁG. 112



«Lula inaugurou em Minas uma linha turística de trem: 'A pior parte é o discurso'» PÁG. A11

Grampo revela participação de parlamentares em fraude

Conversas telefônicas grampadas pela Operação Sanguessuga mostram que parlamentares tinham contato direto com empresários integrantes do esquema que superfaturava a venda de ambulâncias e veículos para prefeituras. Em um dos grampos, o deputado João Caldas (PL-AL) e o empresário Darcil Vecchio - chefe da quadrilha, segundo a Polícia Federal - se tratam por "meu amigo" e "meu patrão". ■ PÁG. 112

Leilão da Varig doméstica tem dez empresas interessadas

Já há mais dez interessados no leilão da parte doméstica da Varig, sem dívidas. O negócio está avaliado em US\$ 700 milhões, com possível subsídio do BNDES, que deve financiar até 50% do valor e conceder empréstimo-ponte de US\$ 100 milhões ao comprador. ■ PÁG. 112

Petrobrás rejeita pagar mais

«O presidente da Petrobrás, José Sérgio Gabrielli, reforçou ontem a disposição da empresa em não ceder a pressões por reajustes no preço do gás boliviano: "A posição da Petrobrás é a de não aceitar aumento de preços".

No mercado, porém, um aumento é tido como certo. O Brasil paga hoje à Bolívia cerca de US\$ 3,2 por 1 milhão de BTUs (unidade de medida energética), enquanto o preço no mercado internacional supera US\$ 5. ■ PÁG. 112

ESPORTES



ESTAVAM LÁ - Leo Varella e os filhos André e Gabriel assistindo

Torcidas organizadas estão proibidas

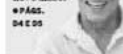
Depois da violência no jogo Corinthians x River Plate, a Federação Paulista de Futebol proibiu a entrada de torcidas organizadas nos estádios paulistas. O jogo Corinthians x São Paulo, amanhã, pelo Brasileiro, foi transferido do Pacembu para São José do Rio Preto. Na quinta-feira, horas antes do natal, a Gaviões da Fiel participou no Procon de encontro para discutir violência. ■ PÁG. 112

Derrotado, Blair troca 9 de seus 20 ministros

O primeiro-ministro britânico, Tony Blair, trocou 9 dos 20 ministros de seu gabinete, abalado por escândalos. A mudança reflete o desprestígio depois das eleições locais e eleições distritais na Inglaterra: apurados votos de 173 de 176 câmaras distritais, o Partido Trabalhista conseguiu 1.174 cadeiras, e o Conservador, 1.711. Os conservadores controlam 68 distritos. Os trabalhistas, 26. ■ PÁG. 112

CADERNO 2 Chico fala de sons, sonhos...

«... cinema, teatro, São Paulo - e de seu cotidiano. ■ PÁG. 112



A aventura de voar num balão

«Acompanhe o voo de um grupo de estudantes. ■ PÁG. 112

Pimenta Neves é condenado a 19 anos, mas não fica preso

Assassino confesso da ex-namorada, Sandra Góme, o jornalista Antonio Marcos Pimenta Neves foi condenado ontem a 19 anos, 2 meses e 12 dias de prisão por homicídio duplamente qualificado - um crime hediondo. Mas saiu do Fórum de Itina livre, e assim ficará a não ser que o Tribunal de Justiça atenda a pedidos da Promotoria, o que pode levar até dois anos. Parentes da vítima reagiram piando o nariz com bofetão. ■ PÁG. 112

NOTAS E INDICAÇÕES

Vexame em Puerto Iguazú

Em nome de uma imagem, Lula parece ter abdicado de defender o interesse nacional. Em Puerto Iguazú, foi um acanhado ator coadjuvante no espetáculo roubado pelo "astro" Hugo Chávez. ■ PÁG. 112

zú, foi um acanhado ator coadjuvante no espetáculo roubado pelo "astro" Hugo Chávez. ■ PÁG. 112

NOTAS

	COMPRA	VENDA
Comercial	2.063	2.096
Turismo	1.850	2.190
Paralelo	2.173	2.273
Reserva		0,52%

TEMPO

Sol predomina, mas, da noite, ganhamos na capital: frio diminui na madrugada. ■ PÁG. 112

NA CAPITAL 12h: 24°C

NOTAS

	NOTAS	NOTAS
A	1º Caderno	36
B	2º Caderno	36
C	3º Caderno	36
D	4º Caderno	36
E	5º Caderno	36
F	6º Caderno	36
G	7º Caderno	36
H	8º Caderno	36
I	9º Caderno	36
J	10º Caderno	36
K	11º Caderno	36
L	12º Caderno	36
M	13º Caderno	36
N	14º Caderno	36
O	15º Caderno	36
P	16º Caderno	36
Q	17º Caderno	36
R	18º Caderno	36
S	19º Caderno	36
T	20º Caderno	36
U	21º Caderno	36
V	22º Caderno	36
W	23º Caderno	36
X	24º Caderno	36
Y	25º Caderno	36
Z	26º Caderno	36

A JHSF TRAZ PARA SÃO PAULO O SHOPPING
CIDADE JARDIM. O SHOPPING INSPIRADO
NAS RUAS MAIS ELEGANTES DO MUNDO.

AGUARDE.



JHSF

EAZ

111.3559-6300



ANEXO B – 4. (O Estado de S. Paulo - 13.5.2006).

● Edição de
hoje

O ESTADO DE S. PAULO

SÁBADO

SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 2,50. Demais Estados: ver tabela na página A2.

13 de maio de 2006 - ANO 127, Nº 41115 www.estado.com.br

JULIO MESQUITA
(0861-3027)
DIRETOR:
RUY MESQUITA

Evo diz que não falou o que falou e se reúne com Lula

Boliviano culpa a imprensa por criar tensão entre ele e o colega brasileiro

Um dia depois de acusar a Petrobrás de sonegação e contrabando, o presidente boliviano Evo Morales voltou atrás e disse que não disse o que disse. Em Viena, onde ele e o presidente Lula estão para uma reunião de cúpula dos países ouroposeu latino-americanos, ele se desmentiu assim: "Eu disse que vamos investigar se as empresas petrolíferas pagam ou não pagam impostos, se fazem contrabando ou não. Isso está sujeito a investigação. Eu disse que há denúncias contra algumas empresas. Não falei da Petrobrás." Ele também insistiu em que "as negociações são o diálogo" em torno da nacionalização das reservas de petróleo e de gás "estão sempre abertas". Sustentou que seu governo "não está ex-

FRASE

Evo Morales
Presidente da Bolívia
"Lamento muito se alguns meios de comunicação disseram que a Petrobrás é contrabandista"

pulsando" a Petrobrás do país e culpou a imprensa brasileira por tentar provocar tensões entre ele e Lula. O presidente Lula e Evo se encontram hoje para um café da manhã de trabalho em Viena. ● PÁGS. B1A-B5

Lucro
A Petrobrás teve lucro de R\$ 6,675 bilhões no primeiro trimestre de 2006, resultado 33% maior do que o mesmo período de 2005. ● PÁGS. B7

FOTO OFICIAL - Manifestante e argentina do Greenpeace protesta contra fábricas no Uruguai. ● PÁGS. B6

Crise sul-americana cancela a cúpula

Países desistem de discutir comércio

O Mercosul cancelou o encontro de cúpula que teria hoje com a União Europeia (UE). Os presidentes da Argentina, Uruguai e Colômbia desistiram da reunião - só ficou o presidente Lula. Os europeus interpretaram o caso

como um sinal claro da incapacidade do bloco sul-americano de solucionar os conflitos internos e da dificuldade de conquistar uma unidade política suficiente para viabilizar um acordo comercial com a UE. ● PÁGS. B6

Carro acaba, casal morre. E o bebê vive

Protegida pela cadeirinha de bebê, Júlia Amaral Souza, de 5 meses, saiu ilesa do sério acidente que matou seus pais, em Minas. Os policiais trabalhavam no resgate quando ouviram o choro e encontraram a menina entre as ferragens. ● PÁGS. C4

Júlia, resgatada, com a avó

Aprovação de Bush cai para 29%

Pesquisa mostra que a popularidade do presidente dos EUA, George W. Bush, é de 29%, nível mais baixo de seu governo - em janeiro era de 43%. A guerra do Iraque foi apontada como principal problema do país. ● PÁGS. A16

200 mortos carbonizados na Nigéria

Um grupo de nigerianos perforou um oleoduto na periferia capital, Lagos. Tentativa de roubo levou à explosão do oleoduto, e mais de 200 pessoas morreram. Os corpos serão enterrados em valas coletivas. ● PÁGS. A20

Livro acusa cartolas de corrupção

Livro de um jornalista inglês acusa João Havelange, ex-presidente da Fifa, e Ricardo Teixeira, presidente da CBF, de corrupção, de se beneficiarem de compra de votos e de usar o futebol para enriquecer. ● PÁGS. E1-E2

PCC faz 19 ataques à polícia e mata oito em SP

Em uma série de 19 ataques atribuídos ao Primeiro Comando da Capital (PCC), foram mortos quatro policiais civis, um carcereiro e um PM em São Paulo e dois guardas-civis de Jandira. Os atentados foram uma resposta à transferência de líderes da facção para São Paulo e de 765 criminosos perigosos para a Penitenciária 2 de Presidente Venceslau. ● PÁGS. C1-C3

Correio renova com empresas acusadas de fraudes

A Empresa de Correios e Telégrafos renovou por um ano contratos com as companhias Sky-master Airlines e Beta, acusadas num esquema de fraudes que pode ter provocado rombo de R\$ 86 milhões nos cofres públicos entre 2000 e 2005. As empresas vão operar linhas da Rede Postal Aérea Noturna dos Correios. O valor dos contratos é de R\$ 90 milhões. ● PÁGS. A4

CADERNO 2 Batucam eletrônica no sambódromo

● Serão 17 horas de música para 57 mil pessoas no Sítio do Buté, no Anhembi. Os ingressos estão esgotados. ●

Atletismo Um novo recorde: 100 metros em 9s76

● O americano Justin Gatlin superou marca no Super Grand Prix do Catar. ● PÁGS. E3

Saúde Antidepressivo causa risco para adultos

● Já se sabia do perigo do Paxil (Aropax) para crianças e adolescentes. ● PÁGS. A22

NOTAS E INFORMAÇÕES

Reaprender as lições de Rio Branco

O Itamaraty não será capaz de resgatar os interesses e a dignidade nacionais enquanto perdurar essa

ineficiência política. Para mudá-la, seus principais ideólogos e mentores precisam ser demitidos. ● PÁGS. A3

DÓLAR

	COMPRA	VENDA
Comercial	2,142	2,144
Turismo	2,078	2,130
Paralelo	2,388	2,505
Poupança		0,027%

TEMPO

Dia começa e termina com chuva fraca, mas o sol aparece entre nuvens. ● PÁGS. C2

NA CAPITAL 12% MIN. 22% MÁX.

HOJE

	1ª Caderno	2ª
A	1ª Caderno	2ª
B	3ª Caderno	4ª
C	5ª Caderno	6ª
D	7ª Caderno	8ª
E	9ª Caderno	10ª
F	11ª Caderno	12ª

114 páginas

	Classificados
A	1ª Caderno
B	3ª Caderno
C	5ª Caderno
D	7ª Caderno
E	9ª Caderno
F	11ª Caderno

A JHSF TRAZ PARA SÃO PAULO O EMPREENDIMENTO COM O MAIOR

ÍNDICE DE PRESERVAÇÃO DE ÁREAS VERDES DA CIDADE.

AGUARDE.

JHSF EAZ

111-3889-8300

ANEXO B – 7. (O Estado de S. Paulo - 18.6.2006).

• Edição das 22h15

SP, RJ, MG, PR e SC: R\$ 4,00. Demais Estados: ver tabela na página A2.

O ESTADO DE S. PAULO

DOMINGO

18 de junho de 2006 - ANO 127. Nº 41131 www.estado.com.br

JULIO MESQUITA
(051-567)

DIRETOR:
RUY MESQUITA

CULTURA

Só no Brasil tem que reinar cerca de 1.500 documentos escritos por Beethoven.

CLASSIFICADOS
13.738 é o total de ofertas
7.634 anúncios classificados
2.080 de imóveis

autos
Avaliamos o Sima 14 Tetraflex, que chegará às lojas a partir do final de junho.

Um caçula no comando
Quem manda na seleção hoje é Kaká. Mais jovem dos titulares, ele surge como líder dentro e fora do campo. **• PÁG. 13**

Turbulência já significou perda de US\$ 187 bi

Essa é a redução de valor das ações negociadas na Bovespa

A turbulência financeira global já significou redução de US\$ 187 bilhões no valor de mercado das empresas com ações negociadas na Bolsa de Valores de São Paulo, em pouco mais de um mês. As perdas foram mais significativas – US\$ 41 bilhões – entre os bancos, uma queda de 32%, segundo levantamento da consultoria Econômica. As empresas de petróleo e gás ficaram em segundo lugar na lista dos maiores perdedores e as da

Austrália, decisão para o quadrado

Jogo, às 13h, põe em xeque o ataque que não funcionou contra a Croácia

Mais pressionada do que nunca, a seleção brasileira enfrenta hoje a Austrália, às 13h de Brasília, na segunda rodada do Grupo F. Ninguém aposta que ela ficará de fora da próxima etapa da Copa, mas o sistema de jogo está em xeque. O quadrado mágico de ataque – baseado em Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano – não funcionou na fraca apresentação de estreia contra a Croácia. Exceto por Kaká, o quadrado travou em todas as pontas. “Só espero que renda mais, porque é composto por jogadores de qualidade”, disse o técnico Parreira. Ele deu a entender que poderá mudar no time se o esquema não funcionar. Os outros setores, antes tão criticados, passaram sem sobresaltos pelo teste inicial. **• PÁG. 12**

INIMIGOS, INIMIGOS: FUTEBOL À PARTE

de de Bilin, a poucos quilômetros de Ramallah, receberá a visita de paolistas israelenses. Eles assistirão juntos a Brasil x Austrália num telão ao lado do muro que Israel constrói sob a alegação de querer evitar ataques terroristas – e que os palestinos qualificam de “muro do apartheid”. **• PÁG. 12**

Lula promete dar a aliados ministérios inteiros

No segundo mandato – é o que o presidente Lula está prometendo aos partidos que apoiaram –, vai ser assim: quem tiver um ministério poderá preencher todos os cargos, de cima a baixo, inclusive nos estados do setor. Isso, no jargão político, se chama “porteira fechada”. Lula tem garantido aos aliados que o PT, hoje ocupando 16 das 32 pastas, perderá espaço. **• PÁG. 14**

MP pedirá inquérito contra mais 30 deputados

A Procuradoria-Geral da República vai pedir ao Supremo Tribunal Federal a abertura formal de inquérito contra outro grupo de deputados. São mais 30 parlamentares suspeitos de envolvimento nos fraudes do esquema de venda de ambulâncias superinfladas, descoberto pela Polícia Federal com a Operação Sangue Negro. Quinze deputados já estão sob investigação. **• PÁG. 15**

PARADA GAY: A MAIOR BALADA

23 trios elétricos animaram ontem 2,4 milhões de pessoas na 10.ª Parada Gay, que teve início na Av. Paulista. **• PÁG. 16**

Em Jaú, o recorde de transplantes de medula

Fica em Jaú, no interior paulista, o hospital recordista em transplantes de medula óssea do País. Um grande número de pessoas com prescrição para tratamento vai para a Fundação Doutor Amador Carvalho. Ali, a fila é quase inexistente, e todos os leitos são ocupados para o transplante. O hospital também modificou a vida da cidade, pois os pacientes têm que ficar lá por 90 dias. **• PÁG. 18**

BOCA

	COMPRADO	VENDIDO
General	2.240	2.240
Tulio	22.8	2.35
Magalhães	2.240	2.240
Clayton	2.240	2.240
Trupia	2.240	2.240

BOCA

Massa de ar polar marítima e tempo úmido pela manhã no Estado. **• PÁG. 19**

BOCA

Massa de ar polar marítima e tempo úmido pela manhã no Estado. **• PÁG. 19**

ANEXO B - 8. (O Estado de S. Paulo - 22.6.2006).

Edição de 0h15

SP, RJ, MG, PR, SC: R\$ 2,50. Demais Estados: ver tabela na página A2

O ESTADO DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA

22 de junho de 2006 - ANO 127 - Nº 4185 www.estado.com.br

JULIO MESQUITA
(1891-4077)

DIRETOR:
RUY MESQUITA

Lula enfrenta TSE e garante reajuste

Para o tribunal, aumento dado a servidores após 4 de abril é irregular, mas o presidente o considera legal

O governo reagiu ontem contra a manifestação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sobre os reajustes salariais autorizados pelo presidente Lula. Início Lula da Silva para servidores públicos. O TSE concluiu, ontem, que a legislação eleitoral só permitia aumentos superiores à inflação até 4 de abril (80 dias antes das eleições). Lula disse acreditar que a própria manifestação do tribunal dá garantias de que a concessão de aumentos não é ilegal. "Não há nenhuma razão para preocupação ou nervosismo", disse. A Advocacia-Geral da União (AGU) argumenta que a decisão do TSE proíbe apenas um reajuste



...O presidente Lula foi à posse de Carmen Rocha no STF. **• PÁG. A3**

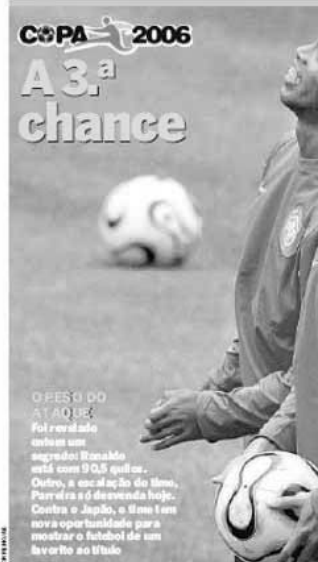
Agentes discutem efeito eleitoral do Bolsa-Família

Os principais cabos eleitorais do presidente Lula encerraram ontem um encontro nacional em Brasília. São os 1.500 coordenadores dos Centros de Referência de Assistência Social (Cras), órgãos que distribuem os benefícios do Bolsa-Família. Entre eles há eleitores e não-eleitores de Lula, mas todos reconhecem o potencial eleitoral dos benefícios distribuídos por

TGV admite: não deve ter dinheiro para levar a Varig

VarigLog faz proposta de US\$ 500 mi

O coordenador da associação Trabalhadores do Grupo Varig (TGV), Márcio Mantille, admitiu a possibilidade de não ter como depositar, até amanhã, o sinal de US\$ 75 milhões para validar oferta de US\$



COPA 2006
A 3ª chance

OPES DO ATAQUE: Foi revelado ontem um segredo: Ronaldo está com 90,5 quilos. Outro, a localização do time, Parreira só descobriu hoje. Contra o Japão, o time tem nova oportunidade para mostrar o futebol de um favorito ao título.



Tarifa vai cair em 13 praças de pedágio de SP

A partir de dia 1º, a tarifa em 13 dos 79 pedágios em estradas paulistas vai cair de R\$ 0,10 a R\$ 0,20. É a primeira vez que a redução, que vale na Anhietã, Imigrantes, Anhanguera, Bandeirantes e Castelo Branco, entre outras rodovias. **• PÁG. C2**

Advogado de Saddam é seqüestrado e morto

Um dos principais advogados-escudo-presidente iraquiano Saddam Hussein foi encontrado morto a tiros, após ter sido seqüestrado em sua casa. Khamis al-Obeidi é o terceiro integrante da defesa assassinado desde o início do julgamento. **• PÁG. A12**

Parreira faz mistério sobre quem joga

Treinador diz que só decidirá "em cima da hora", o que indica mudança no time

paladar

Todos os sabores e aromas do chá

Preparação e degustação da bebida envolvem rituais e segredos. **• PÁG. 12**

VÍDEOS
«A Aveia Hero d'Avôla é a estrela da produção na Sicília. **• PÁG. 12**

CADERNO 2
Nos sets dos filmes que vamos ver

«Estado mostra cenas que o cinema brasileiro apronta para breve. **• PÁG. 12**

Irã: resposta aos benefícios só em 2 meses

O presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, disse ontem que responderá no dia 22 de agosto à proposta da UE e EUA para a suspensão do enriquecimento de urânio. O presidente americano, George W. Bush, considera longo o prazo. **• PÁG. A20**

Remédio para colesterol reduz catarata

Remédios à base de estatina, usados para reduzir os níveis de colesterol, podem diminuir em 45% a incidência do tipo mais comum de catarata, segundo estudo feito com 1.300 pacientes. No Brasil, 2 milhões de pessoas têm catarata. **• PÁG. A21**

PORTUGAL AVANÇA



«Felipe comemora vitória de Portugal contra o México. Nas oitavas, equipe enfrenta a Holanda. **• PÁG. A2**

CRÔNICA

Viajando sem GPS

Veríssimo: A partir de agora, o único caminho para as seleções que perdem é o de casa, e não há sistema de navegação via satélite que as ajude. **• PÁG. C3**

JOGOS DAS OITAVAS

Sábado, 22 horas, em Munique: Portugal x Suíça. **• PÁG. C3**
Sábado, 21 horas, em Leipzig: Argentina x México. **• PÁG. C3**
Domingo, 22 horas, em Stuttgart: Inglaterra x Eslovênia. **• PÁG. C3**
Domingo, 21 horas, em Nuremberg: Portugal x Holanda. **• PÁG. C3**

O PRÓXIMO ALVO

Au 11h em República Checa x Itália e Gana x EUA. Um deles pagará o Brasil. **• PÁG. C3**

CONFIRA

Resultados de ontem
Portugal 2 x 1 México
Itália 1 x 1 Áustria
Holanda 0 x 0 Argentina
C. do Martin 3 x 2 Sérvia e M.

Jogos de hoje
11h: Rep. Checa x Itália
✓ Gêlo, Bandeira, SporTV2 e ESPN Brasil
13h: Gana x EUA
✓ SporTV e ESPN Brasil2
16h: **Japão** **Brasil**
✓ J. de E. (FRA)
Local: Westfalenstadion, em Dortmund
TV: Gêlo, Bandeira, SporTV2 e ESPN Brasil
18h: Croácia x Austrália
✓ SporTV2 e ESPN Brasil2

NOTAS E INFORMAÇÕES

Cartão amarelo para o candidato

O Tribunal Superior Eleitoral finalmente mostrou ao presidente da República que há limites para as medidas acionadas eleitorais que vem tomando nos últimos meses. **• PÁG. A3**

NOTAS E INFORMAÇÕES

Cartão amarelo para o candidato

O Tribunal Superior Eleitoral finalmente mostrou ao presidente da República que há limites para as medidas acionadas eleitorais que vem tomando nos últimos meses. **• PÁG. A3**

NOTAS E INFORMAÇÕES

Cartão amarelo para o candidato

O Tribunal Superior Eleitoral finalmente mostrou ao presidente da República que há limites para as medidas acionadas eleitorais que vem tomando nos últimos meses. **• PÁG. A3**

ANEXO C – 1

Tabela 1 – Enunciados/Signos nos jornais

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 2.5.2006	Bolívia nacionaliza petróleo e gás; Exército ocupa Petrobrás	GUERRA ECONÔMICA
	Lula diz que será julgado pelo povo e quer PMDB	TRIBUNAL
Folha de S. Paulo 2.5.2006	Bolívia nacionaliza gás e petróleo	GUERRA ECONÔMICA
	Lula diz que PT tem de saber a 'importância da reeleição'	CAMPANHA

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 5.5.2006	Lula não obtém concessões e desautoriza a Petrobrás	FRACASSO
	DESCONTRAÇÃO – Kirchner, Evo, Lula e Chávez, em Puerto Iguazú: negociações sobre preços do gás só começam na semana que vem	INGENUIDADE
	Evo acusa empresa de fazer chantagem e Lula diz que investimentos continuam	CHANTAGEM
	'Economist' define: Chávez derrotou Lula	DERROTA
Folha de S. Paulo 5.5.2006	Reunião mantém indefinições sobre gás	INDEFINIÇÕES
	Encontro de presidentes de Brasil, Argentina, Venezuela e Bolívia não definiu parâmetros para preço nem garantias a empresas estrangeiras	INDEFINIÇÕES
	Da esq. para dir., Morales, Chávez, Kirchner e Lula conversam em reunião em Puerto Iguazú, na fronteira com o Brasil	REUNIÃO / INTROSPECÇÃO
	Apoio de Lula divide Marta e Mercadante sobre indicação	CAMPANHA

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 6.5.2006	Lula não quer endurecer com Bolívia: 'Melhor ser carinhoso'	INGENUIDADE
	Lula inaugurou em Minas uma linha turística de trem: 'A pior parte é o discurso'	DESPREOCUPAÇÃO
	Ele garantiu que, para consumidores, não haverá aumento do gás boliviano	DEMAGOGIA
Folha de S. Paulo 7.5.2006	Crise fará energia encarecer ou faltar	CRISE / AUMENTO DE PREÇO
	Se o consumo de gás for desestimulado devido à crise com a Bolívia, o setor elétrico não terá condições de suprir a demanda futura	CRISE
	LONGE DAS CRISES Lula passeia na fazenda do ministro do Turismo, Walfrido Mares Guia, em Santo Antônio do Leite (a 25 km de Ouro Preto); presidente decidiu descansar após inaugurar locomotiva em Minas	LAZER

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 13.5.2006	Evo diz que não falou o que falou e se reúne com Lula	REUNIÃO
	FOTO OFICIAL – Manifestante argentina do Greenpeace protesta contra fábricas no Uruguai.	PROTESTO
	Boliviano culpa a imprensa por criar tensão entre ele e o colega brasileiro	AMIZADE
Folha de S. Paulo 13.5.2006	Morales recua e diz que Petrobrás é sócia	AMIZADE
	Presidente da Bolívia nega ter chamado estatal brasileira de 'contrabandista' e afirma que atrito com Lula se deve a 'tergiversação' da mídia	NEGAÇÃO
	Diante de chefes de Estado em Viena, a argentina Evangelina Carozzo exhibe cartaz de protesto contra fábricas de celulose	PROTESTO

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 2.6.2006	Governo quer tornar permanente a CPMF	IMPOSTO
	Para o ministro do Planejamento, a idéia terá de ser aplicada em 2007	IMPOSTO
	Lula desafia oposição a exibir 'tortura' de petistas na CPI	CRIME
	EM AÇÃO – Lula em obra de gasoduto no Amazonas: "Predestinado"	CAMPANHA
	Ele se referia à campanha eleitoral. Para Alckmin, é cinismo	DISPUTA
Folha de S. Paulo 2.6.2006	Lula desafia a oposição, e Alckmin o chama de cínico	DISPUTA
	Presidente diz que espera que adversários usem imagens de CPIs na TV	DISPUTA
	Eduardo Braga, governador do AM, Lula e Gabrielli, presidente da Petrobrás, em obra de gasoduto	INAUGURAÇÃO

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 18.6.2006	Turbulência já significou perda de US\$ 187bi	PRECARIEDADE ECONÔMICA
	Essa é a redução de valor das ações negociadas na Bovespa	PRECARIEDADE ECONÔMICA
	Lula promete dar a aliados ministérios inteiros	FAVORECIMENTO
	Bussunda morre de enfarte na Alemanha	ALTER EGO / PARÓDIA
	Bussunda na pele de um de seus personagens, Lula	ALTER EGO / PARÓDIA
	Humorista da Globo tinha 43 anos	ALTER EGO / PARÓDIA
Folha de S. Paulo 18.6.2006	Lula distribui concessões de TV a políticos	FAVORECIMENTO
	Gestão petista também destinou 27 rádios educativas a aliados e opositores; ministro nega critério político	FAVORECIMENTO
	ARRAIÁ DA COPA Lula e primeira-dama, Marisa, fazem pose durante festa junina de anteontem em Brasília, iniciada com procissão e decorada em homenagem à seleção; Geraldo Alckmin foi vaiado na noite de sexta na Festa do Peão de Americana, interior paulista	LAZER / DISPUTAS
	Bussunda morre aos 43 na Alemanha	ALTER EGO / PARÓDIA
	memória	ALTER EGO / PARÓDIA
	Bussunda como Ronaldo	ALTER EGO / PARÓDIA

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 22.6.2006	Lula enfrenta TSE e garante reajuste	AUTORITARISMO
	O presidente Lula foi à posse de Cármen Rocha no STF	AGRADO / AGRESSÃO
	Para o tribunal, aumento dado a servidores após 4 de abril é irregular, mas o presidente o considera legal	CRIME / AUTORITARISMO
Folha de S. Paulo 25.06.2006	Lula ataca anos FHC e se diz caluniado	DISPUTA
	Em convenção do PT, presidente lança candidatura a segundo mandato e promete prioridade à educação	CAMPANHA
	Em convenção petista, o presidente Lula acena para partidários entre a mulher, Marisa, e o seu candidato a vice, José Alencar	CAMPANHA

Jornal	Enunciado	Signo
O Estado de S. Paulo 26.5.2006	Superávit é recorde e ajuda na recuperação dos mercados	PROSPERIDADE
	Bolsa subiu e dólar caiu, afetados também por notícias sobre a economia nos EUA	PROSPERIDADE
	Chirac e Lula tomam caipirinha em visita ao Brasil, o presidente francês disse que a União Européia já fez tudo o que podia pela abertura do mercado agrícola	COMEMORAÇÃO
	BRASIL E FRANÇA: UM BRINDE SEM ACORDOS	COMEMORAÇÃO / FRACASSO / BEBIDA
Folha de S. Paulo 30.6.2006	Alckmin sobe, Lula vence no 1º turno	DISPUTA
	Tucano cresce de 22% para 29% desde o final de maio, enquanto intenção de voto no presidente fica estável	DISPUTA
	CAI A DIFERENÇA, MOSTRA O DATAFOLHA	DISPUTA

ANEXO C – 2

Tabela 2 - Enunciados/signos nos jornais e a produção de sentido

(capas de jornais em que aparece a palavra Lula em destaque com a ausência da imagem de Lula)

Data	Jornal	Local	Enunciado	Signo	Produção de sentido na interação
1º.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Procuradoria vai apurar se Lula beneficiou BMG	CRIME	Lula aparece como alguém que deve ser investigado por uma suposição.
3.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	<i>Lula rege política externa desastrosa</i>	INCOMPETÊNCIA	Este título é uma chamada para um artigo opinativo que trás críticas ao governo Lula sobre sua relação com outros países.
3.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	Decisão de Evo deixa Planalto aturdido e irritado; Lula inicia negociações	IRRITAÇÃO / NEGOCIAÇÃO	Relacionado ao Planalto está a irritação contra o ato unilateral de Evo Morales; relacionado a Lula, está a negociação.
4.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	Para Lula, não há crise: 'A situação está muito mais tranqüila do que parece'	TRANQUILIDADE	Na eminência de faltar gás no Brasil, do aumento generalizado de preços devido a isso, o jornal relaciona fala em que Lula afirma que situação está tranqüila.
6.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Petrobrás pagará alta do gás, diz Lula	PREJUÍZO	Para Lula o prejuízo deverá ser pago por brasileiros.
9.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	OAB rejeita Impeachment e pede que Lula seja investigado	INVESTIGAÇÃO	Para acusar, deve-se investigar primeiro.
9.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Mercadante vai colar em Lula	CAMPANHA	A campanha presidencial contará com o apoio irrestrito de Mercadante.
9.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	OAB troca impeachment por queixa contra Lula	CRIME	Acusação de crime passa a ser queixa
10.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	Segundo ministro, Lula explicitou aos dois presidentes a insatisfação do Brasil; Amorim ouviu duras críticas de senadores ao governo no caso do gás	CRÍTICA	A crítica demonstra que o governo é fraco nas negociações com a Bolívia.
11.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Lula veta proibição a cena externa em programa eleitoral	ELEIÇÕES	Lula articula regras para as eleições.
12.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	- Presidente da Bolívia diz que a Petrobrás sonega – Em tom muito duro, define como ilegais e inconstitucionais os contratos da estatal – Retira Brasil da lista de países amigos – Declarações deixaram governo chocado e indignado – Chávez humilhou Lula, resume a revista <i>The Economist</i>	CRIME / HUMILHAÇÃO	O Brasil é acusado de ser sonegador praticar atitudes ilegais e inconstitucionais, comete crimes e é retirado da lista de países amigos da Bolívia. Isso tudo deixou governo brasileiro chocado e indignado. Uma importante revista internacional de economia diz que Lula foi humilhado, evidenciando um governo sem ação.
12.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo secundário	Chávez: 'Lula sobre pressão da oligarquia'	FRANQUEZA	O enunciado demonstra que o presidente da Venezuela fala abertamente que Lula é fraco.
14.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Para Lula, crise do gás tinha 'muita fumaça e pouco fogo'	CRISE	A crise não é tão grave para Lula.
14.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Evo e Lula se reúnem e acertam trégua no conflito	TRÉGUA	Em reunião é acertada trégua sem soluções.
17.5.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Paulistano culpa Justiça, Lula e Alckmin	CULPA	Sobre os problemas relacionados a segurança do paulistano todos os governantes são culpados.
17.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula corta R\$ 14,2 bi do orçamento deste ano	CORTE	Redução de investimentos é porque Lula quer.
21.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Campanha não declarada de Lula já custou R\$ 4 mi ao País	CRIME	O crime praticado por Lula gera despesas ao povo Brasileiro
22.5.2006	Folha de S.Paulo	Título principal	Lula elogia atitude de Lembo e ataca Serra e Cesar Maia	DISPUTA	Acusações entre situação e oposição deflagram disputa pela opinião pública em período pré-eleitoral
23.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula quer gastar e não ver dinheiro 'mofando'	GASTO	Lula é um gastador das reservas de dinheiro do governo. Poderia ser um investidor.
24.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula: nada fará mudar a política fiscal ou o câmbio	ARROGÂNCIA	Não importa como está a política cambial, e sim que Lula não mudará sua atitude com relação a isso.
25.5.2006	Folha de S.Paulo	Título principal	Cresce chance de Lula vencer no 1º turno	CAMPANHA	No jornal Folha de S.Paulo o sentido da campanha aparece como possibilidades, chances da vitória de Lula no primeiro turno.
25.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título principal	Pesquisa indica que Lula ganha no 1º turno	CAMPANHA	No Jornal O Estado de S. Paulo o sentido não é de vitória e sim de ganho, um alerta indicado por uma pesquisa.

25.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	Aproximação com pobres é o que mais rende votos ao petista	POPULISMO	A massa popular rende votos a Lula. Este enunciado lido por "não pobres" serve como alerta.
27.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Para vencer no 1º turno, Lula pode sacrificar PT nos Estados	EGOÍSMO	Lula pode apelar e buscar vitória a qualquer custo.
29.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Têxtil apela a Lula contra China	APELO	Para reivindicar ao presidente Lula, precisa apelar.
30.5.2006	Folha de S. Paulo	Título principal	Governo Lula planeja dar Bolsa-Família a acampados	CAMPANHA	Em período eleitoral, programas sociais parecem programas eleitorais.
30.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Folheto faz campanha antecipada de Lula	CAMPANHA	Lula comete erro em fazer campanha antecipada.
31.5.2006	Folha de S. Paulo	Título secundário	Área social rende maior parcela de votos de Lula	POPULISMO	Trabalho de Lula com atividades sociais é que dá melhor resultado eleitoral.
31.5.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula aumenta salário de servidores	CAMPANHA	Aumento é uma estratégia de campanha eleitoral.
31.5.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo secundário	Custo será de R\$ 1,4 bilhão este ano	DESPESA	A campanha gera despesas ao orçamento público.
01.6.2006	Folha de S. Paulo	Título secundário	Lula negocia com Quêrcia vice do PMDB em sua chapa	NEGOCIAÇÕES	Negociações políticas para composição de chapa para a eleição.
01.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula recebe Quêrcia e oferece vaga de vice ao PMDB	NEGOCIAÇÕES	Negociações (recebe e oferece), como se a vaga ofertada dependesse de pagamento.
03.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula esquece o 'paz e amor' e ataca FHC e Alckmin	DISPUTA	Lula é agressivo na disputa eleitoral.
05.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Alckmin ataca Lula e diz não temer 'cara feia'	DISPUTA	Alckmin reage contra a cara feia de Lula.
06.6.2006	Folha de S. Paulo	Título secundário	OAB pede apuração de 3 supostos crimes de Lula	CRIME	Lula deve ser investigado.
06.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	PMDB, sem coligação formal com Lula	CAMPANHA	Lula não consegue oficializar apoio do PMDB, e foi Lula que não conseguiu, e não o PT. As coligações só ocorrem entre partidos e não entre candidatos e partidos.
07.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	O próprio Lula deu a senha para a ilegalidade	CRIME	Lula ajudou criminosos, portanto é criminoso.
09.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula deu R\$ 5,6 mi a órgão ligado ao MLST	CRIME	Lula ajudou criminosos, portanto é criminoso.
10.6.2006	Folha de S. Paulo	Título secundário	'Como dizem que estou gordo, dizem que Lula bebe', afirma Ronaldo	IRONIA	Lula encontra-se na afirmação de um jogador de futebol, associado a ironia.
11.6.2006	Folha de S. Paulo	Título principal	Lula cria 'renda chinesa', mas reduz investimentos	CONTRA-SENSO	Lula aumenta renda sem reduzir investimentos.
11.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título principal	Alckmin promete devassa da gestão Lula	DISPUTA	Existem coisas obscuras na gestão presidencial de Lula.
12.6.2006	Folha de S. Paulo	Título secundário	Alckmin fala de segurança e FHC critica Lula em BH	CAMPANHA / DISPUTA	Em campanha, partidários diminuem concorrentes com críticas.
12.6.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	Dados levantados pelo Estado mostra que Lula usou principalmente aumento de impostos e redução nos investimentos para acertar as contas	INCOMPETÊNCIA	O próprio Estado demonstra que para acertar as contas, Lula aumenta impostos e reduz investimentos, isso é incompetência do presidente.
13.6.2006	Folha de S. Paulo	Título principal	Vice de Alckmin diz que Lula só viaja e bebe muito	DISPUTA	Acusações esquentam o clima eleitoral.
14.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título principal	Lula amplia vantagem, diz Ibope	CAMPANHA	No Jornal O Estado de S. Paulo o enunciado aparece como um alerta da vantagem de Lula na campanha.
15.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula lança no Rio intenção de obra para 2011	CAMPANHA	A campanha acontece com obra que será executada em 2011, crítica o jornal.
16.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Esquerda pode retirar apoio a Lula na eleição	NEGOCIAÇÕES	Nem a própria esquerda apoia Lula.
17.6.2006	Folha de S. Paulo	Título principal	Oposição não tem caráter e faz jogo rasteiro, diz Lula	DISPUTA	Críticas eleitorais.
17.6.2006	Folha de S. Paulo	Subtítulo principal	Presidente reage ao vice de Alckmin, que o acusou de beber muito e só viajar	DISPUTA	Críticas eleitorais.
17.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula rebate ataque do PFL: 'Eles não têm caráter'	DISPUTA	Críticas eleitorais.
20.6.2006	Folha de S. Paulo	Título secundário	Na campanha, Lula vai trocar inaugurações por 'vitorias'	CAMPANHA	Estratégias eleitorais.
20.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Bush apoia encontro sobre comércio global	SUBMISSÃO	Lula precisava de apoio de Bush.
20.6.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo secundário	Sinal verde foi dado por telefone a Lula	SUBMISSÃO	"Sinal verde foi dado por telefone", como se fosse uma permissão.

21.6.2006	Folha de S.Paulo	Título principal	CPI pede indiciamento de amigo de Lula	CRIME	Amigo de Lula é criminoso, suspeita sobre Lula.
22.6.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Vice de Alckmin chama Lula de 'nordestino desnaturado'	DISPUTA	Críticas eleitorais. Acusações que ferem o caráter do presidente.
23.6.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Alencar aceita convite de Lula para continuar como seu vice	NEGOCIAÇÕES	Acordos eleitorais.
24.6.2006	Folha de S.Paulo	Título secundário	Lula assume hoje candidatura para 'aprofundar mudanças'	CAMPANHA	Candidatura à reeleição com promessas eleitorais.
24.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula não recua e aumento pode ir ao Supremo	CRIME	Lula enfrenta até mesmo a justiça para seu favorecimento em campanha.
25.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título principal	Lula enfrenta TSE e garante reajuste	CRIME	Lula enfrenta até mesmo a justiça para seu favorecimento em campanha.
26.6.2006	Folha de S.Paulo	Título principal	FHC diz que Lula ganha em 'corrupção'	DISPUTA / CRIME	Lula é corrupto e se dá bem.
26.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	FHC: Lula é bom de garganta e apenas ganha em corrupção	DISPUTA / CRIME	Lula é corrupto, bom de discurso e se dá bem.
27.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Lula ignora TSE e reajusta salários por MP amanhã	CRIME	Lula enfrenta até mesmo a justiça para seu favorecimento em campanha.
28.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Para Lula, foi ele quem arrumou a economia	OPINIÃO	A economia vai bem, e na opinião de Lula, foi ele que fez um bom trabalho.
29.6.2006	Folha de S.Paulo	Título principal	Governo acelera Bolsa-Família a 3 meses da eleição	CAMPANHA	Bolsa-Família será cabo eleitoral.
29.6.2006	Folha de S.Paulo	Subtítulo principal	Lula anuncia o cumprimento da meta de atender 11,1 milhões de famílias; 1,8 milhão foi incluído em um mês	CAMPANHA	Bolsa-Família será cabo eleitoral.
29.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título principal	Rodrigues sai da Agricultura para evitar pressões de Lula	COERÇÃO	Subordinados de Lula sofrem com o chefe.
29.6.2006	O Estado de S. Paulo	Subtítulo principal	Ministro não aceita critérios de reforma agrária e não quer participar da campanha	COERÇÃO	Subordinados de Lula sofrem com o chefe.
30.6.2006	O Estado de S. Paulo	Título secundário	Vantagem de Lula diminui à metade, diz Vox Populi	CAMPANHA	Lula perde vantagem para seu concorrente.

ANEXO C – 3

Tabela 3 - Descrição comparativa das capas dos jornais

	Jornal Folha de S.Paulo	Jornal O Estado de S. Paulo
1) Verificação em 61 capas durante 5 e 6.2006		
Não consta	28 Capas	20 Capas
Palavra Lula	36 Citações em destaque em 33 capas	50 Citações em destaque em 41 capas
2) Locais verificados		
Título principal	13citações	8citações
Subtítulo principal	4citações	8citações
Legenda foto principal	2citações	0citações
Título secundário	17citações	30citações
Subtítulo secundário	0citações	4citações
	soma 36	soma 50

Fonte: jornal Folha de S.Paulo e jornal O Estado de S. Paulo